

Daniel Basso Polezi

Cooperativismo, indústria têxtil e educação: um registro da
utopia à precarização na indústria da moda.

UNISAL

Americana

2008

Daniel Basso Polezi

**Cooperativismo, indústria têxtil e educação: um registro da
utopia à precarização na indústria da moda.**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação à Comissão Julgadora do UNISAL, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Francisco Martins.

UNISAL

Americana

2008

Polezi, Daniel Basso
P822c Cooperativismo, indústria têxtil e educação: da utopia
à precarização na indústria da moda / Daniel Basso
Polezi. – Americana: Centro Universitário Salesiano de
São Paulo, 2008.
225 f.

Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL – SP.
Orientador: Prof. Dr. Marcos Francisco Martins.
Inclui bibliografia.

1. Cooperativismo – História. 2. Cooperativismo –
Brasil. 3. Indústria têxtil – Cooperativismo – Americana
(S.P.). 4. Moda – Precarização do mercado. 5. Mercado
de moda e educação. I. Título.

CDD – 334.0981612Am

Catálogo elaborado por Terezinha Aparecida Galassi Antonio
Bibliotecária do Centro UNISAL – UE – Americana – CRB-8/2606

Comissão Julgadora

Prof. Dr. Marcos Francisco Martins (Orientador)

Prof. Dr. Paulo de Tarso Gomes (Membro interno)

Prof. Dr. Luiz Bezerra Neto (Membro Externo)

À Maria Burato Basso e Joana Barreto Polezi,

pois dedicaram suas vidas a dois homens

que sempre me espelharei:

Sebastião Basso e Guerino Polezi.

AGRADECIMENTOS

À minha família não devo citar nomes, pois o laço que faz esta união dispensa a necessidade. Somos um.

Ao UNISAL, pela bolsa que financiou este trabalho e seus professores, que sempre me apoiaram. Em especial, devo citar meu orientador, Dr. Marcos Francisco Martins, que não poupou esforços e seu precioso tempo neste período de orientações para a elaboração da dissertação. Ao eternamente querido padre Dr. Manoel Isaú, que abriu suas portas para me receber. Ao Dr. Augusto João Crema Novaski e à sua esposa Lúcia, que me permitiu ter com ele um curso que jamais esquecerei.

À banca de qualificação, que além de meu orientador, foi composta pelos professores Dr. Paulo de Tarso Gomes e pelo Dr. Luiz Bezerra Neto. Suas contribuições sinceras ajudaram muito na conclusão desse trabalho.

À querida Maria Adelina Pereira, que me convidou a fazer parte de sua equipe, à Maria Alice Ximenes, que tanto me incentivou e tanto me participou em seus grupos de trabalho.

Aos professores e colegas da UNICAMP, especialmente ao Dr. Etienne G. Samain e sua esposa Godelieve, amigos que me fizeram crescer com suas delicadezas e ao Dr. Ernesto G. Boccara, que me impulsionou na busca da compreensão e do encontro com meu interior.

Às(os) queridas(os) alunas(os) do UNISAL, do SENAC-SP, do UIRAPURU, da UEMG e da METROCAMP, por tanto me ensinar com o brilho de seus olhos e por trás deles o sonho eternamente sincero de um mundo de belezas.

RESUMO

Esse trabalho percorre a evolução do cooperativismo a partir de seu surgimento, buscando compreender o seu papel na indústria da moda contemporânea na região de Americana. Por meio de levantamento bibliográfico sobre o desenvolvimento do cooperativismo no Brasil destacamos as cooperativas relacionadas com os processos de precarização do trabalho, a partir de pesquisas de variados autores. A história da região de Americana é relacionada com o desenvolvimento têxtil nacional, cujas relações produtivas são marcadas pelo facionismo, com destaque para o trabalho a domicílio. Nesse contexto, foi estabelecido contato com a Cooper Cris, que foi uma cooperativa dessa região que recentemente encerrou atividades e era dedicada à produção de artigos voltados ao mercado de moda. Realizamos entrevistas com os associados, buscando identificar, além de sua história, as razões pelas quais os cooperados participam da sociedade. A análise de dados e a pesquisa empírica trazem informações sobre as causas que levaram o seu fechamento, que está relacionado ao atual contexto capitalista, bem como sobre o processo educativo ali desenvolvido.

Palavras-Chave: Cooperativismo; Indústria têxtil; Moda; Precarização do trabalho; Educação.

ABSTRACT

This work covers the development of the cooperative from its appearance, seeking to understand their role in the fashion industry in the region of contemporary Americana. Through bibliographic survey on the development of cooperatives in Brazil highlighted the cooperatives related to the processes of precariousness of the work, from searches of various authors. The history of the region is related to the American textile national development, whose relations are marked by facionism productive, and in the work at home. In this context, it was established contact with Cooper Cris, which was a cooperative in that region recently closed activities and was dedicated to the production of articles geared to the market of fashion. Conducted interviews with associates, seeking identify, in addition to its history, the reasons why the workers part of society. The analysis of data and empirical research provide information about the causes that led to its closure, which is related to taxes allowed on capitalism as well as on the educational process developed there.

Key-words: Cooperative; Textile industry; Fashion; Problems of work; Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1 – CATEGORIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	04
1.1 – Metodologia utilizada na pesquisa	04
1.2 – Aspectos teóricos da investigação.....	07
1.2.1 – A educação e sua relação com o contexto histórico- social	07
1.2.2 – Considerações sobre o cooperativismo: origem e momento presente.....	11
2 – PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DO COOPERATIVISMO	18
2.1 – Pré-cooperativas: a prática do socialismo utópico	19
2.1.1 – Nova Harmonia: Robert Owen busca promover condições mais humanas	19
2.1.2 – Falanstério: Fourier e a felicidade social	25
2.1.3 – Colônias Icarianas: Etienne Cabet e sua viagem	29
2.2 - Pioneiros de Rochdale: um meio para melhorar a situação econômica	30
2.3 – A multiplicidade do cooperativismo	31
2.4 – Aliança Cooperativa Internacional	40

3 – COOPERATIVISMO BRASILEIRO E PRECARIZAÇÃO	46
3.1 – Surgimento do cooperativismo no Brasil.....	46
3.2 – Cooperativismo na área têxtil: instrumento de precarização.....	57
3.2.1 – Ceará: a busca do desenvolvimento e o alto custo social	59
3.2.2 – Cooperativas em espelhos difusos: precarização ampliada.....	63
4 – A REGIÃO DE AMERICANA E UMA EXPERIÊNCIA COOPERATIVISTA	74
4.1 – Região de Americana: história pelas diretrizes do mercado têxtil	74
4.2 – História e memória da Cooper Cris: a utopia como bandeira.....	81
4.3 – Cooper Cris: um fragmento social subordinado	90
4.3.1 – A aproximação com o Pólo Tec Tex.....	92
4.3.2 – A educação dos cooperados: a escola e o trabalho	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
ANEXOS.....	121
ANEXO A – Entrevistas com cooperados	121

ANEXO B – Entrevistas com ex-cooperados	166
--	------------

ANEXO C – Entrevistas com membros de outras cooperativas	185
---	------------

ANEXO D – Entrevista de uma empresária-cliente	213
---	------------

ANEXO E – Entrevista com o diretor do Pólo Tec Tex	216
---	------------

INTRODUÇÃO

O presente texto surge de meu interesse pela história do cooperativismo e suas contraposições no cenário contemporâneo. A vivência na cidade de Americana, a observação do trabalho das costureiras em São Paulo, o período em que residi em Fortaleza e o constante trabalho na indústria da moda não deixaram passar despercebida a questão relativa à exploração do trabalhador dessa área.

Com o ingresso no mestrado em educação do UNISAL, em 2006, sob a orientação do prof. Dr. Marcos Francisco Martins, tive o grande desafio de compreender as terríveis contradições existentes no universo do cooperativismo, que tende a ter conotação dúbia à grande parte da população. Primeiramente, porque pode se apresentar como a mais doce forma de solução dos problemas sociais, uma vez que surge a partir do pensamento dos socialistas utópicos com potencial para ser uma opção de possibilidade de

sobrevivência dos trabalhadores nessa realidade dominada e dirigida pela burguesia. Por outro lado vem servir como instrumento do capitalismo explorador em sua nova fase do desenvolvimento, a da flexibilidade toyotista, apresentando-se como um repugnante meio para ludibriar o trabalhador por meio da impiedosa promessa da possibilidade de se ter o “próprio negócio” ou mesmo um emprego de melhores rendimentos.

Tomei como problema a identificação histórica do cooperativismo para subsidiar a pesquisa acerca de sua implementação no Brasil e, sobretudo, a análise de um caso na região de Americana. A hipótese inicialmente formulada em relação a esse objeto a ser estudado era a de que ele se configurou em desacordo com as origens do cooperativismo, pois que enquanto as cooperativas históricas articulavam-se em torno da emancipação dos trabalhadores, o cooperativismo hoje, especificamente em relação ao caso observado, tornou-se instrumento de precarização do trabalho.

A pesquisa histórica e o trabalho de campo possibilitaram-nos articular um texto dividido em 4 capítulos.

No primeiro deles, iniciamos elucidando nossa opção metodológica, além de considerar os aspectos relativos ao nosso entendimento acerca da educação e seu contexto histórico-social. Autores como Saviani, Marx e Engels trazem nossa base conceitual. Também abordamos com brevidade o cooperativismo, apoiando-nos em autores como Pinho, Noronha, Martins e Gide.

No segundo capítulo trazemos a história do cooperativismo a partir das pré-cooperativas influenciadas pelos socialistas utópicos, passando pela

experiência dos Pioneiros de Rochdale e elucidando a multiplicidade do cooperativismo, seguido pelas associações internacionais. Para isso, utilizamos os estudos e as reflexões de Pinho, Wilson e Rexroth.

No terceiro capítulo mostramos as particularidades históricas do cooperativismo no Brasil. Para avaliar seu surgimento e sua evolução, destacamos a utilização das cooperativas como um instrumento de exploração do trabalhador por meio de estratégias voltadas para a redução de custos das empresas. O pensamento de Rios, Lima, Amorim, Bergamim e Valente, dentre outros, nos auxiliaram nesse caminho.

O quarto capítulo é iniciado pela história da cidade de Americana e sua vocação têxtil relacionada com o fezonismo e o trabalho a domicilio, no qual Bianco, Cardoso e Durand nos deram bases históricas. A seqüência se dá com a análise da memória da Cooper Cris, acessada principalmente pelas entrevistas com os cooperados, ex-cooperados, além das conversas informais com eles, com seus fundadores, influenciadores, membros de outras cooperativas e população em geral. A cooperativa foi criada a partir do pensamento utópico de um vereador da cidade de Hortolândia e acabou servindo como um meio facilitador para o capital exercer a precarização do trabalho na indústria da moda.

1 – CATEGORIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

1.1 – Metodologia utilizada na pesquisa

A pesquisa bibliográfica realizada procurou compreender momentos da história do cooperativismo e a respectiva questão sócio-política que influenciou seu desenvolvimento.

Acreditamos que a retomada histórica do cooperativismo nos possibilita compreender melhor os caminhos que está trilhando nos dias atuais, seus limites, possibilidades, princípios, finalidades e contradições. Nossa intenção com o resgate histórico do cooperativismo é basicamente compreender as questões sócio-políticas que mais significativamente orientaram o desenvolvimento do cooperativismo. Para tanto, buscamos referências teóricas e históricas que balizassem nossa reflexão sobre a problemática que envolve o indivíduo, as classes e o mundo do trabalho desde o surgimento do cooperativismo (HOBSBAWM, 1998 e 2000; HUBERMANN, 1986; KLEIN, 2002; PONCE, 2003 e MANACORDA, 2001).

Além da pesquisa bibliográfica, contamos também com outra estratégia metodológica para levantar informações para essa nossa pesquisa. Aproveitamos de nossa proximidade com os trabalhadores do setor têxtil, aliado ao prazer do ensino, e oferecemos voluntariamente um curso de modelagem do vestuário aos cooperados da Cooper Cris, que naquele momento (de 22/07/2005 a 26/10/2007) dedicavam-se à produção de confecções têxteis voltadas ao mercado de moda.

Tais aulas nos possibilitaram a observação empírica das pessoas, do trabalho que realizavam, bem como conhecer melhor o local e a estrutura utilizada para tanto e os processos sócio-educativos que ali se desenvolviam.

Essa metodologia escolhida nos possibilitou conhecer um pouco mais do dia-a-dia dos cooperados. Por meio dela tivemos a possibilidade de perceber coisas que talvez pudessem permanecer implícitas se não tivéssemos a oportunidade de ter esta proximidade com nosso objeto de pesquisa. A propósito, à época, percebemos claramente que uma das dificuldades vividas pelo grupo era de ordem financeira, o que reconhecemos ser proveniente das precarização¹ do trabalho promovida pela dinâmica do mercado contemporâneo, que afetou decisivamente a vida da Cooper Cris e de seus cooperados.

Autores como Groppo e Martins tipificam essa estratégia de pesquisa como

observação participante [pois nela] há um contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, recolhendo as ações dos atores no seu contexto natural, com base nos pontos de vista dos atores [...] Neste sentido, o “objeto” da pesquisa passa a ser também um importante “sujeito” da pesquisa (GROPPO e MARTINS, 2007, p. 14).

Aproveitando da relação de proximidade que estabelecemos com nosso objeto de pesquisa, fizemos entrevistas com 6 participantes da Cooper Cris, 2 ex-cooperados dessa mesma cooperativa, 1 empresária que foi cliente da Cooper Cris além da entrevista com Osni Nobre, diretor do Pólo Tec Tex². A

¹ Consideramos precarização a pouca ou nenhuma estabilidade que se tem nos postos de trabalho, que é acompanhado das incertezas relativas ao futuro e más condições oferecidas, dentre outros motivos, pelos processos de mundialização do capital e terceirização da produção à domicílio.

² Cf. capítulo 4.3.1.

análise dos dados coletados, que estão expostos no quarto capítulo desse texto, orientou-se por quatro diferentes preocupações:

1-) os fatores que levaram cada uma delas a ingressar na cooperativa;

2-) o entendimento da história da cooperativa e das suas participantes nesse contexto;

3-) as causas que levaram ao encerramento da associação.

4-) os processos sócio-educativos ali desenvolvidos.

1.2 – Aspectos teóricos da investigação

1.2.1 – A educação e sua relação com o contexto histórico-social

A presente pesquisa refere-se não apenas ao cooperativismo e seu desenvolvimento no setor têxtil na região de Americana, mas também à observação sobre a problemática relacionada à questão educacional, tendo como o objeto de análise os acontecimentos que circundaram o universo da Cooper Cris. Dessa maneira, entendemos ser importante tecer algumas considerações sobre a concepção de educação.

Um dos mais destacados autores que tomamos como referência para essa parte de nosso trabalho foi Saviani. Em um texto de 1999, denominado de *Escola e Democracia*, esse autor entende que a educação deve possuir uma teoria crítica, consciente de mostrar a necessidade lógica dentro da historicidade social a que a escola está envolvida. Em visão dessa teoria, é importante a luta vigorosa contra a

seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade através da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais. O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes (SAVIANI, 1999, p. 42, grifo nosso).

Mas a escola é algo socialmente determinado e a educação vem a ser um produto do desenvolvimento das relações sócio-políticas que se manifestam no cotidiano das pessoas. Como vivemos hoje na sociedade que se articula pelos interesses do capital, pode-se dizer que a pesquisa da prática educativa revela a sua subordinação aos interesses das classes. Nesse cenário, Marx bem observou em seu texto intitulado A ideologia alemã, que “os pensamentos da

classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante" (MARX e ENGELS, 2002, p. 48). A educação, por sua vez, contribui para a continuidade desse sistema, de modo que enquanto

a sociedade dividida em classes não desaparecer, a escola continuará sendo uma simples engrenagem dentro do sistema geral de exploração, e o corpo de mestres e de professores continuará sendo um regimento, que, como os outros, defende os interesses do estado (PONCE, 2003, p. 182).

Ponce (2003) nos exemplifica como, ao longo da evolução histórica, a educação é influenciada pela luta de classes. Diz ele que no período primitivo o processo educativo era espontâneo uma vez que essa “não estava confiada a ninguém em especial, e sim à vigilância difusa do ambiente” (PONCE, 2003, p. 18), mas “deixou de sê-lo à medida que esta foi lentamente se transformando numa sociedade dividida em classes” (PONCE, 2003, p. 22). Ponce nos ensina que até mesmo Pestalozzi, visto como “‘apóstolo’ do ensino ‘popular’, dividia o seu ensino e o seu método de acordo com a classe social a que pertenciam os seus educandos” (Ibid., p. 144). Outros autores, como Manacorda (2001), nos indicam os mesmos indícios da existência de uma educação diferenciada voltada para classes distintas. Exemplo clássico é citado por Fontana:

Os homens da *épeas*, homens-do-dizer, como nos ensina Manacorda, possuem os bens materiais e detêm o poder. São educados para as tarefas do poder, que são o pensar, o falar e o defender "as coisas da cidade" (política). Conhecem as leis, dominam a escrita para poder registrá-las e podem (porque lhes é legitimado) explicá-las pelo discurso, dominam o manejo e uso das armas. Com leis e armas julgam e lhes é legitimada a possibilidade de expressar o julgamento, punem e lhes é legitimado o exercício da punição, defendem a cidade/defendem-se contra as ameaças. Os homens da *érga* produzem e nada (ou pouco) possuem. Seu saber é o saber fazer, que se aprende fazendo. Conhecem as leis do que fazem e as que determinam e submetem o que fazem, mas não lhes é dada a possibilidade de participar de seu registro e de sua

aplicação. Resistem a essas leis, pagando um preço: a vida e a voz, silenciadas pelas armas e pela escrita, apagadas da história oficial. Julgam o que fazem, o como fazem, o que fazem deles e com eles, o que vivem, mas não lhes é legitimado expressar seus julgamentos. São excluídos da participação "nas coisas da cidade" (FONTANA, 2000. p. 228).

Debord (1997) nos ensina que a burguesia é poderosa porque é a classe da economia em desenvolvimento. O proletariado não pode representar o poder a não ser se for ele uma classe de consciência. Essa consciência não pode ser aprendida em uma escola controlada pela outra classe, sendo somente adquirida a partir das próprias reflexões sobre a sua história e o seu cotidiano.

Pode-se considerar como um exemplo contemporâneo de educação voltada à classe popular com o intuito de favorecer a classe dominante o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). No sítio da instituição, é dito que “o empresariado, presente em todos os níveis do Sistema, encontra espaço para propor diretrizes e manifestar necessidades emergentes” (SENAI, 2008, s/p). Em outra citação, afirma-se que uma linha de ação da instituição é caracterizada por preocupar-se com a educação de jovens e a outra é “caracterizada pela preocupação em desenvolver recursos humanos para a indústria, atuando o SENAI como agência de treinamento” (SENAI, loc. cit.). Na seqüência desse processo, ocorre, no interior das indústrias dos dias de hoje, a educação voltada para o trabalho. É importante salientar que nos dias de hoje “o treinamento no interior da empresa tem maior prestígio para a formação de trabalhadores polivalentes do que o treinamento de instituições educacionais, vocacionais ou de educação formal” (BERGAMIM, 2004, p. 37).

Tal fato se dá em razão da educação ser construída com valores da sociedade em que está inserida e se orienta pela estrutura a que está subordinada. Sua dinâmica de funcionamento faz parte de um sistema ligado à divisão de classes que, por sua vez, determina as regras de acordo com os interesses daqueles que dominam, que vem a ser a estrutura econômica e a superestrutura político-jurídica e ideológica do capital.

A educação desenvolvida dentro e fora da escola possui uma orientação regida pelas regras das leis do capital, da propriedade privada, do acesso, da comunicação, sendo que, dentre outros aspectos, impõe limites e orientações permissivas à manutenção da sociedade de classes. Assim, toda luta dos que vivem do trabalho é permeada pela ilusão nas possibilidades ideais, pelas dificuldades impostas pelas barreiras da burguesia assim como nos limites ditados pelo Estado por meio da política dirigida pela classe dominante.

Um exemplo do processo educativo relacionado à luta de classes poderá ser observado adiante quando tratarmos do exemplo da Cooper Cris e a educação³.

1.2.2 – Considerações sobre o cooperativismo: origem e momento presente

A palavra cooperativismo relaciona-se com os termos cooperação e cooperativa. Embora façam parte do mesmo universo, não são sinônimos. As três palavras são derivadas do

³ Cf. capítulo 4.

verbo cooperar (do latim *cooperari*, de *cum* e *operari*) que significa operar juntamente com alguém. Em cooperação, substantivo feminino, devido ao sufixo indicativo de ação, encontramos o sentido de ação de cooperar, prestação de auxílio para um fim comum. Já em cooperativismo, o sufixo *ismo*, de origem grega, denota sistema, doutrina e também estado, situação. E cooperativa, substantivação do feminino de cooperativo, significa a que coopera, havendo sido usada inicialmente como adjetivo (em expressões como, por exemplo, “sociedade cooperativa”) (PINHO, 1966, pp. 43-44, grifo nosso).

A cooperação é exercida por pessoas em atividades que os mesmos não podem realizar sozinhos e um “dos fundamentos da cooperação é a participação democrática dos membros da organização” (NORONHA, 2006, p. 3). Nesse sentido, cooperar “significa operar em conjunto [...] os que operam em conjunto são partícipes de uma ‘construção’ que é de todos eles” (FOLLMANN apud NORONHA, 2006, p. 3). Nesse caminho, a cooperação, quando realizada sob princípios previamente estabelecidos por um grupo de pessoas com interesses comuns, com os mesmos direitos e deveres, organizada economicamente de forma democrática sem possuir interesses no lucro, é entendida como uma sociedade cooperativista (PORTAL DO COOPERATIVISMO, 2007).

Cooperativas são entendidas como “sociedade de pessoas, e não como empresas de capital nem como empresas de estado, visam primordialmente a participação e conseqüente promoção econômica, social e cultural de seus membros” (FOLLMANN apud NORONHA, 2006, p. 3). PINHO complementa que são “sociedades de pessoas, de caráter não lucrativo, que se difundiram em todos os países do mundo [...] como eficiente instrumento de desenvolvimento econômico⁴” (PINHO, 1966, p. 13). Para a autora, tais associações são sistematizadas e “organizadas em bases democráticas, que

⁴ Desenvolvimento Econômico é entendido aqui como crescimento na obtenção e utilização dos recursos materiais necessários ao bem-estar social.

visam não só a suprir seus membros de bens e serviços como também realizar determinados programas educativos e sociais” (PINHO, 1961, p. 18).

A história da cooperação está “estritamente articulada à história das organizações humanas na busca da construção da autonomia social” (NORONHA, 2006, p. 1). A autonomia social se caracteriza pelo processo pelo qual pessoas ligadas às questões econômicas, sociais e culturais se unem e constroem suas identidades como produtores das decisões sobre o cotidiano, articulando seu posicionamento sobre a vida de maneira independente e crítica, estando intimamente ligada ao conceito de práxis. Considera-se práxis, “no sentido que lhe atribuiu Marx, a atividade livre, universal, criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo” (BOTTOMORE, 2001, p. 292).

O economista Charles Gide observava no cooperativismo uma saída e possível solução para o problema sócio econômico e associa o termo, com socialismo e comunismo, uma vez que esses são antônimos à competição, como descreve:

O termo de cooperação, quando foi pela primeira vez empregada por Owen e seus seguidores para descrever uma nova ordem social, era sinônimo do termo socialismo, ou melhor (para o socialismo, mesmo naqueles dias era muito pouco conhecido) com o comunismo. Foi o oposto da concorrência para os seguidores de Owen na Inglaterra tal como foi o caso para os seguidores de Fourier em França. Até os anos setenta do século passado as bases do movimento cooperativista e do movimento socialista foram indistinguíveis um do outro (GIDE, 1922, p. 261, tradução livre do autor⁵).

⁵ O texto original traduzido diz: “The term co-operation, when it was first employed by Owen and his followers to describe a new social order, was synonymous with the term socialism, or rather (for in those days even socialism was very little known) with communism. It was the opposite of competition for the followers of Owen in England just as it was for the followers of Fourier in France. Until the seventies of the last century the histories of the cooperative movement and of the socialist movement were indistinguishable from one another.”

No período contemporâneo, o cooperativismo está presente em diversos ambientes, como observa Rios (1987) quando evidencia as referências sobre o assunto em locais que vão dos Estados Unidos à Nicarágua, de países de religião judaica a islâmica, do ambiente socialista ao capitalista, do ocidente ao oriente, em classes sociais carentes e abastadas e nas mais diversas configurações culturais. Assim, as citações ao cooperativismo surgem em inúmeros programas, principalmente aqueles voltados às classes populares, sendo inevitáveis, por exemplo,

em qualquer referência de reforma agrária, tanto em recomendações oriundas da Pastoral da Terra (da Igreja Católica), como nos documentos da Aliança para o Progresso lançada pelo presidente Kennedy para neutralizar a repercussão da revolução cubana na América Latina, no início da década de 60 (RIOS, 1987, p. 7).

Pinho (1961) ressalta que o cooperativismo sofre algumas modificações ao ser difundido em realidades econômico-sociais diferenciadas. No meio socialista ele colabora com um modelo de organização que pode facilitar a expansão desse sistema. No meio capitalista, vem representar elementos de oposição às práticas do liberalismo, sendo uma saída para a luta de trabalhadores que se unem para buscar melhores caminhos para a sobrevivência no meio capitalista. Um exemplo que observamos deste caso é o do MST (Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra), que se destaca pela

sua organização, disciplina e pelas lutas sociais que desenvolve visando construir uma sociedade sob novas bases sociais, culturais, econômicas e políticas, cujo fundamento maior, pelo menos para os dirigentes mais expressivos [...] é o *homem e não o lucro* produzido pelo capital (BEZERRA NETO, 1999, p. 14).

Para Marx e Engels, os feitos cooperativistas só possuem valor positivo para o proletariado quando brotam como exemplificados no caso do MST, dos interesses dos cooperados, formando associações por eles organizadas,

dirigidas e controladas. Tornam-se importantes “enquanto são criações independentes nas mãos dos trabalhadores e não são protegidas nem pelos governos nem pelos burgueses” (MARX e ENGELS, 1974, p. 28). Quando as cooperativas são controladas pelas classes dominantes ela pode se tornar o avesso daquilo que Pinho se refere quando diz sobre as oposições ao liberalismo, que citamos anteriormente. Uma vez que existe mecanismo de ajuda e/ou controle às cooperativas, ocorre a tendência desse grupo passar a servir aos interesses de outrem ou até funcionar como mecanismo para a precarização do trabalho dos próprios associados. Existem diversos casos analisados e vasta bibliografia relacionada a essa temática, envolvendo a cooperação e subcontratação, especialmente no mercado de moda e confecção (ABREU, 1986; AMORIM, 2003; BERGAMIM, 2004; KLEIN, 2002; LEITE, 2004; NEVES e PEDROSA, 2007; NUNES e MARQUES, 2007)

Na busca de redução de custos, são encontradas, nas cooperativas, formas de burlar as leis em vigor pela CLT⁶ (Consolidação das Leis do Trabalho). Essas associações podem vir a ser o fruto de mecanismos fraudulentos existentes no período contemporâneo. Tal mecanismo

constitui uma maneira de as empresas driblarem as responsabilidades geradas pela contratação formal de empregados, aproveitando-se, principalmente, do fato de as cooperativas constituírem organizações civis, e não trabalhistas, tal como deixa claro o Parágrafo Único do artigo 442 da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) (sic!):

“Qualquer que seja o ramo de atividades da sociedade cooperativa, não existe vínculo empregatício entre ela e seus associados, nem entre estes e os tomadores de serviços daquela” (BERGAMIN, 2004, p. 63).

Essa modificação da CLT surgiu de uma sugestão dada

⁶ Cf. Sítio Oficial. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Decreto-Lei/Del5452.htm>>. Acesso em 2 de Fev. de 2008.

pelo Movimento dos Sem Terra (MST) e encaminhada pelo Partido dos Trabalhadores ao Congresso Nacional, visando beneficiar os trabalhadores assentados em projetos de reforma agrária. [...] Esse parágrafo possibilitou o surgimento “legal” de um novo tipo de cooperativismo induzido “de cima para baixo” criado em diversas instâncias institucionais no qual os trabalhadores são apenas recrutados. Longe, portanto, das propostas do movimento cooperativista iniciado em 1844 na Inglaterra com a fundação de uma sociedade de consumo voltada para as camadas trabalhadoras, atendendo a finalidades estritamente sociais e, posteriormente, diversificando sua atuação com o surgimento de cooperativas de produção e trabalho, agrícolas, habitacional, de saúde, de crédito, etc (LIMA, 1998, p. 4).

Ainda sob a ótica da precarização do trabalho e das explorações sobre os trabalhadores desses grupos, observa-se que o momento de crescimento das cooperativas como "alternativa de sobrevivência às classes subalternas é justamente o mesmo período em que assistimos a crise da acumulação fordista do capital e o início do 'capitalismo flexível'" (MARTINS, 2007, pp. 17-18). Isso se dá justamente pelas razões de que na contratação de pessoas pela terceirização e aproveitamento do sistema cooperativista, o trabalho é visto como mais “dinâmico” (leia-se: lucrativo) para a empresa, que pode terceirizar sua produção vendo-se livre da sazonalidade de mercado, pagamento de férias, direitos trabalhistas dentre outros fatores que levam à busca da flexibilização administrativa. Percebe-se nos dias de hoje que "o surto das cooperativas de trabalho se explica pelas profundas transformações sofridas pelo mercado do trabalho, que são autêntica tragédia para o trabalhador" (SINGER, s/d, s/p).

No mercado de trabalho contemporâneo são encontrados referenciais que pretendem homogeneizar os ideais cooperativas com as regras capitalistas neoliberais. Neste sentido, a idéia de cooperativismo pode “estar associada à dimensão da empresa capitalista que busca como resultado a eficiência

administrativo-financeira que visa o lucro” (NORONHA, 2006, p. 8). A distorção dos objetivos ligados à solidariedade e união existentes nos fundamentos de uma cooperativa são levados a tona. Vemos o exemplo de associação do cooperativismo com a competitividade capitalista:

Os empreendimentos cooperativos são formas interessantes de coordenação da atividade. [...] Portanto, consideradas as mesmas condições, as cooperativas se manterão ou se estabelecerão nos mercados somente se forem mais eficientes sob a ótica da organização e coordenação das atividades do sistema. (BIALOSKORSKI NETO, 1999, p. 8)

Ocorre, nesse caso, a típica pressão capitalista que é o avesso das práticas do ideal originário cooperativista, avesso ao lucro. Essa maneira de associação surgiu no ambiente capitalista e é neste sistema que encontra características que se opõem aos pilares que levaram ao seu desenvolvimento. Os principais fatores capitalistas de oposição aos objetivos originários do cooperativismo são:

- a) o objetivo do lucro
- b) a defesa de interesses de classe em lugar da defesa dos direitos universais do consumo
- c) o controle da produção exercido pelo capital, e não por pessoas (MAURER, 1966, p. 214).

Essas oposições do cooperativismo contemporâneo com o cooperativismo originário dos socialistas utópicos abrem a possibilidade para que esse modo de associação contribua para a manipulação dos trabalhadores, tornando-as um instrumento para precarizar de seu esforço. No seu início pode ser uma proposta que originariamente visava a consolidar uma forma de trabalho humanizada, que estivesse em oposição à ganância e desumanização características no capitalismo. No período contemporâneo, observamos o cooperativismo servindo aos interesses do capital em sua atual fase de desenvolvimento flexível. Contudo, a existência de grupos como o

MST, por outro lado, demonstram a força dos trabalhadores em um grupo reunido por seus próprios interesses, com a diferença que esse movimento surge das necessidades desse grupo. Sua organização se deu de maneira que “em meados de 1997 já existiam 11 mil sócios organizados em 24 Cooperativas de Produção Agropecuária” (TIRIBA, 1998, p. 202), além de oito cooperativas centrais de reforma agrária, duas cooperativas de crédito, dezoito cooperativas de prestação de serviços e mais de 400 associações.

Em síntese, o cooperativismo revela toda a contradição presente nos instrumentos de intervenção social, que podem ser utilizados tanto em benefício do capital ou apropriados pelos trabalhadores em sua luta contra a alienação e desumanização.

2 – PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DO COOPERATIVISMO

O surgimento do cooperativismo de produção se deu pela tentativa de abrandar os nocivos efeitos do regime vigente sobre o proletariado, grande vítima deste modo de produção social da existência. O cooperativismo pode também ser visto como “uma alternativa encontrada pelos trabalhadores de várias regiões do mundo, principalmente os da Inglaterra, no auge da Revolução Industrial” (SAUCEDO e NICOLAZZI JUNIOR, 2001, p. 87).

A gênese deste modo de organização que visa à construção da autonomia social está no socialismo utópico, que é compreendido como o conjunto de doutrinas socialistas pré-marxistas que se expressava em planos abrangentes e universais que buscavam a reconstrução social nem sempre levando em conta as condições reais da sociedade. O socialismo utópico desenvolveu uma profunda crítica às contradições produzidas pelo capitalismo, mas não conseguiu explicar a natureza deste modo de produção nem as condições objetivas para o êxito do socialismo (NORONHA, 2006, p. 5).

Os socialistas utópicos como Owen, Fourier e Cabet, que além de teóricos foram práticos, contribuíram para o surgimento do cooperativismo no início do século XIX. Embora buscassem a transformação social total, que eliminasse o individualismo, competição e a propriedade privada, sem considerar as condições reais impostas pela luta de classes e o papel dos trabalhadores como protagonistas dessa transição, realizaram feitos históricos que se intitulam pré-cooperativas seculares (PINHO, 1961).

2.1 – Pré-cooperativas: a prática do socialismo utópico

2.1.1 – Nova Harmonia: Robert Owen busca promover condições mais humanas

A primeira iniciativa secular sistematizada, desligada de grupos religiosos, precursora ao cooperativismo organizado e posteriormente fracassada foi Nova Harmonia, que teve como patrono Robert Owen, classificado por Engels como “um homem cuja pureza quase infantil toca as raias do sublime” (ENGELS, 1985, p. 40). Nascido em 1771, o filho de um pequeno seleiro saiu “de casa aos dez anos de idade, e subiu na vida tão depressa que, aos vinte anos, tornou-se administrador de uma fábrica de algodão em Manchester”, (WILSON, 1987, p. 88) que possuía quinhentos trabalhadores. Seguiu os ensinamentos dos filósofos materialistas do século XVIII, baseando-se em que o caráter do homem é, de um lado, produto de sua organização inata e, de outro, fruto de sua vivência. Assim,

acreditava que o caráter do homem era formado pelas circunstâncias externas e que, portanto, a reforma da sociedade envolvia a criação de circunstâncias que associassem a busca da felicidade com a harmonia e a cooperação em lugar da concorrência e do conflito. (BOTTOMORE, 2001, p. 341).

Dirigindo a fábrica de Manchester, que chegou a empregar 500 homens, aplicou sua teoria, assumindo confiança para negócios maiores. Segundo Engels (1985), de 1800 a 1829 trabalhou na fábrica de New Lanark, na Escócia, local onde se tornou sócio e gerente. O recrutamento de pessoal era realizado com pessoas dentre muitas das quais eram excluídas e desmoralizadas socialmente. Para Wilson (1987), a metodologia administrativa

de trabalho de Owen e sua proximidade com a produção fizeram com que a colônia se convertesse em modelo.

Para Isso bastou, tão somente, colocar seus operários em condições mais humanas de vida, consagrando um cuidado especial à educação da prole”. Owen foi o criador dos jardins de infância, que funcionaram pela primeira vez em New Lanark. As crianças eram enviadas às escolas desde os dois anos, e nelas se sentiam tão bem que só com dificuldade eram levadas para casa. Enquanto nas fábricas de seus concorrentes os operários trabalhavam treze e quatorze horas diárias, em New Lanark a jornada de trabalho era de dez horas e meia. Quando uma crise algodoeira obrigou o fechamento da fábrica por quatro meses, os operários de New Lanark, que ficaram sem trabalho, continuaram recebendo suas diárias Integrais (ENGELS, 1985, p. 41).

Em 1819, Owen influenciou a primeira lei limitando o trabalho da mulher e da criança nas fábricas, presidindo também o primeiro congresso para a formação de uma organização sindical única na Inglaterra (ENGELS, 1985).

Buscava a “formação integral, sob o aspecto físico e moral, dos homens e das mulheres, para que aprendam a pensar e agir sempre racionalmente” (MANACORDA, 2001, p. 274). Essa postura rendeu a Owen enormes lucros e foi assim também que ele se tornou o homem mais popular da Europa, logicamente mais em função de seu modelo lucrativo e menos pela questão social que o tocava. Possuía grande proximidade com as questões relativas ao ensino e o

interesse natural da infância formava a base de seu método educacional. As crianças aprendiam jogando, dançando, brincando, cantando, e participando de "exercícios militares" (que nós chamaríamos de calistenias). Owen era um adepto apaixonado da dança, e os visitantes ficavam fascinados em ver as crianças dançando em seus saíotes escoceses, seus vizinhos escoceses presbiterianos ficavam enfurecidos por ele permitir os pequenos meninos dançar "sem calças compridas" como pequenas meninas. As danças noturnas para adultos era uma parte muito importante da disciplina social e da terapia de Owen, uma prática que aparentemente foi entusiasticamente bem recebida pelos trabalhadores, não há qualquer dúvida de que as conferências eram racionalistas, utilitárias, e radicais (REXROTH, 1974, s/p).

Para Owen, o trabalho deveria ser um princípio para a construção do novo mundo moral e o “estudo, especialmente nos anos da formação educativa, deve ser alternado com o trabalho e integrado com atividades físicas e lúdico-estéticas” (CAMBI, 1999, p. 481). Além disso, em seu modelo, “a educação deveria ser igual para todos e deve ocorrer em edifícios adequados, amplos e funcionais, dotados de refeitório e enfermaria” (CAMBI, loc. cit.). Sendo um empresário filantropo e ao mesmo tempo um rigoroso administrador, além de riquezas obteve aclamações, chegando a ser ouvido por governantes e príncipes, até iniciar a construção de suas teorias comunistas, momento em que, segundo Engels (1985) o caminho muda seu traçado. Após a construção de seu comunismo, não obteve melhores olhares da sociedade.

Em 1823, Owen propõe um sistema de colônias comunistas para combater a miséria Irlandesa e elabora planos definitivos visando uma sociedade comunista do futuro, dedicando-se a apresentá-los à aristocracia. Embora inicialmente tenha sido bem recebido pelos governantes, encontrou oposição para a continuidade de seu trabalho na Grã Bretanha, “principalmente devido ao choque explícito dos seus princípios com as suposições do cristianismo oficial” (BOTOOMORE, 1988, p. 341). Assim, buscou a liberdade para seu comunismo na América.

Mesmo viajando para o novo continente, ganha discípulos que se encarregam de divulgar suas idéias, e com o passar do tempo o movimento cresceu. Um desses seguidores foi Willian King, que fundou em 1827 a primeira cooperativa de consumo da Inglaterra, localizada em Brighton. Entre “1827 e 1830 chegou a contribuir para a abertura de cerca de 300 cooperativas

de consumo” (RIOS, 1987, p. 22) naquele país, que foram influenciadas pelo jornal fundado por King em “primeiro de maio de 1928, que em sua primeira publicação teve o nome de Co-operator. Era um jornal de apenas quatro páginas, oferecido mensalmente a 1 centavo de libra” (HOLYOAKE, 1908, p. 82, tradução livre nossa⁷) e divulgava as idéias cooperativistas.

Nos Estados Unidos, em 1825 Owen compra a colônia Harmonia dos *rappites*⁸, batizando-a de Nova Harmonia. Divulgou o fato, convocando pessoas a participarem do novo ambiente que, para ele, faria a Era da Nova Ordem. “Não havia gente suficientemente preparada para operar os muitos empreendimentos deixados pelos *rappites* e nenhum esforço sério foi feito para recrutar tais trabalhadores posteriormente” (REXROTH, 1974, s/p).

Em um ano, mais de dez colônias foram abertas em diversas cidades dos Estados Unidos. Owen era o ditador das regras e os colonos não tinham poderes e nem sempre concordavam com suas idéias. Em março de 1827, com dois anos de existência, Nova Harmonia começava a minguar. Cozinhas comunitárias, refeitórios, centros de recreação, auditórios, armazéns, e silos foram abandonados pela população. Havia casas a venda e estabelecimentos privados começavam a surgir, inclusive casas de gim e como relata Rexroth (1974), outras colônias foram abertas, mas nenhuma durou além de 1830, ou seja, em menos de 3 anos todas fecharam. Owen, “arruinado por suas

⁷ O texto original traduzido diz: “May 1, 1828, that the first publication appeared entitled the Co-operator. It was a small paper of four pages only, issued monthly at one penny.”

⁸ Colônia religiosa alemã fundada por George Rapp. Após a venda, esses colonos mudaram-se para uma nova colônia na Pensilvânia.

fracassadas experiências comunistas na América, às quais sacrificou toda a sua fortuna, dirigiu-se à classe operária, no seio da qual atuou ainda durante trinta anos” (Engels, 1985, p. 43). Tornou-se, assim, um líder do radicalismo britânico, pai do sindicalismo moderno e do movimento cooperativo. Influenciou o desenvolvimento de aldeias cooperativas britânicas, chamadas de “*garden cities*”, tornando-se um espiritualista em seus últimos anos de vida.

Os movimentos sociais da época e os progressos reais registrados na Inglaterra em interesse da classe trabalhadora estão ligados ao nome de Owen. Para Rexroth, em relação ao seu comunismo,

Owen fez praticamente tudo errado. Ele comprou um assentamento já montado, de forma que os colonos não tiveram em nenhum sentido de construir algo para eles próprios. Ele pegava qualquer um que chegasse, e a maioria desses homens que chegavam tinham pouco ou nenhum compromisso com suas idéias ou com os propósitos da colônia. Não havia nenhum vínculo que ligasse seus membros para que pudessem permanecer juntos. Cada pessoa era uma sua própria lei, e cada um discordava de cada um nos princípios mais fundamentais e nas práticas mais ordinárias. Nenhuma tentativa foi feita para manter os marotos do lado de fora, os excêntricos, e nem mesmo, a julgar pelos registros, pessoas com sérias doenças mentais. Não apenas a maioria dos colonos não compartilhava das idéias de Owen, a maioria dos membros mais valiosos, os trabalhadores e fazendeiros, antagonizavam suas idéias sobre religião e casamento, idéias compartilhadas apenas por uma minoria de intelectuais. Os empregados de Nova Lanark, na Escócia, não eram mais do que isso, empregados, e a disciplina última era o controle de seu trabalho — além do mais, eles poderiam ser despedidos (REXROTH, 1974, s/p).

Owen ensinou inintencionalmente, o que não deve ser feito na organização de uma comunidade comunalista secular. Por outro lado, os métodos educacionais influenciaram profundamente a educação pública do

estado da Indiana⁹, que se tornou por três gerações o mais progressivo dos Estados Unidos (REXROTH, loc. cit.). A transformação pelas circunstâncias externas do ambiente não aconteceu principalmente pela falta de comprometimento dos colonos com aquela sociedade que ele havia idealizado, fator que era diferente na construção dos falanstérios, uma vez que Fourier, que falaremos adiante, partiram da teoria de “de tipos psicológicos inatos e conceberam a reforma como a construção de disposições sociais que permitissem a interação harmoniosa desses tipos” (BOTTOMORE, 2001, p. 341).

2.1.2 – Falanstério: Fourier e a felicidade social

Foi uma iniciativa que teve como idealizador François Marie Charles Fourier, que nasceu 1772 e foi classificado pelo semiólogo francês Roland Barthes como o fundador língua da felicidade social¹⁰. A motivação de Fourier provavelmente partiu dos acontecimentos decorrentes da Revolução Francesa, quando sua família perdeu seus bens, sendo ele acometido pelos fatos decorrentes das injustiças sociais resultantes da concentração de riquezas (WILSON, 1987; REXROTH, 1974). Seu senso crítico dividiu a história em etapas distintas de desenvolvimento, iniciando pelo selvagismo, a barbárie, o patriarcado e a civilização, que relaciona com a

⁹ Indiana é um dos 50 Estados dos Estados Unidos da América. Está localizado na Região Centro-Oeste do país, sendo um de seus menores estados, ficando atrás somente das ilhas do Havaí. É líder da indústria agropecuária e possui grandes planícies. Também se destaca na manufatura.

¹⁰ Barthes possuía um curso que deu título ao livro “Barthes, Roland. *Sade Fourier Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005”, nessa obra considera Fourier como o inventor da língua da felicidade social.

sociedade burguesa, isto é, com o regime social implantado desde o século XVI, e demonstra que a "ordem civilizada eleva a uma forma complexa, ambígua, equívoca e hipócrita todos aqueles vícios que a barbárie praticava em meio à maior simplicidade". Para ele a civilização move-se num "círculo vicioso", num ciclo de contradições, que reproduz constantemente sem poder superá-las, conseguindo sempre precisamente o contrário do que deseja ou alega querer conseguir (ENGELS, 1985, p. 39).

Idealizou, assim, uma comuna "onde o trabalho, livremente consentido, é racionalmente repartido de acordo com as aptidões de cada um" (RIOS, 1987, p. 23). Organizado nos formatos de uma espécie de hotel comunitário, possuía objetivos agrícolas uma vez que Fourier possuía aversão ao industrialismo.

O elevado grau relativo à busca de um ideal perfeito de falanges o levou a pensar em múltiplos detalhes técnicos, dividindo a locação em espaços onde os campos, pomares, e jardins eram privilegiados, por ser ele um amante de flores e frutas. Rexroth (1974) relata sobre a organização, que previa a população ser dividida em grupos de ao menos sete pessoas, com gosto e habilidade equilibrados. Cada um poderia trabalhar até uma hora ou duas entre quaisquer séries. Foi também considerado um dos precursores da idéia de autogestão de empresas e de escolas. A "educação que ele propõe, portanto, é antes de tudo uma educação para a liberdade e para a felicidade que se realiza por meio do fortalecimento da harmonia no eu e entre os vários indivíduos" (CAMBI, 1999, p. 480). Fourier critica a família, acusando-a de autoritária e culpada de provocar nas crianças frustrações e revoltas. A escola tradicional era vista por ele como um mecanismo ligado aos "privilégios das classes dominantes e a um princípio de trabalho exclusivamente intelectual, baseado, ainda por cima, unicamente nas línguas clássicas, marginalizando desse modo as utilíssimas ciências modernas" (CAMBI, loc. cit.).

Segundo Pinho (1961), as refeições eram divididas, os trabalhos eram substituídos por grandes realizações coletivas e as experiências culturais eram compartilhadas nas freqüentes reuniões. Cada falange deveria ter em torno de 1500 pessoas. O programa de Fourier buscou o cooperativismo integral e deu base a experiências como os *kibutz* israelenses¹¹.

O falanstério teria um centro e duas alas equipadas com teatros, salas de concertos, bibliotecas, refeitórios, câmaras de deliberação, escolas, berçários, armazéns e seminários, bem como uma praça central onde seriam reunidos grupos que marchariam ao seu trabalho em período matutino, tocando música e carregando bandeiras. As falanges seriam financiadas em parte pela venda de ações e aqueles que não fossem acionistas tinham o trabalho, que seria pago ao trabalhador que por sua vez pagaria o aluguel e suas despesas. Não haveria descontentamento com o trabalho, pois esse seria rotativo. Os lucros eram divididos no fim de cada ano, sendo em proporção de “cinco décimos para o trabalho, quatro décimos para o capital e três décimos para habilidades. Sete oitavos dos sócios seriam fazendeiros e mecânicos, e os profissionais restantes, artistas, cientistas, e capitalistas.” (REXROTH, 1974, s/p).

Duas colônias fourieristas se destacam por terem sido bem sucedidas economicamente. São elas a Falange Norte Americana e a Wiscosin. Segundo Rexroth (1974), seus fundadores se caracterizam por refletir sobre as possibilidades e ter tempo e dinheiro para estarem familiarizados com o

¹¹ Inspirados nos falanstérios, formam cooperativas nas quais não circula a moeda. Nas suas atividades são consideradas as aptidões de cada um para o trabalho (RIOS, 1987). Esse é calcado nos ideais de uma religião, o judaísmo, de maneira que foge nesse momento do foco de nosso estudo.

assunto e poder refletir e analisar a terra e localização para a comunidade. A primeira foi fundada em 1843 no estado de Nova Jersey, nos Estados Unidos. Selecionaram um local de cerca de setecentos acres com pasto e bosque, mas na maior parte cultivada, e com duas casas de fazenda. A organização era realizada baseada em uma constituição e legislação elaborada pelos integrantes.

Ao mesmo tempo em que construía os edifícios, aravam e plantavam. Os candidatos a participar eram bem escolhidos. Suas terras se valorizaram, mas isso se deu em resultado do trabalho duro de todos. "Nunca houve tempo para os constantes piqueniques, concertos, e conferências" (REXROTH, 1974, s/p).

Era uma utopia de baixo nível e de trabalho árduo, onde a vida era levada quase sem nenhuma satisfação fora do trabalho. Os que possuíam habilidades intelectuais desanimaram. À medida que a comunidade cresceu e rendeu lucros, seus sócios ficaram ausentes. Em 1854 a fábrica de farinha, armazéns e oficinas foram destruídos por um incêndio e a propriedade acabou sendo vendida. A falange Wisconsin também selecionava seus candidatos, que escolhia em meio a centenas de pessoas. Embora fosse economicamente saudável, os sócios votaram pela venda da propriedade e distribuição dos lucros. O comunalismo e as idéias de Fourier parecem ter sido apenas uma técnica, perfeitamente executável, por qualquer grupo de homens práticos que juntamente com suas famílias desbravam quatro milhas quadradas de terra agrícola de boa qualidade numa fronteira, trabalhem essa terra, e a vendam com lucro (REXROTH, 1974, s/p).

Tanto a teoria de Fourier quanto a de Owen são consideradas utópicas por possuírem a ambição, primeiramente, de

construir uma nova ciência da natureza humana. Em segundo, tomam a esfera moral/ideológica como a base determinante de todos os outros aspectos do comportamento humano. Em terceiro, tem a perspectiva de fazer dessa esfera o objeto de uma ciência exata que resolvera o problema da harmonia social. Em quarto, todas identificam a teoria moral, religiosa e política a elas preexistente (a teoria, e não as práticas de classe ou de Estado) como o principal obstáculo à realização das recém-descobertas leis da harmonia. Finalmente, tanto Owen como Saint-Simon e Fourier não estabelecem qualquer distinção entre a ciência física e a ciência social: todos tiveram a ambição de ser o Newton da esfera humano-social. Essas semelhanças marcam o que é relativamente constante nas muitas variantes e híbridos de 'socialismo' que surgiram entre as décadas de 1820 e 1840. (BOTTOMORE, 2001, p. 341).

De uma forma ou de outra, as pré-cooperativas formaram as bases para o surgimento do cooperativismo que partiu dos trabalhadores denominados Pioneiros de Rochdale, que veremos no capítulo 2.2.

2.1.3 – Colônias Icarianas: Etienne Cabet e sua viagem

As Colônias Icarianas foram uma tentativa semelhante a de Owen, de introduzir nos Estados Unidos uma sociedade cooperativista utópica (PINHO, 1961). Este modelo foi idealizado por Étienne Cabet, que foi um jacobino da geração pós-revolução francesa. Devido à sua oposição radical, foi exilado, estabelecendo-se na Inglaterra, onde se tornou discípulo de Owen e escreveu seu romance *Viagem à Icária*, que retratava uma ilha utópica comunista. Essa obra influenciou o pensamento dos trabalhadores franceses (WILSON, 1987). Em direção percorrida anteriormente por Owen, direcionou seu caminho para os Estados Unidos, onde comprou terras.

Em 3 de fevereiro de 1848, um grupo de observação viajou para o Texas. Em New Orleans eles descobriram que haviam comprado apenas cem mil acres, não um milhão, de selva, a duzentos e cinquenta milhas do rio, loteados como um tabuleiro de dama, com os quadrados alternativos ainda em posse do estado; e pelos termos do contrato, eles eram obrigados a construir uma casa de troncos em cada uma das seções antes de Julho. Além disso, Red River não era navegável além de Shreveport, Louisiana, onde foi bloqueado por um imenso e permanente dique. (REXROTH, 1974, s/p).

Seus exploradores sofreram com a viagem e todos tiveram malária, enlouquecendo o médico do grupo. Devido à falta de experiência dos colonos, nunca conseguiram muita coisa com o negócio. Cabot não tinha experiência com a agricultura nem com a indústria. Não conseguia liderar, portando-se como um tirano, o que o levou à expulsão de sua comunidade em 1856 (WILSON, 1984).

A colônia “subsiste até 1898” (PINHO, 1961, p. 33), sendo marcada por incríveis dificuldades, sofrimento, doenças, sectarismo, falta de experiência, perda de dinheiro, e acumulação de dívidas (REXROTH, 1974).

2.2 - Pioneiros de Rochdale: um meio para melhorar a situação econômica

Para PINHO (1966), o exemplo dos 28 tecelões de Rochdale simboliza uma forma pacífica de resolução de questões sociais, ilustrando a redenção econômica dos trabalhadores por eles mesmos.

No ano de 1843, a indústria têxtil prosperava em Rochdale, pertencente ao distrito de Lancashire, na Inglaterra. “Os tecelões, considerando a situação próspera dessa indústria, resolveram solicitar aumento de seus parcos salários” (PINHO, 1966, p. 20). A maioria dos empresários concordou, mas dois deles se

recusaram ao aumento, levando os trabalhadores à greve. Não conseguindo o aumento, um grupo de tecelões resolvem “encontrar um meio para melhorar sua precária situação econômica” (PINHO, 1961, p. 35).

Os tecelões se reuniram e discutiram sobre diversas propostas, como a emigração, abstinência de álcool, e a montagem de uma cooperativa de consumo. Escolhida a última alternativa, partem para as reuniões. “Durante todo um ano fizeram economia para conseguir o capital social. Finalmente, a 21 de dezembro de 1844, inauguraram o armazém cooperativo, com capital de 28 libras, na Travessa do Sapo (‘Toad Lane’)” (PINHO, 1966, p. 21). Com este pequeno montante, adquirem bens de consumo como manteiga, açúcar, farinha e aveia para serem revendidos em seu armazém. Os Pioneiros possuíam planos maiores, ligados à construção de residências, aquisição de terras para agricultura, constituição de colônia auto-suficiente etc.

“A partir de 1860 começaram a surgir contradições entre o ideal cooperativista e o empresarial. Em função destas, os Pioneiros começaram a implementar algumas decisões, demonstrando uma renúncia ao eixo owenista” (PAGOTTO, 2003, pp. 22-23). A contribuição desse grupo refere-se à constituição dos princípios iniciais do cooperativismo, que uma década após, passaram a constituir os fundamentos da doutrina sistematizada por Charles Gide, em Nimes. Os princípios dizem sobre o

governo da sociedade mediante a eleição, em assembléias gerais, dos representantes dos associados; à livre adesão e demissão dos sócios; à compra e venda a dinheiro; ao pagamento de juros limitados ao capital; ao direito de um voto apenas por associado – ‘um homem, uma voz.’; ao auto-financiamento de obras sociais; à constituição de um fundo especial destinado ao aperfeiçoamento intelectual dos membros da sociedade, etc.’ (PINHO, 1961, p. 36)

Desde seu início, a sociedade manifestou propósito

de cuidar de seu próprio aperfeiçoamento moral e intelectual. Além de dois e meio por cento retirados dos ganhos, destinavam as multas cobradas por infração às regras sociais a um fundo especial de educação dos membros da Sociedade e fomento da biblioteca. (PINHO, 1966, p. 23).

A experiência dos Pioneiros levou-os a serem exemplo que viria a ser seguido em cooperativas futuras e deu base à criação da doutrina da AIC (Aliança Cooperativa Internacional). Surgem, então, cooperativas em múltiplos grupos de diversos setores.

2.3 – A multiplicidade do cooperativismo

Os grupos de Cooperativas podem ser divididos, segundo PINHO, quanto a sua forma de atividade, em:

I – Cooperativas de primeiro grau:

1. Cooperativas de produção:

A. agrícola ou agropecuária

B. industrial

2. Cooperativas de consumo (ou de consumidores) de bens e serviços

3 - Cooperativas de crédito

4 - Cooperativas mistas

[...]

II – Cooperativas de segundo grau

1. Federações, uniões, centrais

(PINHO, 1962, pp. 27-31).

As cooperativas de produção tem em seu objetivo a fabricação de produtos e/ou aquisição de matérias primas usadas no desenvolvimento de seu trabalho. Ela pode ser constituída por empreendedores que se unem buscando melhor competitividade na negociação de compras ou por trabalhadores que juntos buscam forças para vencer as dificuldades impostas pelo cotidiano. Estas cooperativas podem ser agrícolas ou industriais. As tentativas iniciais de constituição de cooperativas agrícolas de produção

verificaram-se , ao que parece, em 1832, na França (Com-dé-sur-Vesgres e Adam-Ville, em Seine-et-Oise), inspiradas sobretudo no falanstério de Fourier. Experiências semelhantes surgiram em diversos países (ex. na Rumânia, embora fechada logo depois para evitar a disseminação do “espírito de insurreição francês); na Inglaterra; na URSS, nos Estados Unidos – que de 1835 a 1860 foram o campo mais procurado para as experiências associacionistas, destacando-se a ‘República’ de Plockboy, ‘Nova Harmonia’ de Owen, numerosas colônias icarianas, cerca de quarenta colônias fourieristas, além do projeto de colonização do Texas, elaborado por Victor Considérant. Igualmente, a América do Sul e a África conheceram algumas dessas experiências, cuja duração foi efêmera como as anteriores devido, em grande parte, à hostilidade do meio.” (PINHO, 1962, p. 35, grifo nosso)

O desenvolvimento das cooperativas de produção industrial são introduzidas, segundo PINHO (1962), a partir dos princípios de Buchez¹², baseado em estudos de Saint-Simon¹³, Fourier e Louis Blanc¹⁴. Buchez objetivava combater a miséria dos trabalhadores por meio da eliminação do empresariado, uma vez que os considerava “parasitas, intermediários entre o consumidor que encomenda o trabalho e o operário que o executa’. Essa eliminação seria possível através do trabalho associado, mediante contrato” (PINHO, 1962, p. 36). Nesse contexto, os associados deveriam ser os próprios empresários com representantes eleitos no grupo, sendo que se forem trabalhadores, tornariam sócios após um ano e meio de trabalho. A remuneração do grupo deveria ser de acordo com os critérios da profissão e deveria haver uma reserva a qual 80% seria distribuída no final do ano aos trabalhadores e 20% continuaria no fundo. Esse pensamento era seguido pelo Movimento Católico-democrata, iniciado na França e liderado pelo Abade Lamennais e trazia, pela Igreja, a formação de associações cooperativas de

¹² Philippe-Joseph-Benjamin Buchez (1796 - 1866) foi discípulo de Saint-Simon. É considerado o fundador das regras fundamentais das cooperativas de produção.

¹³ Conde de Saint-simon (Claude Henri de Rouvroy) (1760-1825) foi um pensador socialista utópico francês.

¹⁴ Louis Jean Joseph Charles Blanc (1811-1882) foi um socialista utópico francês. Buscava a criação de associações profissionais de trabalhadores com a participação financeira do Estado.

produção industrial. O desenvolvimento das cooperativas de produção industrial é “lento e o motivo principal é o mesmo do século passado: dificuldades de capital e de crédito” (PINHO, 1961, p. 52), necessidades grandes em ambiente industrial que é carente de tecnologia para sua evolução.

Com atuação semelhante ao Movimento Católico-democrata, porém com a liberdade de intervencionismo estatal, o Movimento Católico-social situa-se em uma política centralista, resultando em grande expansão na França, Áustria, Alemanha, Itália etc. Partindo da Universidade de Louvain na Bélgica é originada a Liga dos Camponeses, que passou a ser o organismo de evolução de obras sociais, religiosas, econômicas, morais formadas pelos agricultores europeus. Na década de 50 do século XX este organismo abarcava cerca de 3800 organizações filiadas e suas realizações eram voltadas a reunir pessoas economicamente desfavorecidas intuindo suas transformações nos limites dos valores do movimento. Charles Gide reúne as associações protestantes na década de 20 do século XX, constituindo uma federação e divulgando seu pensamento de condenação do assalariamento e a superação da necessidade do lucro com a utilização das cooperativas.

O próprio Marx possui citações relacionadas ao incentivo e ressalvas à essa modalidade cooperativista. Quando redigiu as Resoluções do Primeiro Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, em 1866, escreveu “Nós recomendamos aos operários encorajarem o cooperativismo de produção em vez do cooperativismo de consumo, este atingindo a superfície do sistema econômico atual, aquele atacando-o na sua base” (MARX apud RIOS, 1987, p. 29). Em outro momento, em *O Capital*, deixa claro seu interesse por esse

gênero de cooperativas quando diz que “as cooperativas de produção trazem a prova de que o capitalista tornou-se tão supérfluo como agente da produção quanto o é o grande proprietário aos olhos do capitalista evoluído” (Ibid., pp. 29-30). Por outro lado, Marx não deixa de lembrar, que para

que as massas trabalhadoras sejam libertadas, o cooperativismo deveria tomar uma amplitude nacional, e, por conseguinte, seria necessário favorece-lo com meios nacionais. Mas aqueles que reinam sobre a terra e sobre o capital usarão sempre de seus privilégios políticos para defender e perpetuar seus monopólios econômicos (Ibid., p. 30).

Sobre esse tema, recorreremos à análise da indústria francesa de relógios Lip, que devido as dificuldades financeiras de seu proprietário, foi assumida pelos empregados, formando uma comunidade auto-gestionada, mas com hierarquia mantida. Quando comparada à comunidade de trabalho de Boimondau, derivada da fábrica de caixas de relógios fundada em 1941 por Marceu Barbu, também na França, obtemos algumas informações a agregar valor à questão, pois se

em Boimondau, houve inicialmente uma igualdade real de salários; na Lip, a manutenção da hierarquia de salários era uma necessidade imperativa na criação do capitalista coletivo. [...] Boimondau foi um produto da destruição das forças de produção. A Lip foi criada por seu desenvolvimento contraditório. Na Lip, não nasceu uma nova empresa. Ou melhor, a velha foi salva por um tipo de modernização. (NEGATION, 1973, s/p).

Ou seja, a empresa se re-orientou ao mercado capitalista, mas o monopólio do poder continuou a existir. Em nota sobre essa questão, observamos que em Boimondeau o caminho se cruzou no mesmo ponto.

A acumulação de Capital em Boimondeau marcou o fim da experiência de autogestão. Pouco a pouco, a hierarquia de salários foi restabelecida; um, ou melhor, dois proprietários emergiram da comunidade. A empresa organizou novas escalas de salários com novas bases. Esses baixos salários foram a saída em uma das duas empresas que empregava ex-presidiários. A maioria dos empregados vivia fora da Cidade Relógio, que não tinha mais nada de comunal, exceto o nome (muitos trabalhadores foram demitidos após maio de 68, por terem feito greve). A empresa vivia em agonia e, depois de muitos altos e baixos, foi finalmente liquidada, vendida, em 1970. (A

informação sobre a empresa, aqui dada muito resumidamente, foi fornecida por um velho trabalhador de Boimondeau que testemunhou o fim do período de autogestão comunal e por um trabalhador que lá trabalhou por um curto período depois de 68) (NEGATION, 1973, s/p.).

Para Pinho (1961), essas organizações mais recentes de produção industrial que são encontradas na França e Itália representam uma retomada ao fourierismo, pois possuem a propriedade comum da produção e gestão comunitária com representantes do grupo. Na realidade, podemos observar que muitas distorções ocorrem no cotidiano dessas comunidades, vindo a dar fim às experiências, como as anteriormente citadas. Esses fatos ocorrem justamente em função do reinado do capital, que privilegia a classe dominante que busca a perpetuação de seu monopólio econômico.

Devido ao esforço e apoio idealista do sindicato cristão da região de Bordeaux, cidades cooperativistas foram construídas na França, partindo da organização de uma cooperativa de trabalho para a construção das casas. A partir de 1948, foram construídas a “Cidade Castor em Bordeaux e, em seguida, mais duas cidades cooperativas em Valence e outra nos arredores de Paris (Bâticoop, em 1952)” (PINHO, 1961, p. 54). Ambas funcionam como cooperativas de produção e são abastecidas pelo cooperativismo de consumo.

Segundo PINHO (1961), na Itália, os Centros Comunitários de Canavese vem representar, próximo de Turim, as experiências das cooperativas de produção industrial e também agrícola. Com o intuito de resolver problemas sociais, Adriano Olivetti¹⁵, em 1948, visava a diminuir o desemprego, descentralizar a concentração industrial e preparar a autogestão por meio do

¹⁵ Adriano Olivetti (1901-1960) foi um empresário italiano filho do fundador da Olivetti, empresa produtora de máquinas de escrever, calculadoras e computadores. Era socialista utópico por promover a organização de sociedades cooperativistas na Itália.

controle liberado aos operários, recorrendo para isso ao cooperativismo para reunir forças de camponeses e artesãos.

Diferentemente das cooperativas de produção, é importante citar as cooperativas de consumo, que são formadas pela reunião de pessoas que em conjunto buscam uma situação de melhor posicionamento estratégico em relação à negociação de compras. Estas cooperativas podem comprar, vender ou realizar ambas as atividades, como no caso da cooperativa dos Pioneiros de Rochdale anteriormente citada. Um outro exemplo de cooperativas de consumo é o existente na Bélgica, que foi provavelmente o primeiro país a organizar cooperativas baseado nos serviços públicos. As chamadas “régies cooperativas” foram formadas pelo Poder Público e objetivavam o auxílio em sua organização, mas gozavam de total autonomia no seu dia-a-dia de trabalho.

Buscando o fomento para o financiamento de negócios ou consumo a um baixo custo operacional, citamos as cooperativas de crédito. Essas buscam o custo real do capital utilizado enquanto as cooperativas mistas integram as confluências de atividades das citadas anteriormente. Desta forma, uma cooperativa de crédito pode também exercer as funções de cooperativa de consumo. Inicialmente a maioria era destinada à agricultura. Schulze-Delitzsch surge em 1849 com caráter econômico destinado ao auxílio à classe média urbana e não admitia auxílio do estado. Com o objetivo de socorrer agricultores por meio de cooperativas fechadas, Raiffeisen organiza, a partir de 1847, cooperativas de crédito que ficaram conhecidas como raiffeiseanas e se preocupavam com o caráter ético e cristão dos cooperados. Diferentemente da

anterior, admitia o auxílio filantrópico e do estado. Estes dois modelos serviram de base para o desenvolvimento das cooperativas de crédito posteriores, que chegam a criar sistemas de bancos populares como os de Luzzatti na Itália, que concediam empréstimos baseados na palavra de honra do contratante. Wilhelm Haas buscava pelo cooperativismo o aumento de crédito, melhor qualidade, preços e aquisição de máquinas em conjunto, procurando a emancipação dos agricultores em relação aos tradicionais sistemas.

Hoje, no Brasil, são inúmeras as experiências de cooperativas de crédito. Tais experiências de facilitação de micro crédito tem sido bem sucedidas sob o ponto de vista capitalista de “retorno financeiro” e tendem a se apresentar como a alternativa aos que estão em situação de pobreza. Em Fortaleza (CE), existe o Banco Palmas, que é uma cooperativa de crédito fundada no ano de 1998 no Conjunto Palmeira, “um bairro pobre da capital cearense, com 30 mil habitantes e renda familiar abaixo de dois salários mínimos, de acordo com relatório produzido por João Joaquim e Sandra Magalhães, da equipe de coordenação do projeto” (GAIA BRASIL, 2008). A cooperativa é administrada e gerenciada pelos líderes comunitários da Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras. Visa combater a pobreza local, com uma filosofia voltada a criação de uma rede de solidariedade de produção e consumo no bairro. É voltado para produtores do bairro e se encarrega de incentivar a população à consumir os produtos da comunidade, em uma estratégia que chamam de "círculo virtuoso".

Sobre esse assunto, é importante citar o caso do economista e banqueiro Dr. Muhammad Yunus, nascido em Bangladesh e fundador do Grameen

Bank¹⁶. Sua ótica é voltada para a pretensão de acabar com a pobreza com o seu banco, que hoje tem como principal acionista o governo de Bangladesh. A atividade desse empreendimento consiste em oferecer crédito para pessoas carentes a juros considerados baixos se comparados aqueles oferecidos pelo mercado. Foi o criador do conceito de "microcrédito", que é o modelo de empréstimos de pequenos valores baseados na confiança e não em qualquer garantia material, nem em contratos. Os atendentes trabalham de porta em porta e o tomador de empréstimos deve se reunir a um grupo que já é cliente e que fica moralmente responsável por seu pagamento. Com essa prática, ganhou o Premio Nobel da Paz em 2006.

A prática de fornecimento de crédito, como os exemplificados anteriormente estão relacionados à manutenção do sistema capitalista e não necessariamente à solidariedade. Assim como as organizações de economia popular, tratada por Tiriba vemos que

o crescimento desses novos empreendimentos não representa, necessariamente, uma resposta da sociedade civil contra os mecanismos capitalistas de exclusão de exploração da força de trabalho; sua intensidade no emaranhado socio-econômico é possível uma vez que é funcional aos mecanismos de regulação do capital" (TIRIBA, 1998, p. 198).

Dessa maneira, o cooperativismo de crédito representa o fortalecimento do sistema capitalista.

Existem as reuniões de grupos que buscam a defesa de setores e fins específicos de determinadas atividades sendo classificadas por PINHO (1962) como cooperativas de segundo grau. São elas denominadas federações,

¹⁶ Tal empreendimento é considerado uma cooperativa por não exigir garantias materiais e somente a palavra e a garantia daqueles que formam a rede e apresentam os fomentados.

uniões e centrais. Essas cooperativas podem ser classificadas segundo seu fim, como por exemplo, fim sócio-econômico, político, formas de atividade etc.

No período contemporâneo o cooperativismo pode ser encontrado nos mais diversos tipos de negócios, desde os tradicionalmente conhecidos, como cooperativas de produção, agricultura, pesca, cooperativas de consumo, crédito, assim como nos setores de serviços, como em planos médicos, odontológicos, assistência social, funeral, música, escolas, turismo, transportes e esportes.

Se os desenvolvimentos cooperativistas foram humildes nos séculos anteriores ao XX, após esta data tornam-se mais numerosos. Diante da necessidade de sobrevivência frente à concorrência crescente das empresas do sistema capitalista, o cooperativismo passa ser um instrumento de grande interesse ao capital, principalmente após a primeira guerra mundial.

2.4 – Aliança Cooperativa Internacional

Com o aumento no número de cooperativas, na última década do século XIX houve o surgimento da ICA (International Co-operative Alliance ou ACI (Aliança Cooperativa Internacional). Essa é uma organização não governamental dedicada a unir e representar as cooperativas de diversos países, sendo a maior associação existente¹⁷ na atualidade.

¹⁷ Cf. sítio <http://www.ica.coop/ica/index.html> para maiores informações.

Os participantes dessa rede são compostos por variados grupos de cooperativas, possuindo 220 filiais em 85 países, representando mais de 800 milhões de indivíduos no último ano (ICA, 2007).

No ano de 1937, a associação iniciou uma revisão dos princípios cooperativistas propostos pelos pioneiros de Rochdale, sendo que estes dados foram também alterados em 1966, conforme observamos no quadro na página seguinte.

PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO		
Textos de Rochdale Estatuto de 1844 Modificação em 1854	Congresso da ACI 1937	Congresso da ACI 1966
1 - Adesão livre	1 - Adesão livre	1 - Adesão livre (neutralidade social, política, religiosa e racial)
2 - Gestão democrática	2 - Gestão democrática	2 - Gestão democrática
3 - Retorno "pro rata" ¹⁸ das operações	3 - Retorno "pro rata" das operações	3 - Distribuição de sobras: a) ao desenvolvimento da cooperativa b) aos serviços comuns c) aos associados "pro rata" das operações
4 - Juros limitados ao capital	4 - Juros limitados ao capital	4 - Taxa limitada de juros ao capital ¹⁹
5 - Vendas a dinheiro	5 - Vendas a dinheiro	5 - Constituição de um fundo para educação dos cooperados e do público em geral
6 - Educação dos membros	6 - Desenvolvimento da educação em todos os níveis	6 - Ativa cooperação entre as cooperativas, em plano local, nacional e internacional

(PAGOTTO, 2003, p. 23)

A última revisão dos princípios Cooperativistas deu-se em 1995 e estão assim ilustrados:

1 - Adesão voluntária e livre - As cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como membros, sem

¹⁸ Valor proporcional das horas de trabalho.

¹⁹ As taxas passam a ser limitadas em função de variação inflacionária.

discriminações de sexo, sociais, raciais, políticas e religiosas. (BRASIL COOPERATIVO, 2007, s/p).²⁰

Esse princípio ilustra o cooperativismo como um modelo de associação que permite a aceitação de pessoas sem nenhuma discriminação, mas por outro lado oculta os antagonismos presentes nas lutas de classes. Braga, Dornelas e Silva elucidam que este item não observa a possibilidade da entrada de pessoas que possam comprometer os objetivos da cooperativa, uma vez que estes podem ser difusos, podendo “ocorrer o surgimento de grupos de interesse” (Braga, Dornelas e Silva, 2001) no interior da cooperativa. Retomando aos princípios cooperativistas, seguimos o segundo item.

2 - Gestão democrática - As cooperativas são organizações democráticas, controladas pelos seus membros, que participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões. Os homens e as mulheres, eleitos como representantes dos demais membros, são responsáveis perante estes. Nas cooperativas de primeiro grau os membros têm igual direito de voto (um membro, um voto); as cooperativas de grau superior são também organizadas de maneira democrática (BRASIL COOPERATIVO, 2007, s/p).

A democracia proposta pode vir carregada de poderes de influência e até opressão por parte de alguns membros da associação. Podem ocorrer a formação de grupos de interesse A não-participação dos cooperados em cargos de direção e fiscalização da cooperativa podem criar a situação próxima a de empregado-empregador. São encontradas cooperativas que “em alguns casos leva-se em conta a formação educativa e política de seus membros” (PAGOTTO, 2003, p. 24).

3 - Participação econômica dos membros - Os membros contribuem eqüitativamente para o capital das suas cooperativas e controlam-no democraticamente. Parte desse capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os membros recebem, habitualmente, se houver, uma remuneração limitada ao capital integralizado, como

²⁰Ver:

<http://www.brasilcooperativo.com.br/Cooperativismo/Princ%C3%ADpiosCooperativistas/tabid/335/Default.aspx> >

condição de sua adesão. Os membros destinam os excedentes a uma ou mais das seguintes finalidades:

- Desenvolvimento das suas cooperativas, eventualmente através da criação de reservas, parte das quais, pelo menos será, indivisível.
- Benefícios aos membros na proporção das suas transações com a cooperativa.
- Apoio a outras atividades aprovadas pelos membros (BRASIL COOPERATIVO, 2007, s/p)

Lembramos que o capitalismo é inaugurado por uma série de processos, muitos dos quais geraram a acumulação de capital. Há aqui a necessidade da manutenção de mesmos padrões por parte dos membros, que integram o capital da cooperativa. Não se observa sobre a aplicação dos excedentes, que pode ser realizada pelos cooperados. O retorno financeiro pode ser desproporcional à participação de cada cooperado.

4 - Autonomia e independência - As cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas pelos seus membros. Se firmarem acordos com outras organizações, incluindo instituições públicas, ou recorrerem a capital externo, devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos seus membros e mantenham a autonomia da cooperativa (BRASIL COOPERATIVO, 2007, s/p).

O voto e a decisão em conjunto são aspectos positivos no sentido organizacional, social e humano, mas a ajuda de capital externo vem carregada de riscos para o controle da associação. Não é observada a possibilidade de controle da administração na responsabilidade de grupos de interesse.

5 - Educação, formação e informação - As cooperativas promovem a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Informam o público em geral, particularmente os jovens e os líderes de opinião, sobre a natureza e as vantagens da cooperação (BRASIL COOPERATIVO, 2007, s/p)

O presente item privilegia a educação voltada à sustentabilidade da cooperativa e de uma educação para o trabalho, mas se esquece, ou não deixa claro sobre a educação voltada à formação do cidadão. Na educação dirigida

aos interesses da cooperativa pode ocorrer a manipulação de novos cooperados assim como da população envolvida no processo.

6 - Intercoperação - As cooperativas servem de forma mais eficaz os seus membros e dão mais - força ao movimento cooperativo, trabalhando em conjunto, através das estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais (BRASIL COOPERATIVO, 2007, s/p).

O individualismo capitalista traz a possibilidade de má distribuição em relação à intercooperação ou uma divisão com ganho daquele que negocia o produto ou serviço, podendo causar prejuízos às cooperativas menos relacionadas com o mercado.

Em relação ao próximo item, temos: “7 - Interesse pela comunidade - As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades através de políticas aprovadas pelos membros” (BRASIL COOPERATIVO, 2007, s/p.).

Sobre esse último princípio, observamos haver a possibilidade, no sistema capitalista, do surgimento de grupos de interesse que podem vir causar a desigualdade no relacionamento com a comunidade.

A ACI traz em sua proposta a promessa de fornecimento de assistência técnica aos associados, suporte financeiro e uma promessa para a redução da pobreza por meio de programas de micro financiamentos ao redor do mundo. Busca financiar a publicação de textos e livros sobre o universo do Cooperativismo com o intuito de divulgar o assunto e estes são vendidos aos interessados em geral. Dentro da hierarquia ACI existem subdivisões especializadas em tipos específicos de cooperativas, como por exemplo:

*International Co-operative Agricultural Organisation (ICAO)*²¹
*Banking and Credit: International Co-operative Banking Association (ICBA)*²²

²¹ Destinada a organizar a união das cooperativas do setor da agricultura.

*Consumer: Consumer Co-operatives Worldwide (CCW)*²³
*Fisheries: International Co-operative Fishery Organisation (ICFO)*²⁴
*Health: International Health Co-operative Organisations (IHCO)*²⁵
*Housing: International Co-operative Housing Organisation (ICA Housing)*²⁶
*Industry and services: International Organisation of Industrial, Artisanal and Service Producers' Co-operatives (CICOPA)*²⁷
*Insurance: International Co-operative and Mutual Insurance Federation (ICMIF)*²⁸
*Travel: International Association of Tourism (TICA)*²⁹ (ICA, 2007, s/p)³⁰.

Como pode ser observado, os princípios cooperativistas só seriam positivos se forem seguidos nos limites da solidariedade e reciprocidade entre os participantes. No caso da sua existência dentro do sistema capitalista, suas regras tornam-se vulneráveis às possibilidades de grupos dominantes de defender e perpetuar seus monopólios econômicos. Tanto cooperativas quanto a organização da ACI podem ser manipulados por grupos de interesse. Esses, por sua vez, trazem problemas na gestão e

manutenção da cooperativa, ou em situações de fraude e desnorreamento do próprio conceito do que seja uma sociedade cooperativa, de acordo com a teoria e doutrina pertinente, bem como da legislação específica que as regem" (Braga, Dornelas e Silva, 2001, s/p).

As possibilidades de reorientação do capital fazem com que dentro de uma associação, os poderes sejam concentrados, como ocorreu em Lip e Boimondeau ou que o trabalho cooperativista torne-se precarizado pelas possibilidades oferecidas pelo sistema cooperativista, sobretudo se esse for dirigido por grupos de interesse ao invés de brotar dos anseios dos trabalhadores ou da população.

²² Preocupada com as cooperativas de crédito.

²³ Voltada às cooperativas de consumo.

²⁴ Dedicada às cooperativas de pesca.

²⁵ Comprometida com o desenvolvimento das cooperativas ligadas à área da saúde.

²⁶ Organiza as cooperativas de construção.

²⁷ Destinada a auxiliar as cooperativas de produção.

²⁸ Auxilia ao cooperativismo de seguros.

²⁹ Promove o desenvolvimento das cooperativas de turismo.

³⁰ Para maiores informações, conferir texto original em <http://www.ica.coop/al-ica/>

3 – COOPERATIVISMO BRASILEIRO E PRECARIZAÇÃO

*O brasileiro é o homem cordial (Sérgio Buarque de Holanda).
O sujeito pode ser mauzinho e mauzão (Id.).*

3.1 – Surgimento e precariedade do cooperativismo no Brasil

As idéias sobre cooperativismo foram trazidas ao Brasil por um pequeno grupo de intelectuais que buscaram introduzir as doutrinas sistematizadas de Charles Gide e Beatrice Webb (PINHO, 1966; PAGOTTO, 2003) no final do século XIX. Na edição de maio de 1888 da Revista Financeira do Rio de Janeiro, foi noticiado que o Brasil estava entrando

em nova fase de existência que lhe impõe novos deveres, carece de imediatamente organizar sociedades cooperativas, destinadas à produção e ao consumo, que venham auxiliar o desenvolvimento de sua riqueza, atenuar as dificuldades em todas as épocas inerentes às grandes reformas (PINHO, 1966, p. 95).

Dentre outras afirmações, dizia-se desde esse início que o cooperativismo seria, sobretudo um “meio eficaz de novo equilíbrio entre patrões e empregados em face da abolição dos escravos” (PINHO, loc. cit.).

Para Rios (1987), o cooperativismo surge como uma promoção das elites políticas e econômicas, em uma economia de predominância agro-exportadora. “Não se trata, pois, de um movimento vindo de baixo, mas imposto de cima. Não é o caso pois, de um movimento social de conquista, mas de uma política de controle social e de intervenção estatal” (RIOS, 1987, p. 24). Não foram criadas fórmulas associativas, mas essas foram importadas e adequadas aos interesses das elites políticas e agrárias de modo conservador. Se na Europa o movimento possui “expressão predominantemente urbana [...] no Brasil, o cooperativismo, como movimento de elites, conservador, vai se

localizar, sobretudo no meio rural” (RIOS, 1987, p. 25). Por esse início do cooperativismo não se preocupar com os problemas da propriedade, da exploração, do latifúndio, dos trabalhadores e daquelas questões que seriam conflitantes com as classes dominantes agrárias, ele se reduz a ser unicamente

um cooperativismo de serviços, não propriamente um cooperativismo de produção. A cooperativa presta serviços aos associados em função de seus estabelecimentos individuais, de maneira isolada. Trata-se de um modelo bem adequado à concentração da propriedade fundiária (RIOS, loc. cit.).

Houve no Brasil alguns precursores do cooperativismo, como referenciado por PINHO (1966). Como exemplo, podemos citar o liberal José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu, que foi professor da primeira cadeira de Economia Política do Brasil pelo decreto real de 23/02/1808. Suas idéias sobre cooperativismo foram apresentadas do livro “Estudos do Bem comum e Economia Política”, de 1819, obra na qual dedicou 2 capítulos à cooperação. Para o autor, cooperação social é

a companhia entre a Natureza e a Humanidade e entre os indivíduos e os Estados entre si, para reunião de suas faculdades e forças de espírito e corpo em todas as partes da terra, a fim da maior produção de riquezas, e possível multiplicação e prosperidade de nossa espécie (LISBOA apud PINHO, 1966).

A exemplo da Europa e Estados Unidos, no Brasil surgiram algumas sociedades pré-cooperativistas baseadas no fourierismo, como o Falanstério do Saí³¹, que existiu no período de 1839 a 1850. Esse falanstério nasceu da iniciativa de imigrantes franceses que o fundaram por meio da liderança do Dr. Benoit Jules Mure, que também participou da fundação do Instituto Homeopático do Rio de Janeiro. Franceses eram recrutados em Paris para

³¹ Para maiores esclarecimentos sobre o tema, Cf. GALLO, Ivone Cecília D’Avilla. A aurora do socialismo: fourierismo e o falanstério do Saí (1839-1850). Campinas, Unicamp. Tese de doutorado, 2002.

serem colonos e o passaporte era emitido pelo "*Conseil du Brésil*". A colônia era localizada entre os rios Saí-Guassú e Saí Mirim, onde hoje é município de São Francisco do Sul no estado de Santa Catarina. Esta pretendia ser uma metrópole da renovação social, onde o homem bem orientado, deveria construir um ambiente feliz a todos, se não fosse seu fracasso.

Outro exemplo de pré-cooperativa foi a Colônia Cecília, que existiu durante os anos entre 1891 a 1894. Segundo Valente (1992), o professor Giovanni Rossi foi quem estimulou e convidou diversas pessoas “das mais variadas características, quanto ao grau de instrução, formação para o trabalho, hábitos de vida, crenças e temperamento” (VALENTE, 1992, p. 86) para uma viagem experimental em fuga dos desajustes econômicos italianos. “A viagem foi financiada pelo governo brasileiro, dentro da política de estímulo à imigração” (Ibid, p. 82). Quando aqui chegaram, tiveram que construir o próprio espaço e muitos deles não concordavam com os ideais anarquistas de Rossi.

Viveram tempos difíceis, marcados pelo cansaço, pela solidão, pela doença - crupe -, pela desonestidade na demarcação das terras e no pagamento dos serviços, realizados na construção de estradas, pelo roubo de sua produção por um dos integrantes do núcleo - José Gariga -, pela perseguição política, pelo preconceito, pela rejeição das comunidades vizinhas que chegaram a negar que os anarquistas vitimados pelo crupe fossem enterrados no cemitério local, (VALENTE, loc. cit.)

Esses inúmeros abusos foram barreiras estabelecidas pelo sistema capitalista e contribuíram para que os imigrantes não conseguissem se estabelecer a longo prazo, construindo assim uma colônia efêmera. Estando preocupados com os afazeres do trabalho na colônia ou com os trabalhos pesados como o da Estrada da Serrinha, que eram necessários à manutenção de sua sobrevivência, os anarquistas não possuíam oportunidade de

relacionamento com o meio externo. A estratificação³² acabou ocorrendo em razão das divisões na eleição de representantes do grupo. Em conjunto com esses fatores, acrescentou-se o acontecimento da Revolução Federalista, que foi liderada pelos que rebelaram contra Floriano Peixoto e ocorreu entre 1893 e 1895. Tal acontecimento veio atingir a colônia de maneira desastrosa.

Por terem dado guarida a um adepto das forças federalistas, os anarquistas foram duramente castigados pelas tropas legalistas que destruíram as plantações, mataram os animais e acabaram com as esperanças daqueles que, apesar de todas as dificuldades, ainda permaneciam na colônia (VALENTE, 1992, p. 82).

A colônia extinguiu-se, mas a seguir o pensamento de Souza (1976), entende-se que foi uma das principais fontes de gestão do movimento operário do Paraná. Após o fracasso da colônia, Rossi não “abandonou o ideal anarquista, mas deixou de lado a militância. Passou a vivenciar o anarquismo, como filósofo” (VALENTE, 1992, p. 87).

Em 1889, Santana Nery foi quem representou o Brasil no Congresso Cooperativista que foi realizado na França. Segundo Pinho (1966), em 1891 foi fundada a Associação Cooperativa dos Empregados da Companhia Telefônica em Limeira – SP, em 1894, a Cooperativa de Consumo de Camaragibe no Distrito Federal e em 1897, a Cooperativa dos Empregados da Companhia Paulista em Campinas – SP. No mesmo período, no Rio Grande do Sul, o padre Theodore Amstead criou as primeiras cooperativas de crédito do país, sendo uma delas a de Nova Petrópolis e posteriormente surgiram outras no nordeste.

³² Entendemos como estratificação social as diferenças e desigualdades entre pessoas de uma sociedade, em que grupos ou pessoas ocupam posições diferentes. Basicamente, ela pode ser econômica, política ou social.

O primeiro decreto Brasileiro ligada ao cooperativismo surgiu em 06 de janeiro de 1903, com o decreto número 979³³, que deixava à escolha dos trabalhadores a organização de sindicatos para defesa de seus interesses assim como a organização de cooperativas de produção e consumo por essas associações, conforme o décimo artigo desse decreto.

Em janeiro de 1907, surge o decreto de número 1.637³⁴, que vem criar sindicatos profissionais e sociedades cooperativas, tratando agora as cooperativas como sociedades anônimas. Sobre o cooperativismo de crédito, em junho de 1926, o surge o decreto número 17.339³⁵ que no bojo de seu texto diz aprovar o regulamento destinado a reger a fiscalização gratuita da organização e funcionamento das caixas Raiffeisen e bancos Luzzatti.

Em 1932, no cenário de crise decorrente da quebra da bolsa de 1929, do arrasto de problemas decorrentes da primeira guerra mundial e problemas relacionados também com a crise do café, o Estado recorreu à possibilidade de buscar no cooperativismo a saída para os problemas sociais e econômicos. Para Rios (1987), os incentivos também estão ligados ao controle relativo à ameaça comunista, sendo entendido como um modelo “não apenas importado pelas elites, mas também de um instrumento de controle social e político” (RIOS, 1987, p. 26). Assim, buscou-se divulgar a doutrina, surgindo em 19 de dezembro de 1932 o decreto número 22.239³⁶, que reformou as disposições do

³³ Cf. Sítio oficial em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/decreto/Antigos/D0979.htm>> Acesso em 30 de Jan. de 2008.

³⁴ Cf. Sítio oficial em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=55323>> Acesso em 30 de Jan. de 2008.

³⁵ Cf. Sítio oficial em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=45781>> Acesso em 30 de Jan. de 2008.

³⁶ Cf. Sítio oficial em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=43188>>. Acesso em 30 de Jan. de 2008.

decreto legislativo n. 1.637 de 5 de janeiro de 1907, na parte referente às sociedades cooperativas. Exigia-se, para a constituição da cooperativa, um número mínimo de sete ou mais pessoas ou sociedades de pessoas jurídicas. Esse decreto é considerado como a lei básica do cooperativismo brasileiro.

Para a constituição da cooperativa, exigia-se a partir desse decreto, dentre outras coisas:

1 - Contrato de sociedade cooperativa e o ato constitutivo, realizado pela deliberação da assembléia geral dos fundadores, por instrumento de contrato particular ou por escritura pública. Este ato deveria, desde a sua constituição, conter o nome da sociedade, os dados da sede, seu objetivo econômico e os nomes por extenso, residência e profissão, dos associados que participaria da fundação, além de uma declaração formal de cada um sobre a vontade de participar da cooperativa.

2 – Estatuto Social, que poderia ou não ser anexado ao contrato, mas obrigatoriamente deveria ser escrito e assinado por todos os membros na data da constituição da cooperativa. O estatuto deveria conter também os dados do contrato, como sede e objetivo econômico e também ser acrescido de dados como o prazo de duração da sociedade, que tanto poderia ser determinado ou não, a área de ação operacional, o capital, modo de admissão, demissão e exclusão de cooperados, direitos e deveres, que deveriam ser claros e iguais. Dados como os referentes às condições de retirada do valor das quotas-partes de capital de cooperados excluídos ou falecidos também deveriam ser explicitadas. Os processos administrativos e fiscalizatórios deveriam estar claros em suas minúcias e os procedimentos para a convocação da

assembléia, divisão de lucros, nomeação dos representantes nos atos judiciais deveriam estar expostos para sua aprovação.

3 - Toda sociedade cooperativa deveria ter a sua gestão assistida e controlada por um conselho de sindicância e comissão de contas, que também deveria conhecer a leitura, escrita e possuir o domínio da contabilidade para exercer a função.

As dificuldades normativas impostas vinham dificultar a participação ou até mesmo estabelecer facilidades à manipulação da população não letrada, que tem no trabalho sua forma de sobrevivência.

Esse decreto sofreu revogação em pelo decreto de número 24.647³⁷ de 10 de julho de 1934 e foi revigorado em 01 de agosto de 1938, pelo decreto número 581³⁸. Tal decreto buscava estabelecer um mecanismo de controle às cooperativas, que seriam fiscalizadas pela Diretoria de Organização e Defesa da Produção do Ministério da Agricultura. No seu terceiro artigo diz que

A Diretoria de Organização e Defesa da Produção exercerá, especialmente, as seguintes funções:

I - manter um registro de todas as cooperativas existentes e das que se constituírem;

II - exercer o controle público na organização e funcionamento das sociedades cooperativas, velando pela observância da lei e das disposições regulamentares, nos atos constitutivos e nos estatutos;

III - coletar, através de balanços e balancetes, dados e informações para fins estatísticos e de divulgação;

IV - organizar um serviço de informações sobre o movimento cooperativista:

a) para o público, em geral, por meio de publicações;

b) para o Bureau Internacional do Trabalho. (Cf. nota n. 26).

Além dessa disposição, iniciou-se a exigência, no Artigo de número 15, de fiscalização das cooperativas agrícolas e suas federações pelo Ministério da

³⁷ Cf. [Sítio oficial em <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=39577>](http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=39577). Acesso em 30 de Jan. de 2008.

³⁸ Cf. [Sítio oficial em <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=100649>](http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=100649). Acesso em 30 de Jan. de 2008.

Agricultura. As cooperativas de crédito e suas federações, segundo o artigo 16, teriam a fiscalização do Ministério da Fazenda e as cooperativas de seguro, trabalho, produção industrial, construção de casas, de consumo e suas respectivas federações teriam, no artigo subsequente, a fiscalização do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (Cf. nota n. 26.).

A política nacional de cooperativismo vigente nos dias de hoje começou a ser desenvolvida pelo decreto-lei número 59³⁹ de 21 de novembro de 1966, que define a política nacional de cooperativismo, cria o Conselho Nacional do Cooperativismo além de dar outras providências. Em seu segundo artigo, diz que o governo federal “orientará a política nacional de cooperativismo, coordenando as iniciativas que se propuserem a dinamizá-la, para adaptá-las às reais necessidades da economia nacional e seu processo de desenvolvimento” (Cf. nota 27). Esse decreto-lei foi regulamentado pelo decreto número 60.597⁴⁰ de 19 de abril de 1967 e dizia, no seu artigo de número 90 dos 117, que para resguardo da legislação própria o poder público, pelo respectivo órgão normativo poderia intervir nas cooperativas livremente e por iniciativa própria. Também estabelecia multa de 3 salários mínimos à infração do decreto.

Segundo PINHO (1982), na mesma década surge a UNASCO (União Nacional das Associações de Cooperativas) e com a saída de alguns membros desta organização, surgiu a ABCOOP (Aliança Brasileira de Cooperativas) (PINHO, 1982). Pela união de ambas as associações nasce no IV Congresso

³⁹ Cf. Sítio oficial em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=191026>>. Acesso em 30 de Jan. de 2008.

⁴⁰ Cf. Sítio oficial em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=191991>>. Acesso em 30 de Jan. de 2008.

Brasileiro de Cooperativismo, realizado em Belo Horizonte no ano de 1969, a OCB (Organização da Cooperativas Brasileiras). A nova organização busca a substituição das leis vigentes para a incorporação dos princípios de 1966 no congresso da ICA, que trouxe a obrigatoriedade da criação de fundos destinados à educação.

Em 16 de dezembro de 1971 é promulgada a Lei 5.764⁴¹, que redefine a política nacional de cooperativismo. Esta lei altera a organização do cooperativismo brasileiro, sendo que NICÁCIO (1997) considera como importantes as seguintes alterações:

1 - Para constituir uma cooperativa é necessário o mínimo de 20 pessoas, número com que será considerada cooperativa de primeiro grau (singular), podendo ser criada em qualquer segmento da atividade humana;

2 - Na cooperativa singular, cada cooperado poderá votar e ser votado, tendo direito a um voto (independentemente do número de quota-parte que detiver), para eleger os membros do conselho de administração e do conselho fiscal;

3 - Três ou mais cooperativas singulares podem constituir uma central ou uma federação de cooperativas, consideradas de segundo grau, situação em que cada cooperativa singular tem um voto, independente do capital integralizado, sendo também admitido o voto proporcional; o mesmo modo, três ou mais cooperativas de segundo grau podem constituir uma confederação, isto é, uma cooperativa de terceiro grau;

⁴¹ Cf. [Sítio oficial em <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102369>](http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102369). Acesso em 30 de Jan. de 2008.

4 - Todas as cooperativas singulares, centrais, federações e confederações tem um voto para eleger a diretoria e conselho fiscal da OCE - Organização das Cooperativas do Estado, admitindo-se o voto proporcional. Essa organização congrega e representa todos os segmentos do cooperativismo no seu Estado e presta serviços às filiadas, conforme os interesses e as necessidades das mesmas;

5 - Cada organização das cooperativas de cada Estado - OCE tem um voto na eleição da diretoria e do conselho fiscal da OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras.

Em março de 1988 foi realizado o 10º Congresso Brasileiro de Cooperativismo, no qual a "autogestão" é defendida, estabelecendo o fim da intervenção estatal no funcionamento das cooperativas. A base deste conceito está radicado na educação, comunicação, organização, integração, autonomia, auditoria e autocontrole. Em 1995, a constituição de bancos comerciais com a participação exclusiva de cooperativas de crédito é autorizado no Brasil pela lei de número 2.193 de 16 de outubro de 1995, do BACEN (Banco Central do Brasil).

Como vimos a os mecanismos de controle estatais com a legislação apresentada⁴² se encarregaram de dificultar a legalidade das cooperativas no Brasil. Segundo Rios (1987) na estrutura latifundiária brasileira, a propriedade privada de pequeno porte existia em pequena quantidade se comparado às proporções européias e a população vivia em torno de um senhor em um

⁴² Para maiores informações, Cf. os anteriormente citados nas notas de rodapé, decreto número 979, decreto de número 1.637, decreto número 17.339, decreto número 22.239, decreto de número 24.647, decreto número 581, decreto-lei número 59, decreto número 60.597 e Lei 5.764.

espaço de baixa concentração populacional. No passado a escravidão se encarregou de impedir formas de associação e educação. Não devemos deixar de citar os Quilombos⁴³, mas também não devemos esquecer que esses eram reprimidos violentamente por parte dos senhores de terras e de escravos, com o fim de se reapossar dos elementos fugitivos e de punir exemplarmente alguns indivíduos, visando atemorizar os demais cativos. A comunicação entre áreas e as dificuldades de transporte eram demasiadamente sofríveis e tais aspectos perduram até as últimas décadas em algumas regiões até os dias de hoje. Em vivência pessoal tivemos a oportunidade de viajar por parte do sertão cearense. Ainda hoje nos defrontamos com inúmeras casas de pau a pique, sem água encanada, esgoto, energia elétrica ou meios de transporte. Estes diversos fatores ilustram as razões deste movimento ter partido de cima para baixo, diferentemente do caso europeu, que nasceu dos anseios do povo baseado na sua consciência de necessidade de libertação.

3.2 – Cooperativismo na área têxtil: instrumento de precarização

Tomando como exemplo o cooperativismo nas zonas rurais da região nordeste, é comum encontrarmos cooperativas organizadas em uma estrutura de classes. As posições administrativas são assumidas “pelos proprietários de alta renda, que assumem também as lideranças políticas locais e regionais. [...] É comum nessas cooperativas a figura do ‘dono da cooperativa’” (RIOS, 1987, p. 52). Essa figura de coronel é encontrada como uma espécie de proprietário da

⁴³ Um quilombo era um local de refúgio dos escravos no Brasil, em sua maioria afrodescendentes (negros e mestiços).

cooperativa, definindo sua política, contatos com órgãos administrativos, instituições, etc. Esse cooperativismo é mais um instrumento de controle do que um meio para a transformação social.

Além do cooperativismo na região rural, é identificada a presença de grande número dessas falsas cooperativas que “no Nordeste se desenvolvem ligadas especialmente a dois setores industriais: o setor de vestuário e o setor calçadista” (BERGAMIN, 2004, p. 65). Esse dado se deve à permissão do setor em contratar a população de baixa qualificação/escolarização e à necessidade de grande número de trabalhadores devido à baixa tecnologia da indústria dos produtos efêmeros denominada moda. “Todavia é um dos setores industriais que mais utiliza mão de obra no acabamento, considerado o gargalo da produção” (LIMA, 1998, p. 4).

É importante traçar aqui um paralelo entre nossa questão e o mercado de trabalho contemporâneo. Para Antunes e Alves (2004) a classe trabalhadora⁴⁴ presencia um processo multiforme de precarização, com nove causas tendenciais enumeradas:

1) Considerando a retração da indústria verticalizada taylorista-fordista, o proletariado desse tipo de indústria dá lugar à formas desregulamentadas de trabalho, reduzindo fortemente a empregabilidade formal. Esse fato se deve aos processos de horizontalização administrativa, evolução da informática e desconcentração do espaço físico.

2) Contrariamente, o aumento do novo proletariado terceirizado e subcontratado se expandem em escala mundial.

⁴⁴ Consideramos a classe trabalhadora a somatória dos assalariados, que vivem da venda da sua força de trabalho

3) O aumento significativo da participação feminina no mercado de trabalho, preferencialmente no universo do trabalho part-time, precarizado e desregulamentado, com níveis inferiores de remuneração.

4) A reestruturação no setor de serviços, que inicialmente acolheu os desempregados industriais causa hoje desemprego.

5) A crescente exclusão dos jovens que, desempregados, acabam buscando trabalhos precários, causando o desemprego estrutural.

6) A exclusão dos considerados “idosos” pelo capital, com idade próxima de 40 anos e que, uma vez excluídos do trabalho, dificilmente conseguem um novo emprego.

7) Com as causas anteriores, ocorre a expansão do “Terceiro Setor”, como alternativa que assume um papel comunitário e voluntário.

8) A expansão do trabalho em domicílio, permitida pela desconcentração da produção, pela expansão de pequenas e médias unidades produtivas.

9) O contexto do capitalismo mundializado, com a transnacionalização do capital e de sua produção (Antunes e Alves, 2004).

Empresas do período contemporâneo fazem uso das cooperativas de produção industrial como forma de aproveitar a disponibilidade de mão de obra barata da região para reduzir os custos de produção, confirmando a causa de número 6 baseada no pensamento de Antunes e Alves. Elimina-se as obrigações trabalhistas e as despesas internas, transferindo-a para a

cooperativa, que realizam o trabalho de *fação*⁴⁵ das peças das confecções.

Muitas vezes atuam para empresas específicas, uma vez que a

novidade das cooperativas nordestinas está na sua constituição para atender a demandas de empresas específicas - grandes confecções e indústrias de calçados - que, para tanto, bancam parte de seu funcionamento com contratos variados, embora predominem a exclusividade na produção e o controle sobre a organização do trabalho. Os trabalhadores são associados, e como tais não são regidos pela legislação trabalhista. O recolhimento das obrigações sociais é de responsabilidade dos trabalhadores. Com isso, além do baixo salário propriamente dito (que raramente ultrapassa a faixa de 1,5 salário mínimo), a terceirização em cooperativas reduz mais ainda os custos da produção (Lima in Novos Estudos Cebrap apud BERGAMIN, 2004, p. 66).

3.2.1 – Ceará: a busca do desenvolvimento e o alto custo social

Aproveitando a possibilidade relativa às terceirizações/fações, foram constituídas cooperativas de indústrias no estado do Ceará baseadas na criação do Pólo Confeccionista de Baturité em 1991 no município de Acarape, que fica a 45 quilômetros de Fortaleza. É importante citar que o estado do Ceará é conhecido internacionalmente pela produção de peças do vestuário a baixo custo, estando muitas vezes ligado à empresas de moda com prestígio internacional. A esse respeito podemos citar a notícia de capa do jornal Folha de São Paulo, publicada no domingo de 13 de dezembro de 2005. A manchete denunciava em caixa alta: “CEARÁ COBRA US\$ 12 POR CALÇA QUE GRIFE VENDE POR US\$ 600,00” (LIMA, 2005, p. A1). Essas calças eram terceirizações de empresas multinacionais especialistas nos negócios da

⁴⁵ O termo *fação* ou *façonismo* é amplamente conhecido na área têxtil e diz respeito à subcontratação de serviços entre empresas, cooperativas ou mesmo à domicílio. Segundo Durand (1985) o termo é o aportuguesamento de *a façon*, que vem significar um trabalho realizado sem o fornecimento de material.

moda. Grifes como Diesel, *Donna Karan*, *Chloé*, *Abercrombie&Fitch* e *Moschino*, dentre outras, buscaram naquele estado a mão de obra barata e formas alternativas de produção.

Segundo Bergamin (2004) o processo de terceirização da produção para as cooperativas cearences do maciço de Baturité foi iniciada em 1994. A partir de então, as empresas⁴⁶ participantes do processo assumiam como contratados somente os funcionários de manutenção e supervisão. O local contava com

15 cooperativas instaladas em galpões nos municípios participantes situados num raio de 50 km de Acarape. Cada cooperativa se constituía em até três unidades localizadas em bairros ou distritos dos municípios, cada uma delas agrupando de 22 a 35 cooperados [...]. O impacto das cooperativas nos municípios pode ser dimensionado pela criação de, aproximadamente, 100 postos de trabalho, por cooperativa, numa população de 10.000 a 30.000 habitantes na zona urbana e rural (Lima in Castro & Dedecca Apud BERGAMIN, 2004, p. 69).

Grande parte dos trabalhadores eram mulheres sem nenhuma experiência em indústrias. Mas tal fato representava uma oportunidade extremamente propícia para as pessoas vindas de famílias de baixa renda. Assim, foi construído, segundo Bergamin (2004) na cidade de Aracape o FCTCF (Fundação Centro Tecnológico de Formação de Confeccionistas), destinado a formar costureiras e mecânicos. O treinamento também incluía medidas de postura no trabalho como forma desses cooperados adquirirem a cultura do trabalho industrial.

No cotidiano, entretanto, os princípios do cooperativismo diluíam-se numa organização do trabalho em nada diferente de uma fábrica comum. A presença constante dos funcionários da empresa controlando o trabalho realizado aumentava a identificação dos cooperativados com a fábrica, mais virtual que real. (LIMA, 2002, Apud BERGAMIN, p. 70)

⁴⁶ Cf. Bergamin, 2004. A autora preservou a identidade das empresas que terceirizavam sua produção às cooperativas cearenses.

Dessa maneira, considera-se o trabalho nessas cooperativas como uma espécie de assalariamento de um trabalho precarizado de maneira disfarçada, uma vez que as tais cooperativas funcionam como um departamento das empresas, embora mantenham formalmente contratos apenas de prestação de serviços. No Nordeste, esse processo surge

da parceria entre estado-empresas que as organizam, instituindo-se em política oficial de atração de novas indústrias para a região. A parceria dá-se entre empresas interessadas e diversas instâncias do Estado – governos estaduais e municipais, fundos federais e órgãos como SENAI e SEBRAE - situando-se, em sua maioria, em pequenas cidades do interior desprovidas de atividades econômicas significativas (LIMA, 1998, p. 5).

Nesse processo da terceirização ocorre também a necessidade do fornecimento de “exclusividade” à empresa contratante. Assim, a cooperativa só é “bem vista” pela empresa se lhe der fidelidade, não prestando serviços a nenhuma outra no mercado. Lima (1998), explanando sobre os processos de confecção do vestuário no estado do Ceará, diz sobre um caso que determinada fábrica fornecia peças de jeans já cortadas e separadas de forma que as

cooperativas se comprometiam a trabalhar com exclusividade para a empresa. A organização do trabalho era estabelecida pela fábrica e controlada por supervisores que, assim como os mecânicos, eram funcionários da fábrica (LIMA, 1998, p. 8).

Além dessa característica ligada à necessidade de prestação de serviços de forma exclusiva à empresa contratante, uma outra associação ao fato é pertinente. No caso supra mencionado, o autor relata sobre a grande divulgação contraditória exercida na região de Baturité. Nas propagandas, são oferecidas promessas de ganhos acima da média em conjunto com o oferecimento da emancipação pelo trabalho.

As promessas, contudo, ficaram aquém das expectativas. Com uma jornada de trabalho que podia chegar a 10 horas diárias, e ganho por produção que variava segundo as encomendas da empresa, o projeto caracterizou-se por uma série de turbulências resultantes de mudanças na política econômica do governo federal, a adequação da produção ao mercado nacional e à própria dimensão do projeto. Esse conjunto de fatores provocou instabilidade no fornecimento de material para as cooperativas, e dos ganhos auferidos pelo pessoal ocupado que variava de R\$ 180,00 a R\$ 20,00 (US\$ 120,00 a US\$.13,00) por mês resultando em redução do pessoal, fechamento de unidades e grande rotatividade entre os cooperados (LIMA, 1998, p. 9).

No caso das cooperativas de sapatos daquela região, a exploração atinge níveis ainda mais elevados, uma vez que as oito horas de trabalho combinadas

podem virar 12 para atingir a produção prevista. A produção é exportada e os calçados são montados nas cooperativas. A qualificação exigida aos trabalhadores é mínima, convivendo desde os semi-alfabetizados até aqueles com segundo grau completo. A inexistência de outros empregos torna as cooperativas atraentes. O salário varia de R\$ 80,00 a R\$ 180,00 (US\$ 53,00 a US\$ 120,00). O valor da hora trabalhada fica em torno de R\$ 0,44 (US\$ 0,30) a R\$ 0,76 (US\$ 0,50). Embora sem um Centro de Treinamento específico, o governo do estado paga uma bolsa no valor de R\$60,00 (US\$ 40,00) por dois meses, para o treinamento dos trabalhadores. O recrutamento de trabalhadores passa pelo escritório das empresas que encaminham os trabalhadores para as cooperativas (LIMA, 1998, p. 11).

3.2.2 – Cooperativas em espelhos difusos: precarização ampliada

Além do caso cearense, existem outras experiências relacionadas ao cooperativismo industrial no Nordeste. Segundo Bergamin (2004), na Paraíba o modelo destas cooperativas se igualavam com as cooperativas do Ceará. Possuíam apoio do governo estadual e municipal voltados ao cooperativismo, contavam com uma organização do trabalho em que era administrada pelas empresas que os contratavam, a remuneração era precária, com inexistência de quaisquer benefícios. Ocorria total falta de conhecimento dos cooperados

sobre as diferenças entre o trabalho em regime celetista e trabalho cooperativo baseado na doutrina específica.

A olhar o caso do estado do Pernambuco, o modelo ligado ao cooperativismo foi baseado nos ideais cearenses, com algumas modificações voltadas ao incremento da produtividade e adequação às necessidades básicas para a continuidade do trabalho dos cooperados. Foram realizadas visitas à Baturité por membros do governo, que tomaram o modelo como base. No ano de 1995 foram montadas duas cooperativas de confecção de vestuário, nas cidades de Orobó e Machados, localizadas a 100 quilômetros de Recife. Os cooperados dessas experiências possuíam um perfil semelhante no que diz respeito à origem, escolaridade, sexo e nível de qualificação. As diferenças do modelo estavam relacionadas ao horário de trabalho. Bergamin (2004) nos evidencia que eram realizados dois turnos de 6 horas, uma vez que era necessário tempo livre às mulheres que deveriam cumprir suas atividades domésticas, gerando o problema da dupla jornada de trabalho, que leva, evidentemente, à má qualidade de vida à população.

No Rio Grande do Norte Bergamin (2004) identificou uma modalidade de trabalho semelhante aos casos anteriores. No município de Santa Rita, a 120 quilômetros de Natal, o trabalho ligado à indústria da moda era organizado pela ACT (Associação Comunitária do Vale do Trairi), que controlava as denominadas unidades de produção. Neste caso específico, segundo a autora, não foram encontrados contratos formais de trabalho. As peças de vestuário eram costuradas às confecções, que pagavam pela unidade costurada. Embora não tenhamos conseguido informações sobre o preço pago a cada

roupa, é conhecido que esse valor era variável de acordo com a produção atingida. Nem sempre havia cortes a serem confeccionados e com essa sazonalidade o trabalhador era condenado a ficar em sua casa sem renda, esperando o chamado para o retorno à produção. Quando havia excedentes, esse era destinado à manutenção da associação.

No início das atividades, a ACT possuía horário de trabalho de 8 horas diárias com intervalo de 4 horas entre os turnos. Esse espaço de tempo fazia com que não fosse servida refeição. Como muitos associados eram jovens e freqüentavam a escola, o horário foi alterado para 8 horas diárias, com um “sopão” servido pela instituição.

Com uma parceria com a UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), foi conseguido um plano de assistência médica, porém, as relações de trabalho continuaram sendo totalmente informais e esses

trabalhadores não eram sequer considerados cooperativados formalmente (como os trabalhadores das demais cooperativas formais da região Nordeste), e com isso a renda obtida com a venda da fabricação dos produtos era repassada para a Associação e não diretamente para eles (BERGAMIN, 2004, p. 82).

Os casos do uso do termo cooperativismo ligados à prática da exploração do trabalhador não se verificam somente na região nordeste. O estudo de AMORIM (2003) analisou empresas localizadas na região de Campinas, exemplificando o caso da grande fabricante de produtos de moda denominada Levi's (Levi Strauss), com filial localizada em Cotia, localizada entre Campinas e São Paulo. O relato sobre o papel da terceirização na reestruturação produtiva da indústria de confecção na década de 1990 e seus impactos desse processo sobre os trabalhadores da indústria da moda deixam

evidente os mecanismos de precarização existentes na manipulação do cooperativismo.

Fechando as portas da empresa, demitindo seus funcionários e oferecendo a eles a parceria na constituição de uma cooperativa, a empresa buscou o aumento de seus lucros. De maneira totalmente contraditória aos princípios originários do cooperativismo, a adoção de comportamentos despóticos e que favorecem o capital contribuiu para o fortalecimento e a continuidade dessa marca de produtos efêmeros.

O presente caso está ligado à voraz necessidade do capitalismo em aumentar lucros e diminuir custos. Segundo Amorim (2003), o setor de moda e confecção na região de Campinas teve configuração alterada na década passada, seguindo a tendência estadual. As empresas de grande porte diminuíram em número, enquanto ocorreu o aumento das pequenas e médias empresas. A explicação do fato reside nas possibilidades de uso dos mecanismos de terceirização como modo de flexibilização produtiva. Assim, empresas de pequeno porte acabam funcionando como setores subcontratados das empresas maiores.

Analisando firmas produtoras de produtos de moda da região, a autora em questão diz que dentre 3 empresas por ela estudada, somente uma optou por não terceirizar. Como alternativa de custos, essa última buscou mecanismos para aumentar sua produção interna. Deste modo, introduziu

grupos de trabalho com o controle rígido - a cronometragem - do tempo gasto por cada costureira para realizar a sua função. O fluxo da produção passou a ser controlado em intervalos de meia hora, pela passagem de um carrinho entre um grupo e outro, tornando visível quando um destes estava com problemas ou produzindo em um ritmo abaixo do necessário para acompanhar a passagem dos

demais, comprometendo, conseqüentemente, todas as outras etapas da produção (AMORIM, 2003, p. 93).

Tais mudanças vieram acompanhadas de premiações pela produtividade e qualidade, somente conquistadas se esses dois itens fossem atingidos em conjunto.

As outras duas empresas optaram pela terceirização como alternativa à redução de custos e também como uma estratégia de diversificação da produção, tendo como objetivo a conquista de "fatias do mercado menos atingidas pelos artigos importados [...] sem alterar a produção realizada no interior de suas fábricas" (Ibid., p. 96). Terceirizando o desenvolvimento e a criação de novos produtos, essas empresas podem optar por diversos artigos, inclusive podendo testar a aceitação do público e diminuir seus riscos. No mercado de moda, as exigências aos pequenos produtores terceirizados, que podem, em alguns casos, ser associações cooperativas, vão além das exigências relativas a qualidade e produtividade. Possuindo o desenvolvimento criativo, esses fornecedores fabricam inúmeras amostras que são oferecidas às empresas. Os custos relativos a esse trabalho devem ser agregados à produção, que estará sujeita as inúmeras negociações estabelecidas com os compradores.

No caso da multinacional americana Levi's, quando veio ao Brasil na década de 1970, instalou-se em um salão na cidade de São Paulo, transferindo posteriormente a unidade para Cotia. Inicialmente a produção visava ao mercado interno, mas com os impactos da política econômica da década de 1990 relativos ao comércio exterior, a empresa passou a importar insumos e buscar a exportação dos produtos aqui confeccionados. Com a necessidade de

redução de custos, foi decidido que o encaminhamento deveria ser o mesmo das fábricas norte americanas, no qual a solução era “a flexibilização total da produção acompanhada do fechamento das fábricas” (AMORIM, 2003, p. 107). Nos Estados Unidos foram fechadas 22 unidades com demissão de 13.000 trabalhadores. Essa produção deveria ser terceirizada para outros países, que tivessem condições de produzir com menores preços. Segundo Klein (2002), além dessa companhia, outras empresas, a se ter por base a gigante da moda esportiva Nike, seguiram o mesmo caminho, adotando mecanismos de subcontratação que permitem, além da precarização, a participação de crianças no trabalho.

No ano de 1998 a Levi's decidiu fechar sua fábrica no Brasil e seu departamento de produção buscou mecanismos de terceirização, procurando empresas e uma cooperativa para atuarem como subcontratadas. Após 3 meses foi iniciada a cooperativa que assumiria grande parte da produção. Essa associação foi formada pelas mulheres que haviam sido demitidas no encerramento da linha de produção interna. Eram, portanto, profissionais qualificadas para exercer o trabalho e por terem trabalhado naquela fábrica, conheciam o produto a ser confeccionado, assim como o nível de exigência de qualidade da empresa. A denominada UNIOP (Cooperativa de Trabalho dos Profissionais de Suporte Administrativo e Operacional), já existia de forma autônoma desde 1996 e agora viria produzir exclusivamente para a Levi's.

Para a compreensão do processo histórico que levou as ex-funcionárias a atuarem na cooperativa, é importante considerarmos os fatores contidos no levantamento realizado por Amorim (2003). Nesse estudo se percebeu que a

empresa possuía uma boa imagem às trabalhadoras, que por sua vez possuíam um nível de escolaridade que impunha barreiras à sua atuação em áreas onde a exigência escolar fosse acima do ensino fundamental ou médio.

Nas funcionárias que foram demitidas da Levi's, a situação era a seguinte:

metade das entrevistadas (7) não tinha concluído o ensino fundamental e dentre elas duas nunca foram alfabetizadas. Como 4 trabalhadoras tinham concluído o ensino fundamental, cerca de 78,5% das entrevistadas tinham no máximo 8 anos de estudo. Devido a dimensão do número de entrevistas realizadas, essas informações nos impedem de estendê-las para o conjunto de trabalhadoras empregadas pela Levi's durante os seus 25 anos de funcionamento em Cotia (AMORIM, 2003, p. 132).

Essas mulheres haviam tido outras experiências de trabalho, na mesma função ou como babás, domésticas, agricultoras, etc. Para elas, uma multinacional como a Levi's representava uma "família", pois dava a elas o acesso a recursos desconhecidos anteriormente, como a alimentação na empresa e o prestígio de trabalhar em uma grande multinacional da área de moda. O salário, que muitas vezes ultrapassava o do marido, possibilitava assumir um papel diferenciado em casa.

Mesmo submetidas a um ritmo de trabalho intenso, a "remuneração e os benefícios não aparecem nos depoimentos de algumas trabalhadoras como um direito ou uma conquista alcançada por elas e pela ação sindical, e sim como resultado da benevolência da empresa" (AMORIM, 2003, p. 133).

Esse pensamento é a legitimação do discurso ideológico que enxerga na empresa aspectos de bondade, benevolência e preocupação com o trabalhador. Com a notoriedade da Levi's, foi fácil para a empresa motivar as trabalhadoras a encontrar na nova cooperativa o mesmo ambiente que tinham quando eram empregadas. Quando foram demitidas, preencheram uma ficha, que foi o cadastro usado para a convocação para a cooperativa. No início das

atividades dessa associação, houve envolvimento próximo de engenheiros da Levi's que acompanharam todo o processo técnico. Foi oferecido um curso introdutório sobre cooperativismo, ministrado por Manoel⁴⁷. Quando aderiram à cooperativa, eram informadas claramente que não seriam registradas, mas com essa informação vinha a manipuladora promessa de que elas receberiam pelo que ela e as outras colegas produzissem, gerando assim "uma expectativa de poder obter um rendimento acima daquele recebido na Levi's ou em outras indústrias de confecção" (AMORIM, 2003, p. 145).

Após o funcionamento da cooperativa, foram realizadas entrevistas, pelos quais se percebeu nas cooperadas "o desejo de não ter novas experiências de trabalho em outras cooperativas" (AMORIM, 2003, p. 155). Essa citação, evidentemente é resultante da frustração com as práticas dentro da associação. Embora houvessem passado pela manipulação⁴⁸, tinham alguma noção sobre o cooperativismo. A proposta de melhoria financeira não era a principal expectativa para quem tinha referenciais de solidariedade e igualdade em uma cooperativa. Naquele ambiente era ressaltado mais o aspecto "econômico do trabalho cooperado, em detrimento do aspecto político" (AMORIM, 2003, p. 157). Dessa maneira, as mulheres que agora eram "sócias" deveriam realizar as atividades de manter a produção em nível elevado, conforme ensinado no curso.

⁴⁷ Não temos o nome completo de Manoel, mas em nota explicativa Amorim nos diz que no estatuto da UNIOP, datado de 26/11/1996, Manoel é mencionado como secretário da cooperativa é também citado como presidente na matéria "Aliadas para reduzir custos", disponível no sítio http://pegn.globo.com/edic/ed141/ges_estrateg.htm, de 03/04/2003. Os "depoimentos das trabalhadoras, bem como daquelas que foram interrogadas pelo Ministério Público do Trabalho, indicam que Manoel detinha, na cooperativa implantada na cidade de Cotia, um poder de decisão maior ao que compete a este cargo" (AMORIM, 2003, p. 143).

⁴⁸ A cooperativa havia sido apresentada como uma possibilidade de melhores ganhos em uma perspectiva de ambiente de igualdade solidária.

No início, o estímulo veio com a possibilidade de remuneração acima do valor do que elas ganhavam quando empregadas. No momento que os pagamentos passaram a não ser cumpridos, elas passaram a aumentar a jornada de trabalho, com o uso de horas extras cumpridas após o expediente, nos finais de semana e feriados, como forma de "colaborar" com o funcionamento da cooperativa.

Como já mencionado, a administração era realizada por Manoel, que cuidou da abertura da cooperativa e recebeu as fichas cadastrais da Levi's. Era ele o responsável pelos contatos com a contratante e que também se encarregava de exercer grande pressão sobre as cooperadas. Os mecanismos usados eram bem piores do que em uma empresa, uma vez que além das horas extras, cobranças relativas a velocidade de costura e qualidade, o secretário deixava o pagamento sem ser realizado conforme o relato de Sebastiana:

Teve dois meses que a gente fez 100%, era para a gente receber setecentos e pouco, esse mês, foi quando a casa caiu. O primeiro mês a gente recebeu aquilo ali, no outro mês eles não quiseram pagar. Você está ciente, está trabalhando em um grupo, está vendo o que você está fazendo. Cadê os lucros? Começou a sumir. Começou a pagar em pedaços. [...] Muitas vezes a gente chegou a 100%, 90%, 98%. E em uma empresa até 80 [%] você está indo na meta [...]. 'Ah, a empresa não teve lucro!' Como se você fez 100%? Esse fator fez 100%, o outro e o terceiro setor fez 100%? Como não deu lucro?" (SEBASTIANA, apud AMORIM, 2003, p. 164).

O não pagamento das cooperadas conforme combinado anteriormente trouxe o início das confusões na cooperativa. Assim surgiram também desconfianças em relação ao secretário Manoel e são questionadas as diferenças salariais dentro da cooperativa, uma vez que Manoel recebia um salário fixo de R\$ 3.500,00 e as costureiras deveriam receber R\$ 350,00. Quanto ao valor pela produção, não souberam dizer com precisão, pois esse

variava de R\$ 0,40 a R\$ 3,40 na citação das cooperadas. Não foram feitos balancetes ou assembléias e as cooperadas tinham a função somente de costurar. Além disso, foram relatados casos de assédio moral, no qual Manoel exercia comparações do trabalho das cooperadas com denominações de baixo calão.

Foi montado um comitê de cooperados e exercido questionamentos à direção da Levi's, que se comprometeu a pagar o que tinha em dívida. Em uma reunião do comitê, o secretário Manoel relatou que usaria esse dinheiro para pagar os fornecedores atrasados e não os funcionários. A Levi's diminuiu o serviço enviado à cooperativa e essa se extinguiu em pouco tempo após o ocorrido⁴⁹. Tomando ciência dos problemas o sindicato responsável realizou uma denúncia no Ministério Público do Trabalho, que fiscalizou a cooperativa. Para os participantes do ocorrido, a traumática experiência levou aquela população à total descrença em relação ao cooperativismo. De acordo com o relato de uma ex-cooperada, dentre aquelas mulheres, ninguém "trabalha se não for com carteira registrada [...]. A não ser que não acha e vai em fundo de quintal" (RAQUEL⁵⁰, apud AMORIM, 2003, p. 186).

Após o ocorrido, a Levi's continua sua busca por novas formas de parcerias subcontratadas, de forma que ainda no período da existência da cooperativa, terceirizava para fábricas nas cidades de Sorocaba – SP, Botucatu – SP e Siqueira Campos – PR.

As práticas ligadas ao envolvimento de grandes empresas do mercado de moda com cooperativas fraudulentas são conhecidas do Ministério Público

⁴⁹ Não temos referências de tempo e data sobre o andamento e fechamento da cooperativa.

⁵⁰ Nas entrevistas, Amorim preserva a identidade das cooperadas.

do Trabalho também em outras localidades. No mês de dezembro de 2007 tal Ministério entrou com uma ação pública contra a “C&A, uma das maiores redes de varejo do país, e três empresas - Lorsa, CWR Indústria e Confecção e CWR Lavanderia e Tinturaria - por supostamente usarem mão-de-obra de falsa cooperativa - a Cooperbrim” (ROLLI, 2007, s/p). No bojo da matéria publicada no jornal Folha de São Paulo, a denúncia informava sobre a subordinação interna e os aspectos ligados à subcontratação da cooperativa. Além desse caso, há também conhecidos envolvimento da C&A com trabalhadores imigrantes bolivianos. Mesmo sabendo não ser esse o foco central de nosso trabalho, a proximidade temática faz pertinente a citação. Tal empresa terceiriza sua produção à empresas menores, pagando o mínimo possível pelo produto. Essas pequenas empresas buscam no mercado formas de conseguir cumprir o prazo combinado com o magazine e garantir sua existência. Percorrendo campos que abrangem desde a contratação de cooperativas ou falsas cooperativas até a exploração do trabalho a domicílio, são encontrados nos imigrantes ilegais uma maneira fácil para exercer a exploração. Em matéria publicada na Revista Observatório Social, podemos encontrar fragmentos da difícil situação:

imigrantes são explorados por uma indústria bilionária e multinacional. Na ponta desta cadeia produtiva clandestina e precária está uma das mais tradicionais e conhecidas magazines do mundo. As lojas C&A vendem roupas costuradas por pessoas forçadas a atuar à margem da Lei, gente que não tem respeitados sequer os direitos fundamentais da pessoa humana (CASARA, 2006, p. 6).

São nesses casos que podem ser percebidas as aproximações contemporâneas da escravização do trabalhador. Essas pessoas vivem sob tetos de onde poucos podem sair em razão de não possuírem documentos

brasileiros. Em mesmo local, montam roupas pelas quais segundo CASARA (2006), se ganha 20 centavos a cada peça costurada. Nessas duras circunstâncias, os trabalhadores têm pressa para finalizar a produção, pois precisam trabalhar intensamente para apurar algum dinheiro e atender a intensa demanda de seus vorazes contratantes.

Como nos casos anteriormente citados, não é difícil encontrar em outras cidades brasileiras exemplos das pressões do capitalismo contemporâneo e com ele as formas mais esdrúxulas de exploração, com destaque para o aproveitamento das possibilidades de manipulação permitidas pelo modelo de cooperativismo que visa atender aos interesses do capital e estimulado pelo mercado flexível.

4 – A REGIÃO DE AMERICANA E UMA EXPERIÊNCIA COOPERATIVISTA

4.1 – Região de Americana: história pelas diretrizes do mercado têxtil

A cidade de Americana, localizada a aproximadamente 110 quilômetros de São Paulo possui história ligada à indústria têxtil, que na sua região é voltada à produção de artigos de moda e decoração. Tal característica foi desenvolvida a partir de fatores que atuaram em momentos anteriores à sua fundação. Sua localização geográfica é permeada pelo chamado eixo de expansão da cultura do café, onde também “se desenvolveu a cultura do algodão, quando a produção algodoeira dos EUA foi prejudicada pela Guerra da Secessão (1865-71)” (DURAND, 1985, p. 6). Ao finalizar da guerra, a cotonicultura se recuperou, ocasionando dificuldades à exportação brasileira dessa fibra. Com esses excedentes produtivos e cultura do cultivo do algodão desenvolvida, surge a primeira indústria têxtil da região, denominada Fábrica de Tecidos Carioba, considerada berço da industrialização de Americana. Segundo Cardoso (2004) esse empreendimento se deu nos anos de 1870, concomitantemente com a inauguração da Estação Cia Paulista de Estradas de Ferro, da qual ficava a 3 quilômetros. Um outro fator indicado para sua localização relaciona-se ao aproveitamento das águas do ribeirão Quilombo que viriam a ser utilizadas para a geração de energia, por meio da construção de uma pequena usina hidrelétrica. A produção, em seu início, era voltada a fios e tecidos utilizados para uso e vestimenta dos escravos, sacarias ou embalagem de outros produtos.

Nessa fábrica foram também confeccionados artigos de gramaturas mais baixas e qualidade superior, como casimira de algodão e alguns brins. A fábrica foi fechada e no ano de 1901 os irmãos alemães Comendador Franz Müller e Herman Müller adquiriram-na em conjunto com o engenheiro Rawlinson, formando a Rawlinson, Müller & Cia. Assim retomaram as atividades da Fábrica de Tecidos Carioba. No ano de 1911 a família Müller instalou a Fábrica de Fitas de Seda Carioba. "Entre seus produtos, estavam tafetás, fitas e cetins" (CARDOSO, 2004, p. 123).

Nos arredores de Carioba, formou-se núcleo de trabalhadores industriais enquanto ao redor da estação ferroviária concentrava-se a população dedicada à agricultura e ao comércio. As atividades dessas primeiras indústrias tiveram um "papel muito importante no desenvolvimento industrial ocorrido em Villa Americana, pois muitas pessoas aprenderam a trabalhar nelas e depois tornaram-se industriais, instalando fábricas na vila" (CARDOSO, 2004, p. 123). Esse processo se deu em toda a região que hoje são as cidades de Nova Odessa, Sumaré e arredores.

Em 1917 o médico Dr. Cícero Jones "montou máquina de beneficiar algodão e café em Vila Americana" (BIANCO, 1975, p. 22) e em 1922, junto com Hans Schweizer constituíram a primeira tecelagem da Vila Americana, com 12 teares. Segundo Bianco (1975), esforços de operários como o italiano Pedro Nardo foram importantes para a transformação de teares algodoeiros para fios de seda, que são mais finos. Com essa inovação, tais teares trouxeram diversificação para a produção local. Com a morte do Dr. Jones, seus filhos fundaram a Jones Brothers & Cia. com os teares suíços que seu pai

havia comprado. Quando encerraram o negócio posteriormente, tais teares foram vendidos à Luiz Bertoldo, que possuía experiência comercial que o fez realizar um acordo com a “Tecelagem Ítalo-Brasileira, instalada na capital paulista, para fornecimento de matéria-prima, cujo pagamento seria feito na forma de produção de tecidos, sem a necessidade, portanto, de investimento de capital” (BIANCO, 1975, p. 125). Tal sistema de trabalho representou o início do façonismo têxtil na região de Americana. Com essa produção subcontratada, vários tecelões começaram a adquirir e instalar teares nos fundos de suas próprias casas (CARDOSO, 2004; BIANCO, 1975; DURAND, 1985), trabalhando de maneira precária por meio da utilização de matéria-prima fornecida pela empresa contratante, com uso de "mão-de-obra familiar, sendo pagos pela quantidade de tecidos produzida” (CARDOSO, op. cit., p. 123).

Os teares antigos da Fábrica de Tecidos Carioba, agora pertencente à Rawlinson, Müller & Cia vendia seus “teares antigos a alguns tecelões, que assim suplementavam sua renda com trabalho doméstico após a jornada regular na empresa” (DURAND, 1985, p. 6).

Entre os anos de “1931 e 1937, o governo brasileiro cedeu à pressão dos industriais e dificultou a importação de teares, dando ensejo a que três fábricas de teares começassem a funcionar em São Paulo” (DURAND, loc. cit.). Surge a indústria Irmãos Ribeiro, que fazendo uso da política protecionista, pôde conceder aos clientes facilidades para aquisição de teares, dando nova dinâmica à troca de maquinário. Assim é facilitada a expansão do façonismo têxtil, contribuindo para o aumento no número de operários que conseguiam adquirir as máquinas, que eram operadas em casa, com a cooperação familiar.

A princípio o trabalhador exercia dupla jornada, uma vez que suas máquinas funcionavam após o mesmo concluir seu trabalho na indústria, no início da noite. Quando sua família aprendia a função, as horas de funcionamento da máquina eram ampliadas, possibilitando um ganho melhor. Assim, algumas mulheres também passam a exercer a jornada dupla de trabalho, “tear até na cozinha, possibilitando à mulher operar simultaneamente o tear e as panelas do fogão” (DURAND, op. cit., p. 7). Entusiasmados com a idéia de poder ganhar em casa o mesmo que na indústria, alguns trabalhadores abandonaram as empresas, trabalhando com a família.

Em outro estágio da cadeia, ocorria relação de trabalho semelhante. As confecções de roupas que surgiam na cidade possuíam poucos trabalhadores internos e dessa forma terceirizavam o trabalho à costureiras que trabalhavam em suas residências.

A matéria-prima para a realização do trabalho à domicílio era transportado principalmente em carroças e carriolas pelos próprios trabalhadores. Esse material era constituído pelas espulas já preparadas e pelo rolo de urdume, que dependiam de maquinários especiais para sua confecção.

O rendimento do trabalho era pequeno e do

ponto de vista econômico, a continuidade do pequeno façonista no mercado se explica pelo fato de fornecer uma força de trabalho a custo inferior ao da força de trabalho média empregada nas indústrias ‘por conta’. É esse diferencial que define a ‘preferência’ das tecelagens que operam matéria-prima própria em transferir parte da produção ao façonista. A oferta de força de trabalho mais barata, do lado do façonista, é possível por meio de alguns procedimentos e de certas ilusões. Como pai de família, o façonista mobiliza na produção toda a força de trabalho familiar sem pagar salários por unidade de tempo ou de produção: ao contrário, ele raciocina em termos da receita total a ser obtida por período de empreitada (que varia comumente de três a seis meses). Desse total ele deduz o custo de manutenção das instalações e o pagamento eventual de força de trabalho não-domiciliar. O restante ele consome na manutenção da unidade doméstica (DURAND, op. cit., p. 9).

Não havia garantia da constância de serviços para os façonistas. É importante citar também que esses eram os responsáveis pela qualidade do produto. Quando haviam produções que apresentassem defeitos, essas eram “remuneradas em até 50% abaixo do preço estipulado no começo, conforme a seriedade da imperfeição constatada” (DURAND, op. cit., p. 10).

A atividade têxtil se irradiou em Americana principalmente a partir de 1940, com a mesma metodologia de trabalho ligada à produção a domicílio. Tal incremento produtivo está associado às possibilidades da colaboração do trabalho façonado a custos baixos. Também trouxe colaboração ao avanço, a produção de fibras artificiais⁵¹ no país, que possuem preços mais baixos que os do algodão ou seda. Nesse contexto, nasce, no ano de 1941 a primeira experiência cooperativista na região que foi resultado da união de façonistas da região. Segundo Bianco (1975) a denominada Citra (Cooperativa de Tecidos Rayon de Americana) foi iniciativa de Álvaro Cecchino, mas durou em torno de 3 anos, sendo transformada em sociedade anônima em 1944. Tal processo resultou na sociedade do próprio Álvaro Cecchino, Carlos Matthiensen, Abrahim Abraham, Gê Godoy e João Barg. Em 1944 surge a DISTRAL (Distribuidora de Tecidos de Rayon de Americana) e em 1949 é instalada a FIBRA (Fiação Brasileira de Rayon), constituída pela associação de empresários locais com o grupo italiano Snia Viscosa. Essas iniciativas tiram o destaque da Fábrica de Tecidos Carioba, que encerrou atividades nos anos de 1970.

⁵¹ As fibras artificiais são aquelas produzidas pelo homem, porém utilizando como matéria-prima produtos naturais. Um exemplo dessa produção é a viscose cuja classificação internacional é "CV". Tal fibra é desenvolvida através das modificações dadas a partir da celulose. Outros exemplos dessas fibras são o acetato, o Lyocel e o Modal.

No início dos anos 1960, foi constituída uma unidade da UNITIKA, dedicada à fiação algodoeira e logo após a TOYOBO, produzindo fios naturais de algodão e sintéticos de poliéster. No ano de 1973, é aberta a POLYENKA, que viria produzir fios de poliéster de diversas titulações.

Ao longo dos anos ocorreu o desenvolvimento da estratificação dos façonistas. Segundo DURAND (1985), muitos deles desistiram das práticas de trabalho sendo que no ano de 1982, de 500 façonistas analisados, 200 deles se mantinham em condições modestas e 250 se encontravam em situação precária. Alguns deles tornaram-se proprietários de indústrias, vindo trabalhar com capital próprio.

Todo o esforço dessa população contribuiu para dar à cidade seu caráter têxtil e a comparar o posicionamento de Americana no setor, observa-se que

o número de estabelecimentos têxteis existentes no município de São Paulo - que ocupa a 1º posição no país - e em Americana - em 2º posição, a partir de 1970 - , no período de 1960 a 2000 indica, por um lado, uma diminuição na importância dessa atividade em São Paulo [...] por outro lado, a manutenção dessa importância em Americana, apesar da redução numérica também verificada especialmente após a implantação de políticas de caráter neoliberal no país na década de 90 (CARDOSO, 2004, p. 131).

O mercado da época anterior aos anos 90 era fechado às importações. Como aquela “produção era totalmente absorvida pelo mercado interno e o retorno era imediato e garantido, as Empresas Têxteis do Pólo de Americana tiveram, em um curto espaço de tempo, suas estruturas abaladas pela abertura comercial” (BETIM, 2006, p. 18). Nesse sentido, as alterações macro econômicas ocorridas nos anos 90 influenciaram o desenvolvimento do setor industrial, uma vez que a

abertura empreendida pelo governo Collor a partir de 1990, marca a ruptura dos padrões de política comercial externa que vinha sendo gestado desde o final dos anos 60. Aliás, pode-se dizer que as políticas de comércio exterior na década de 90 rompem com todos os

padrões vigentes desde do II pós-guerra, pois refletem, antes de qualquer coisa, as mudanças de um padrão de desenvolvimento que foi característico, grosso modo, durante a segunda metade deste século, o qual esteve orientado para uma audaciosa e bem sucedida política de industrialização (ULHÓA, 2003, pp. 22-23).

Tal posicionamento, marcado pela globalização, é uma das pressões impostas pelo capitalismo. Na cidade de Americana, concomitantemente com outros centros industriais brasileiros,

houve uma desintegração das cadeias produtivas na década de 1990, as quais diminuíram sua capacidade de gerar emprego e valor agregado. A diminuição do ritmo de atividades, em conjunto com a desintegração da estrutura de produção, fizeram com que o setor industrial perdesse não só a capacidade de gerar empregos mas também o poder de alavancar o crescimento da economia nacional (MATTOSO e BALTAR, 1996; LACERDA, 2000 apud HILGEMBERG, 2003, pp. 82-83)

Diante das circunstâncias, surgem discursos sobre a necessidade de adaptação às novas regras de mercado. As possibilidades de crescimento do setor estavam voltadas à exportação. Como a demanda de produtos no mercado internacional estava voltada à peças acabadas do vestuário, foi gerada euforia por parte daqueles que buscam novas oportunidades comerciais. Órgãos como a ABIT (Associação Brasileira das Indústrias Têxteis) incentivava seus associados à exportação e ao aumento de participação na cadeia produtiva, em uma proposta de verticalização que caminha desde a elaboração de tecidos até o fornecimento de peças acabadas. Sobre esse assunto é importante citar a matéria disponível no sítio da ABTT (Associação Brasileira de Técnicos Têxteis), publicada no ano de 2005 pela revista Forbes. O texto diz sobre as dificuldades do setor têxtil, das necessidades de agregar valor ao produto como forma de combater os baixos preços dos tecidos chineses e nas possibilidades de aumento da participação internacional, uma vez que diante do cenário atual,

grandes produtores e exportadores brasileiros, reconhecidos no exterior, como Vicunha, Coteminas e Santista procuram mercados alternativos para investir em tecelagem ou até mesmo em confecção. Crescer no exterior é decisão tomada por essas fábricas que, para tanto, buscam juntar preferências comerciais com importantes importadores e estrutura logística e tributária adequada à exportação. Elas têm pela frente o desafio de agregar valor e atender a uma mudança de demanda nos grandes mercados consumidores que dão prioridade a peça confeccionada. As tecelagens têm enfrentado dificuldades para conseguir parceiros no País que atendam às exigências e aos volumes dessas encomendas. A Santista já gerencia uma confecção na região Nordeste brasileira para vender os jeans no mercado externo (KARAN, 2005, p. 22-25 apud ABTT).

Das necessidades das empresas que buscam exportar nascem as expectativas de oportunidades para aqueles que vivem do trabalho. Diante das notícias sobre as dificuldades que possuem as grandes tecelagens em encontrar parceiros para exercer o trabalho da costura, interessados em assumir uma posição no mercado se propõem a oferecer sua força de trabalho para a conquista dos parceiros promissores.

4.2 – História e memória da Cooper Cris: a utopia como bandeira

Durante o ano de 2003/04, o futuro candidato a vereador para a prefeitura da cidade de Hortolândia, Gervásio Batista Pozza pesquisou sobre as possibilidades voltadas à emancipação social da população de sua cidade. A crença na vocação têxtil da região aliada às notícias positivas sobre a necessidade de parceiros para a realização do trabalho de confecção de peças do vestuário, levou candidato a vereador, em conjunto com sua esposa, Marlene Félix Antunes, a pensar em alternativas que trouxessem solução à essas questões. As boas perspectivas ligadas às possibilidades de crescimento no setor podiam ser ouvidas em muitas palestras da ABIT ou da ABTT sobre o

tema. Em conseqüência, podiam ser lidas inúmeras matérias relacionadas à questão. Em um desses casos, era dito, a título de exemplo:

A indústria têxtil brasileira se apóia na exportação e na tecnologia para andar para frente. Estima-se um crescimento de 20% no volume de faturamento das exportações. No ano passado, o Brasil obteve um faturamento recorde de US\$ 1,6 bilhão (MIRRIONE, 2007, s/p).

No mesmo texto, citava-se que o montante relacionado às exportações era formado por 60% de *commodities* que englobam algodão, fios e tecidos básicos e os 40% restantes, produtos de cama, mesa e banho e vestuário. Seguindo o discurso da ABIT sobre a questão relacionada aos produtos de confecção, noticiava-se que havia uma esperança "que o Brasil realize até 2008 negócios que gerem um faturamento bruto de US\$ 4 bilhões, com o vestuário responsável pelo menos por 50% desse valor" (MIRRIONE, loc. cit.). Dessa forma, era deixada a promessa sobre as oportunidades ligadas aos processos de confecção, uma vez que havia não só as expectativas de crescimento do setor têxtil, mas dentro dele, a possibilidade do aumento da participação nas vendas de peças confeccionadas ao invés de comercializar *commodities* como fios e tecidos comuns.

Para a conquista do espaço, o mesmo texto dizia que

a Abit quer ajustar os produtos e os processos das empresas para que estas possam iniciar e manter relações de exportação. Para alavancar esse projeto, longo e demorado, a entidade conta com o TexBrasil, programa estratégico ligado à Agência de Promoção de Exportação (Apex), órgão ligado ao Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MIRRIONE, 2007, s/p.).

Em conjunto com a crença no desenvolvimento do setor de confecções, havia uma perspectiva quanto ao apoio a empreendimentos populares diante do governo Lula. Em seu primeiro pronunciamento após as eleições, foi dito que o governo exigirá "uma inversão de prioridades no financiamento e no

gasto público, valorizando a agricultura familiar, o cooperativismo, as micro e pequenas empresas e as diversas formas de economia solidária” (LULA DA SILVA, 2002, p. 4). Em 24 de junho de 2003 foi aprovado com o decreto de número 4.764⁵², a estrutura regimental e o quadro demonstrativo dos cargos em comissão e das funções gratificadas do Ministério do Trabalho e Emprego no qual estava presente a SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária). Assim, era formada expectativa nos assuntos relacionados à possibilidade da criação de empreendimentos que viessem se relacionar com as necessidades da população.

As influências midiáticas dirigiram boa parte do caminho para a alternativa ao incentivo à abertura de uma cooperativa de costura. Gervásio⁵³ diz acreditar ser absurdo grande parte da população não possuir condições dignas de trabalho. Segundo ele, é a falta de oportunidade que leva as pessoas às más condições de sobrevivência. Decidido a apoiar o empreendimento e contando com o apoio de sua esposa Marlene, buscou divulgar a notícia à população. Desde os primeiros contatos, eram cadastradas as pessoas interessadas em participar de uma cooperativa de produção.

Na cidade de Hortolândia já havia em funcionamento duas cooperativas de produção ligadas a produtos de vestuário. Eram elas a Cooper Fem e a Cooper Lance. Marlene realizou alguns contatos, conseguindo maior proximidade com as cooperadas da Cooper Lance. Tal associação foi iniciada

⁵² Cf. Sítio oficial em <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Decreto/2003/D4764.htm> Acesso em 23 de Fev. de 2008.

⁵³ Tais citações são fruto de conversas informais com Gervásio e sua esposa Marlene Félix Antunes.

com o nome de Brilhante, com a iniciativa de Marli⁵⁴, e segundo a cooperada Efigênia Maria Assiz de Oliveira, a fundadora, em períodos anteriores à fundação, já costurava sozinha e tinha a intenção de montar uma oficina de costura. “Aí foi que conheceu a cidadania aí, e ente começou...” (EFIGÊNIA, 2007).

Segundo a também cooperada da Cooper Lance, Rosires Pereira Diamantine, a cooperativa foi influenciada por alguns cursos livres realizados por gestões de governo anteriores, às quais não se lembrou, citando em alguns momentos o ex-governo estadual de Mário Covas. Dessa maneira,

houveram vários cursos, aí [...] elas trabalharam um tempo fora, com uma pessoa que tinha ministrado o curso e depois montaram a cooperativa através do Dimas, da Izabel, do Ilário, e na época, o doutor Geraldo. Começou a fazer reunião e incentivar o cooperativismo. Aí que começou a cooperativa (ROSIREs, 2005).

Segundo Marlene, a situação da cooperativa era extremamente humilde, de maneira que ela acreditava que as dificuldades da Cooper Lance estavam ligadas à sua estrutura. Dizia ser impossível trabalhar com roupas em uma situação difícil como aquela, pois o calor era extremo, o teto era baixo, as máquinas eram muito ruins, dentre outros fatores. Embora que não tivemos contato com a Cooper Fem, foi relatado que a situação da cooperativa era semelhante às da Cooper Lance.

Gervásio e sua esposa chegaram à conclusão de que muitas dificuldades dessas cooperativas estavam ligadas também a sua constituição. A falta de legalização perante o governo proibia o grupo de exercer o comércio legalmente, impedindo sua penetração no comércio atacadista.

⁵⁴ Até o momento não conseguimos contato com a fundadora.

A cooperada da Cooper Lance, Adjane Gonçalves da Silva, nos confidenciou sobre as necessidades de capacitação do pessoal, uma vez que naquela cooperativa não houve cursos para a preparação da mão de obra. As três entrevistadas dessa associação reclamaram sobre a falta de proximidade com a prefeitura e a negação da mesma de auxílio prático.

Tais características foram analisadas previamente por Gervásio e Marlene e em conjunto com os fatos era construído um ideal de cooperativa dentro do qual se buscava eliminar os problemas identificados na Cooper Lance.

Com tais pesquisas, Gervásio adotou para sua campanha a bandeira cooperativista ligada às confecções e com ela a proposta de construção de uma cooperativa inicial, que daria bases para outras associações na cidade de Hortolândia. No período de campanha, dona Marlene procurou realizar diversas reuniões com a comunidade, em chás da tarde promovidos com o patrocínio do candidato. Nestas reuniões, falava sobre a proposta de fundar cooperativas em vários bairros e a necessidade de apoio público à população de baixa renda, visando buscar as possibilidades de transformação social naquela região.

Com a eleição de Gervásio no ano de 2004 à câmara municipal daquela cidade, Marlene reuniu as interessadas em participar da cooperativa que se propunha a fundar. As integrantes decidiram o nome, que seria formado pelas siglas iniciais do cooperativismo, “cooper”, em união com o sufixo “cris”, proveniente do nome do bairro “Carmem Cristina”, onde se localizaria a primeira sede da cooperativa. Como incentivo, o vereador cedeu um salão de sua propriedade a título de empréstimo às cooperadas, que ganharam também

por um ano os direitos de utilização de água, luz e telefone do local, além de auxílio e ajuda de custo em papelaria e xérox necessários ao negócio.

Fundada em 22/07/2005, a Cooper Cris foi presidida por Marlene, que tomou a frente das reuniões iniciais, abertura da empresa, mobilização de pessoal e da continuidade das pesquisas introdutórias utilizadas para a criação e desenvolvimento da sociedade.

Inicialmente havia mais de 40 pessoas interessadas em se associar. Marlene nos relatou que não havia nenhuma restrição à entrada na cooperativa. Para ser aceito no grupo, inicialmente bastava a vontade de trabalhar. A presidenta dizia que o aprendizado poderia ser realizado em conjunto com o trabalho. Em comparação, lembramos que como analisado no capítulo 2, Robert Owen também não possuía restrições quanto ao recrutamento de seus colonos. Marlene disse que mesmo assim, muitos deles desistiram quando eram informados que não teriam registro. Por não terem conhecimento sobre o cooperativismo, esse fato era somente percebido à medida que tomavam contato com as pessoas do grupo, segundo nos relatou a cooperada Cleide (2007).

A cooperativa foi constituída por pessoas, em sua maioria, sem os ideais políticos à que se volta o movimento cooperativista. Grande parte dos relatos se relacionam à busca de melhores rendas, fator citado pelas 6 cooperadas entrevistadas ainda quando faziam parte da associação, assim como pelos 2 cooperados que haviam deixado o grupo, representando 100% dos casos. As citações relativas à melhoria de rendas também aparecem em conjunto com a necessidade de se ter um emprego. Esse dado confirma as dificuldades de se

encontrar trabalho na região, assim como revela as formas de precarização por trás desses dados. A busca de um emprego, de um “negócio próprio” e o desejo de trabalhar com a costura também são citados.

Isabete Okawa Correia nos relata sua motivação sobre o que a levou a participar da Cooper Cris, dizendo: “Bom, primeiro porque eu sempre costurei. Eu gosto de costurar. Segundo, a perspectiva de ter um salário, por mês e [...] a gente ia ser dona do próprio negócio” (ISABETE, 2007).

Houve um caso na Cooper Cris da cooperada Ivone Rodrigues Freitas de Lázari, que fez parte do grupo pelas dificuldades encontradas no mercado de trabalho quando ela teve seu filho. Como não havia quem cuidasse da criança durante todo o dia, precisava de flexibilidade no horário. Segundo relatou, acreditava em uma promessa dos poderes públicos sobre a instalação de uma creche nas proximidades da cooperativa. Assim, diz que entrou na Cooper Cris porque era perto de sua casa, com a seguinte fala: “eu ia trabalhar só os dias que eu podia trabalhar” (IVONE, 2007).

Francisca Cleide Alves de Macedo diz que curiosidade sobre os benefícios de uma cooperativa foi o que a motivou a participar da Cooper Cris, embora tenha dito que necessitava também de rendimentos para seu sustento. Ela, como as outras cooperadas, acreditam que o que motivou a maioria foi a necessidade de um trabalho e de rendimentos. No caso dela, disse que se não fosse por isso, não estaria trabalhando com costura, porque em suas palavras, “eu gosto é de cantar⁵⁵” (FRANCISCA, 2007). Segundo relatou, teve inúmeros problemas no seu trabalho anterior, com destaque para a exploração excessiva

⁵⁵ A cooperada exerce a arte do canto em sua igreja, mas segundo ela, seria necessário o aprendizado de técnicas específicas para que seu trabalho fosse profissionalizado.

de horas extras e assédio moral⁵⁶. Nesse contexto, a Cooper Cris poderia representar uma saída para as imposições da política neoliberal.

Houve uma única entrevistada que relatou estar na cooperativa pelos ideais ligados a solidariedade e a possibilidade da realização de um trabalho comunitário, embora não ser deixado de lado as expectativas quanto ao rendimento para sua manutenção. Luiza Soares nos relatou:

Bom, primeiramente eu sempre tive um sonho, de participar em grupo assim, em cooperativa mesmo, sempre quando tinha um programa de televisão, ou de algum tipo assim de cooperativa, de cooperativismo eu sempre tive vontade de participar. Desde de quando eu vim e cheguei aqui em Hortolândia, né, eu sempre tive assim essa vontade, ou uma cooperativa de creche, assim, tipo, a gente montar um grupo de mulheres, ter um lugar pra reunir com as crianças, uma cooperativa, uma escola, qualquer coisa desse tipo, daí quando surgiu a quase três anos a Marlene fazer o convite. Aí me empolguei, porque eu sempre quis participar do cooperativismo, e de costura então era uma coisa que eu tinha muita vontade mesmo (LUIZA, 2007).

Luíza Soares foi a única cooperada que, em conjunto com a presidenta Marlene, votou contra o encerramento da Cooper Cris. Dias antes do encerramento, ela nos referenciou a situação do seguinte modo: “elas [...] todas querem sair e eu sou [...] a única que não quer sair. Eu acho assim que, elas viram uma maneira de estar tendo um salário melhor, um ganho melhor, a parte financeira, pra ajudar em casa, da família (LUIZA, 2007).

Na comemoração de 2 anos da fundação da associação, realizada em 23/07/2007 na Câmara Municipal de Hortolândia, sua presidenta discursou sobre as dificuldades do grupo e a incansável busca de auxílio por parte delas. Na época da fundação, procuraram a sede da Secretaria de Desenvolvimento Econômico daquela prefeitura, onde foram auxiliadas por pessoas que tinham

⁵⁶ Segundo nos relatou, em seu trabalho anterior era comum o emprego de palavras de baixo calão por parte de seu então patrão. A cooperada desenvolveu problemas de depressão em decorrência das práticas sofridas na empresa.

conhecimento relacionado à economia solidária e desenvolvimento cooperativista. Dimas Correa de Pádua, então secretário da pasta, foi quem liderou os primeiros encontros das mulheres com o departamento, assim como auxiliou no que era necessário para a formação do grupo. As primeiras máquinas da cooperativa eram de propriedade das próprias cooperadas, que se encarregaram de levá-las de suas casas. O desejo pelo trabalho e a busca pela transformação social trouxe ao grupo a expectativa sobre a possibilidade de crescimento com o uso das próprias mãos.

Os custos relativos aos honorários do contador que cuidaria da abertura da empresa foram financiados a título de doação pela MJ Contabilidade, e as taxas pagas à JUCESP (Junta Comercial do Estado de São Paulo) e outras despesas foram custeadas por 2 festas de arrecadação promovida pelas cooperadas sob a liderança de dona Marlene. A iniciativa trouxe o dinheiro proveniente da venda de cartelas de bingo, pastel e refrigerantes que foram suficientes para os pagamentos das taxas iniciais. Para a aquisição dos primeiros cortes de tecido, destinados aos testes iniciais, foi realizada uma arrecadação livre entre o grupo, em valores que variavam de R\$ 5,00 a R\$ 10,00.

4.3 – Cooper Cris: um fragmento social subordinado

Em uma das reuniões das fundadoras, obteve-se a informação de que seria realizada uma licitação pública para a confecção de 69.813 uniformes escolares para a prefeitura de Hortolândia. A regulamentação da cooperativa perante a legislação vigente e a proposta de menor preço trouxeram à Cooper Cris o seu primeiro trabalho de confecção. As negociações facilitadas pelo envolvimento político de Gervásio e sua esposa Marlene facilitaram a aquisição de 15 toneladas de malha diretamente da Advance Têxtil, que seriam pagas com o futuro recebimento do pagamento que a ser realizado pela prefeitura. Com a mesma estratégia, foram compradas as máquinas que eram necessárias para o trabalho, em crédito concedido pela Camp-Máquinas.

As dificuldades devido ao grande volume de produção levou a Cooper Cris a propor a terceirização do trabalho a outras 2 cooperativas de Hortolândia. As já citadas Cooperfem e a Cooper Lance se disponibilizaram a trabalhar em conjunto, suprimindo a carência das mãos necessárias ao cumprimento do prazo estabelecido.

Quanto à questão social das cooperadas, percebemos que no caso desse serviço houve a total precarização do trabalho, com cooperadas exercendo suas funções por 13 horas diárias, como nos relata Maria Aparecida Ferreira Silva: “tinha vezes que a gente ficava até às nove da noite, dez horas. Entrava às sete e às vezes nem ia em casa almoçar” (MARIA, 2007). Após esse período de intenso sacrifício, muitas delas ainda cuidavam de seus afazeres

domésticos e dedicavam-se a cozinhar o jantar e o almoço do dia seguinte para suas famílias, em uma interminável dupla jornada de trabalho.

Com a falta de conhecimento necessário sobre a questão técnico-administrativa, ocorreram também algumas deficiências relativas ao custeio. As taxas de impostos que foram pagas levaram os ganhos iniciais da Cooper Cris, gerando o total descontentamento por parte do grupo, que lucrou somente com as máquinas que foram compradas para o trabalho e a sobra de 500 kilos da malha utilizada na confecção. Segundo Marlene, o preço das peças foi estipulado baseado no consumo da matéria prima e valor da hora de costura, uma vez que não eram informadas que a cooperativa teria que pagar imposto.

Sobre esse assunto, a ex-cooperada Maria de Lourdes da Costa nos conta:

apareceu muitos impostos que a gente não sabia, então por isso que eu digo que a prefeitura⁵⁷ não teve aquela participação, não tinha aquela coisa, não sei se é [culpa] deles, também, mas o que eu entendi, e eu acho que tenha sido, porque apareceu muitos impostos, como que se a gente fosse uma empresa já em andamento a, sei lá quantos séculos. Sendo que ali a gente precisava pra sobreviver. Tanto é que tinha gente lá que entrava 7 horas da manhã e ia até as 10 da noite (MARIA DE LOURDES, 2007).

A presidenta Marlene nos confidenciou que se o preço fosse maior provavelmente não teriam conseguido vencer a licitação.

Depois dessa experiência inicial, muitos cooperados acabaram desistindo da associação. Se no início havia mais de 40 interessados, apenas 20 aderiram à cooperativa e somente 12 restaram após o fato. Nos últimos 6 meses a Cooper Cris contou com a colaboração de apenas 9 pessoas, sendo que dentre elas 3 não eram colaboradoras freqüentes.

⁵⁷ Maria de Lourdes nos contou que a equipe da prefeitura havia dito à elas que a cooperativa não pagava nenhum imposto.

Por outro lado, eram divulgadas notícias em jornais e revistas sobre a experiência cooperativista de Hortolândia, com destaque para a administração pública do período.

Segundo conta dona Marlene, nesse momento o grupo resolveu procurar outras formas trabalho. Era necessário buscar novas parcerias, de modo que a presidenta ficou sabendo, nas reuniões na prefeitura, sobre o Polo Tec Tex (Pólo Tecnológico da Indústria Têxtil e de Confecções), buscando contatos com a entidade.

4.3.1 – A aproximação com o Pólo Tec Tex

O Pólo Tec Tex⁵⁸ foi criado no dia 3 de dezembro de 2002 pela da lei de número 11.274⁵⁹ a partir do projeto de lei de número 440/2001, do então deputado Vanderlei Macris, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Tal lei dispõe sobre a instituição da entidade na região integrada pelos municípios de Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara D'Oeste, Sumaré e Hortolândia. Sua sede fica em Americana e tem como objetivo reunir as empresas, profissionais e cooperativas da região, visando representar economicamente, politicamente e institucionalmente o setor têxtil em limites nacionais e internacionais. As alianças são realizadas em toda a cadeia de

⁵⁸ Cf. Sítio oficial. Disponível em em <<http://www.polotectex.com.br>> Acessado em 1 de Jan. de 2008.

⁵⁹ Cf. Sítio oficial. Disponível em <[http://www.legislacao.sp.gov.br/dg280202.nsf/ae9f9e0701e533aa032572e6006cf5fd/98a6094ee107fa3d03256ce600649577/\\$FILE/11274.doc](http://www.legislacao.sp.gov.br/dg280202.nsf/ae9f9e0701e533aa032572e6006cf5fd/98a6094ee107fa3d03256ce600649577/$FILE/11274.doc)> Acessado em 4 de Fev. de 2008.

desenvolvimento, como as empresas de materiais crus, fiação, tecelagem, beneficiadoras, tinturarias, confecções e comércio de produtos da área.

Com o intuito de promover o desenvolvimento do setor têxtil, o Pólo Tec Tex busca aproximações com entidades como o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Sesi (Serviço Social da Indústria), CNI (Confederação Nacional da Indústria), Prefeituras, Sindicatos, Associações, Bancos, Universidades, etc.

A presidenta da Cooper Cris se aproximou da entidade com o intuito de estabelecer parcerias para o fornecimento de serviço à cooperativa. Segundo conta Marlene, por meio do Pólo Tec Tex conseguiu inúmeros contatos de empresas que confeccionavam diferentes tipos de roupas. No entanto, poucas dessas confecções efetivamente enviaram trabalhos de fiação à Cooper Cris. Segundo Marlene, os motivos estavam ligados, principalmente ao tempo de produção das peças. “A costura demorava muito tempo, ou era muito trabalhosa e as meninas não queriam pegar tudo” (MARLENE, 2007). Observamos que não havia uma negociação de preços que favorecesse os interesses da cooperativa.

Na Cooper Cris não se conseguia ao menos pagar as despesas básicas dos cooperados. A falta de conhecimento sobre o negócio, a incapacidade técnica e o oportunismo capitalista em exercer ganhos com tais deficiências revelaram desde os primeiros meses as fraquezas da cooperativa diante da política neoliberal. Como nos disse a cooperada Isabete Okawa Correia: “tinha meses que a gente não conseguia tirar o salário”. Outro exemplo vem de Maria

de Lourdes Okawa, elencando em sua fala, que os principais problemas foram relacionados à necessidade de uma retirada mínima e de investimento:

Ninguém tinha nada. Ninguém tinha máquina, não tinha nada. Foi difícil. Porque a gente trabalhou sem um salário, pra poder pagar o que nós temos aqui dentro. Então foi difícil. Às vezes a gente até desanimava, Porque você trabalhar o mês inteiro. E não ter uma retirada? (ISABETE, 2007).

Ivone Rodrigues Freitas de Lázari compartilhou sua visão no desespero frente às necessidades cotidianas na abertura de uma cooperativa, dizendo: "a gente não tinha nada no começo, não tinha nenhuma agulha, nenhuma máquina, nada, então foi [difícil] até organizar, juntar tudo, pra começar" (IVONE, 2007). Luiza Soares nos disse que desde o princípio ela achou que as dificuldades foram grandes. Faltava "dinheiro para a legalização do processo, formação, as pessoas não tinham informação sobre o cooperativismo e a formação técnica de costureiras" (LUIZA, 2007).

Em observação empírica, podemos entender que as cooperadas cumpriam as funções básicas das costureira de produção. Conheciam o funcionamento das máquinas, os processos básicos de costurabilidade além de em alguns casos, desenvolverem a manutenção das máquinas. Embora tal fator tenha sido observado, muitas delas acreditavam que costuravam de maneira insatisfatória. Esse relato está vinculado às reclamações de alguns clientes sobre o tempo de costura. Essas empresas buscam pagar o mínimo pelo valor da costura e dizem que para obter melhores ganhos, as costureiras precisam trabalhar mais rápido. Marlene nos disse que acredita ter faltado organização ao grupo. "Precisava ter alguém para ficar no pé delas. Eu não entendo de costura, mas se tivesse alguém o dia todo cobrando, iria mais rápido" (MARLENE, 2007). Tal afirmativa foi exercida por outros integrantes do

grupo, a exemplo de Anatólio José da Costa. Segundo o então ex-cooperado, ele queria uma produção maior. Na época trabalhava como cortador da Cooper Cris e procurava se relacionar com os clientes, ouvindo deles as críticas e elogios. Ele nos deu o seguinte relato:

eu queria impor um ritmo de serviço e ninguém concorda com o ritmo de serviço, porque aquele tipo de trabalho que elas falam, as meninas estavam fazendo não leva [...] a nada. Elas [...] fecharam um círculo, [...] ficaram em meia dúzia ali e não tem como trabalhar em escala maior (ANATÓLIO, 2007).

Completando, diz que o mercado de trabalho de hoje “é muito competitivo, você só tem condições de se manter nesse mercado se você tiver uma linha de produção produtiva. Tem que ser uma quantidade. Porque hoje em dia é qualidade mais quantidade” (Ibid.). Segundo o cooperado, o tal “fechamento do grupo” está relacionado com a falta de cobrança entre elas. Ele acredita que seria necessária uma administração de uma “cobrança rígida.” Tais práticas administrativas destoam “da solidariedade apresentada como um dos elementos presentes no cooperativismo” (ROSENFELD, 2003 apud AMORIM, 2003, p. 158).

Entendemos que tal cobrança do mercado é exercida como maneira de estabelecer uma desculpa para os baixos ganhos do grupo. Tais técnicas de negociação são facilmente compreendidas na leitura da ampla bibliografia existente que estuda a flexibilização e precarização do trabalho (ANTUNES, 2005; ANTUNES e ALVES, 2007; AMORIM, 2003; BRAVERMAN, 1987; CASTEL, 1999; KLEIN, 2002; LEITE, 2002 e 2004; LIMA, 2002).

A necessidade de cumprir dupla jornada de trabalho, com destaque para todos os afazeres domésticos, faz também algumas questões importantes virem à tona. Isabete Okawa Correia nos relatou que "muitas pessoas que

trabalham na cooperativa, tem crianças e às vezes não podem vir. Ai acumula serviço, outras vezes a gente não pode pegar serviço porque falta pessoal" (ISABETE, 2007).

As horas de trabalho na Cooper Cris eram flexíveis. No entanto, as retiradas eram baseadas na produção de cada uma das costureiras. Tal divisão não era realizada com olhar ao número de peças, mas sim pelas horas trabalhadas em determinadas produções. Marlene conseguiu, por meio de solicitação à prefeitura, o fornecimento de uma cesta básica que era entregue mensalmente aos cooperados.

O local de trabalho da Cooper Cris, após ter mudado do salão emprestado por Gervásio, era humilde, mas amplo, bem arejado, com dois banheiros, cozinha, geladeira, computador e telefone. Tais equipamentos foram emprestados por Marlene e Gervásio. Segundo relatou Marlene, uma das dificuldades de trabalhar nesse mercado é relativo a concorrência ser grande, pois, segundo ela, há muitas pessoas que costuram em casa, não pagam aluguel e possuem menores custos para o trabalho. "Nós temos muitas contas. Luz, telefone, aluguel, imposto. No final sobra pouco" (MARLENE, 2007).

A exemplo de outras regiões, o processo de confecção de vestuário na região de Americana é, em grande parte, terceirizado a domicílio, ou seja, as grifes ou confecções levam seus tecidos já cortados à costureiras que produzem em suas próprias residências, em uma relação informal de trabalho. O diretor do Pólo Tec Tex, Osni Nobre, alerta os empresários, dizendo que deveriam buscar a legalização desse processo como forma de exercer não só

a melhoria de qualidade como também evitar os possíveis processos trabalhistas desses terceirizados. Em sua entrevista, diz que

o sistema de terceirização da produção da confecção que existe hoje, que mais de 98% dele é terceirizado dentro da informalidade da região, sem qualidade, sem produtividade, sem comprometimento dessa mão de obra com o seu cliente, pra parar por aí em termos de problemas e não falar de passivos trabalhistas imensos que esse pessoal anda plantando (OSNI, 2007)

Na cidade de Americana, concentra-se um grande número de costureiras que dedicam suas horas do dia costurando peças do vestuário em suas próprias casas. Um dos fatores que exercem a força para que elas permaneçam em suas residências ao invés de estar em um trabalho no qual viriam a ter suas carteiras de trabalho assinadas é, em boa parte dos casos, a necessidade de ter que cuidar de filhos, netos, assim como da casa. O ponto de maior expressão no trabalho realizado em domicílio está voltado para a própria dinâmica de mercado neoliberal. Essas costureiras ganham em média R\$ 0,50 a cada peça de camiseta costurada. Com esse faturamento, precisam pagar as contas de energia elétrica que as máquinas consomem e ainda cuidar da manutenção do equipamento⁶⁰, comprar linhas, fios, agulhas e acessórios. Uma costureira trabalhando sozinha consegue produzir em torno de 60 camisetas básicas nas oito horas de trabalho. A necessidade de cumprir com os deveres domésticos aliada à necessidade de ganhos, fazem com que essas mulheres raramente trabalhem menos que 12 horas por dia, entre uma atividade e outra.

⁶⁰ Para costurar malharia é necessário o investimento em uma máquina de costura Overloque, que custa aproximadamente R\$ 2100,00 e uma máquina de costura Galoneira, avaliada em R\$ 3200,00 quando novas. O custo da hora do mecânico é, em média, R\$ 45,00 a hora na região de Americana.

Durante o mês de dezembro de 2007 e janeiro de 2008, realizamos breves visitas a costureiras da cidade. Tais contatos foram possibilitados por nosso relacionamento com as profissionais, estabelecidos em razão de nossa atuação no mercado de moda, como consultor de estilo. Tivemos assim a oportunidade de analisar a situação de seus ambientes de trabalho e realizar entrevistas informais⁶¹. Geralmente, as máquinas ficam localizadas em espaços apertados de casas humildes localizadas nos bairros da periferia. Como nos contou “L”⁶², em razão de ter que cuidar de sua neta e permanecer em casa, fez um acordo na antiga empresa, na qual trabalhou por 12 anos. Com o dinheiro do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), adquiriu as máquinas, que são mantidas em sua sala, em casa humilde do bairro Antonio Zanaga. Em meios a brinquedos da neta, “L” costura roupas de modinha⁶³. Diz que não consegue produzir mais que 20 peças por dia, devido à dificuldade de execução de montagem das mesmas, mas que ultimamente tem conseguido fazer somente 10, pois precisa cuidar da casa. A cada peça finalizada, ganha de R\$ 1,00 a R\$ 2,80.

Um outro exemplo pode ser observado. No caso de “M”, atua costurando barras de guardanapos. Diz que realiza essa atividade porque possui somente máquina reta⁶⁴ e a dificuldade de encontrar trabalho é grande. Nessa modalidade de costura, as dificuldades de ganho são ainda maiores. “M” precisa costurar 100 guardanapos para ganhar R\$ 2,00. Diz que o rendimento

⁶¹ Tais entrevistas não foram gravadas devido a problemas técnicos e a impossibilidade de postergar essa atividade.

⁶² Inserimos iniciais fictícias quando houve necessidade de preservar a identidade dos citados.

⁶³ Referência usada pelo mercado para designar as peças femininas copiadas de marcas consagradas no mercado.

⁶⁴ A máquina de costura reta é uma máquina de uma agulha, com ponto simples desenvolvido com o trançado da agulha com uma lançadeira. Sua utilização é reduzida somente à costura em tecidos planos.

ajuda muito em casa, mas se preocupa com o futuro, pois teme não conseguir se aposentar. Tais guardanapos são vendidos a todos estados brasileiros, com notas de requinte devido à qualidade dos mesmos. São conhecidos os estudos envolvendo a moda, o glamour e suas contradições com o trabalho precário (ABREU, 1986; KLEIN, 2002).

O caso das cooperativas de produção é semelhante à situação do trabalhador que executa a costura em domicílio. Ambos sofrem com o emprego de baixos preços sob a constante ameaça de cessar o envio de serviços, uma vez que a sazonalidade do mercado é existente, como verificado por BERGAMIN (2004) nas cooperativas do Nordeste. É importante frisar que a CLT atual permite que as empresas driblem suas responsabilidades através da contratação de cooperativas, conforme relatado no capítulo 1, possibilitando a consolidação de cooperativas fraudulentas, nas quais ocorrem facilidades para o assalariamento disfarçado e precarização dos trabalhadores. Segundo Antunes (1995), o processo causado pela acumulação capitalista fez os empregos nos moldes da CLT serem possíveis apenas a um reduzido número de trabalhadores qualificados e experientes, enquanto o restante tende a realizar tarefas desqualificadas, e a ocupar cargos mal remunerados. Os empregadores, para enfrentar a competitividade do mercado internacional, buscam diminuir custos com a redução no número de trabalhadores internos e da busca de novas formas de trabalho. Os intuitos estão ligados também à necessidade de flexibilização do trabalho. Os trabalhadores, por sua vez, aceitam condições precárias de trabalho, uma vez que não podem estar

desempregados. Assim, os sindicatos e outras organizações da classe operária tendem a se enfraquecer e perder seu poder de negociação.

Sobre essa temática é importante trazer a contribuição de Quijano (2002). Para o autor, as regras que regem as cooperativas, além da solidariedade e reciprocidade, são as mesmas impostas pelo mercado. A esse respeito, observamos que as ofertas de trabalho para a Cooper Cris, assim como para as costureiras que exercem suas funções em suas residências tem seus preços estabelecidos pelos próprios contratantes. Como no exemplo dado pela empresária “R”, quando indagada sobre os valores pagos à Cooper Cris, diz: “Os preços praticados são os mesmos. É o mercado que oferece esses valores e você acaba tendo que acompanhar. E foi oferecido pra cooperativa o mesmo valor que estavam pagando em outras oficinas e foi aceito” (R, 2005).

No período de sobrevivência da Cooper Cris, o rendimento das cooperadas foi, segundo Marlene, em torno de R\$ 200,00 mensais. O piso de costureira no mesmo período era de aproximadamente R\$ 582,00. A subordinação imposta pelo mercado com a busca de uma mão de obra barata e a própria determinação dos preços desses serviços levou as cooperadas a uma situação pior à que se estivessem empregadas em trabalhos regulares.

4.3.2 – A educação dos cooperados: a escola e o trabalho

Em relação à educação escolar das 6 cooperadas da Cooper Cris que foram entrevistadas no segundo semestre de 2007, 5 delas não concluíram o ensino fundamental e nenhuma delas concluiu o ensino médio. Os dois ex-cooperados entrevistados também não concluíram o ensino médio. Devido à falta de acesso a outras cooperadas, que no momento não faziam mais parte do grupo, as informações nos impossibilitam de estender para todo o conjunto que passou pela Cooper Cris desde o período de sua fundação. No entanto, para os objetivos dessa análise, ao refletir sobre esses dados, podemos aprender alguns elementos que nos trazem a compreensão da realidade do sistema capitalista e sua divisão de classes.

Todas entrevistadas que não concluíram o ensino fundamental relataram que não o fizeram por falta de condições para freqüentar a escola. As articulações do sistema social direcionaram o grau de instrução das cooperadas assim como sua contextualização fora da escola, subordinando-as aos interesses de classes⁶⁵.

Quando indagadas sobre a possibilidade de retorno à escola, todas disseram que não havia condições para exercer tal atividade, principalmente porque deveriam cumprir suas jornadas de trabalho após o expediente na cooperativa ou em qualquer outra atividade que lhes dessem condições de sustento. Segundo Haddad (1986), a grande maioria dos alunos que saem das escolas o fazem pela dificuldade de enfrentar os estudos depois de um dia

⁶⁵ Cf. capítulo 1.2.1.

intenso de trabalho. A rotina descrita por Luiza enquanto cooperada era a seguinte: acorda às 6 horas, faz seu café, toma o ônibus, caminha até a cooperativa, costura até 12 horas. Almoça em meio às máquinas, volta à costura e conclui seu trabalho às 17 horas. Chega em casa às 18 horas. A partir desse momento a rotina é variável de acordo com o serviço acumulado, mas dentre as atividades, em um dia ou outro da semana, precisa lavar, passar, limpar a casa, ajudar seu filho que trabalha durante o dia e estuda a noite, faz o jantar, arruma a marmita dela e do filho, etc. Às 22 horas já não tem muito fôlego e está cansada afinal, contam 16 horas que ela está em atividade e ainda não sobrou tempo nem dinheiro para ir ao mercado. “O cansaço físico diminui a resistência do trabalhador. Como ele já não se alimenta bem, por impossibilidade de tempo ou financeira, o efeito se torna multiplicador” (HADDAD, 1986, p. 160).

Nesse contexto, observamos que a escola foi suficiente para Luiza ter os conhecimentos básicos e necessários apenas para exercer as atividades ligadas ao cumprimento de sua função como costureira. Essa atividade, por sua vez, aprendeu nos limites familiares. Consegue fazer contas básicas, ler e escrever. Seu trabalho serve aos interesses das indústrias que presta serviço, à burguesia e ao estado, em uma estrutura social determinada pelo capitalismo.

A cooperada que concluiu o ensino fundamental diz não ter concluído o ensino médio pelos mesmos motivos descritos por Luiza. Os afazeres de casa em conjunto com o exercício do trabalho impossibilitam essa atividade. Muito além dos limites da escola, percebemos nesse caso prático que o sistema

capitalista educa as pessoas de duas formas distintas, e está voltado à duas classes demarcadas, como já citado no primeiro capítulo. Se por um lado existe escola pública disponível na região, por outro as barreiras relativas às excessivas atividades que são desenvolvidas pelas cooperadas às impedem de freqüentar as aulas. Dessa maneira, relata que se possuísse condições de voltar a estudar ou mesmo se especializar em sua área de trabalho, o faria, mas as dificuldades financeiras a impede.

Quanto aos 2 ex-cooperados entrevistados, ambos concluíram o ensino fundamental. Em relação as cooperadas da Cooper Lance, 2 delas concluíram o ensino fundamental e uma não chegou a cumprir o programa.

Na região de Americana existe incentivo voltado à formação de mão-de-obra para abastecer o mercado de trabalho e atender as empresas carentes de mão de obra. Em entrevista, o diretor do Pólo Tec Tex nos disse que o apoio dos Poderes Públicos no que tange as melhorias para o funcionamento das empresas têxteis e a região são restritos a

parte de capacitação, ou desenvolvimentos de projetos como incubadora. Se você for ver na esfera estadual, acontece algo semelhante. O estado tá mais voltado pra resolver questões pontuais do tipo de qualificação de mão de obra (OSNI, 2007).

Nessa diretriz, o Pólo Tec Tex, em parceria com o SENAI e SEBRAE, se propõe a auxiliar no desenvolvimento do trabalhador das empresas pertencentes à entidade, com programas específicos como os descritos à formação técnica dos trabalhadores.

As costureiras da Cooper Cris e da Cooper Lance chegaram a participar do desenvolvimento de um curso de corte e costura do SENAI, mas tinham muitas dificuldades para freqüentar as aulas. Primeiramente para se deslocar,

uma vez que nem sempre havia transporte gratuito disponível. Também pelo fato de que quando iam às aulas, precisavam parar com o serviço da costura, diminuindo seus rendimentos.

O curso que oferecemos à Cooper Cris de modelagem básica possuiu como objetivo desenvolver a habilidade da prática relativa à construção da indumentária, em um processo que abrange as diferentes possibilidades de caimentos de tecidos sobre um corpo. O programa abrange o corte e a construção de saias, blusas, calças e vestidos, inclusive seus processos de costura.

O ingresso no curso era livre, sendo que inicialmente, 7 dos 9 membros da cooperativa participaram. Foram convidadas 5 costureiras que trabalhavam em parceria com a cooperativa em ocasiões passadas.

Durante o módulo um, ministrado no primeiro semestre do ano de 2007, não houve desistências e as faltas eram mínimas. Percebemos a existência de companheirismo entre as cooperadas, de maneira que essas contribuíam ao ensino das colegas, ajudando-as nas dificuldades que eventualmente tinham. As cooperadas que já possuíam algum conhecimento sobre a disciplina, concluíam suas tarefas e dedicavam seu tempo restante para o auxílio às colegas, elucidando as dúvidas ou costurando suas próprias roupas.

O sistema de avaliação foi baseado nos trabalhos realizados em sala de aula assim como alguns poucos extra-classe. O professor teve o compromisso de partilhar e discutir com os alunos o seu processo de avaliação, lembrando-os em cada aula. As notas eram dadas de acordo com as etapas desenvolvidas corretamente e em sua maioria, ficaram entre 8 e 9,5. Foi

adotado um acompanhamento cuidadoso do percurso das alunas, sendo que o professor buscou a interação com os objetivos de cada uma.

Após as férias de julho, de 30 dias, das 12 alunas, apenas 8 retornaram ao curso. Busquei, junto com Marlene, saber os motivos da desistência. Em um caso, o retorno aos estudos no supletivo foi o que impossibilitou uma aluna de dar seqüência ao curso. Em outros dois casos, ambas tiveram compromissos em suas igrejas, de maneira que pediram para adiar a continuidade. Um último caso estava ligado à aluna dizer que não se interessava mais à costura e modelagem, de maneira que buscava um curso de canto.

O andamento do curso foi prejudicado pelas dificuldades financeiras que as cooperadas estavam passando. As faltas começaram ocorrer em grande intensidade e as cooperadas diziam que estavam desanimadas e não tinham dinheiro para o ônibus. O segundo módulo do curso findou-se com o pedido de dona Marlene para continuarmos no semestre seguinte, após uma tentativa de reestruturação na cooperativa, que não se deu devido ao encerramento de suas atividades.

O ambiente da cooperativa proporcionou às associadas algum aprendizado pela socialização de seus membros.

As possibilidades da convivência entre elas nos limites da cooperativa trouxeram algumas experiências consideradas por elas positivas. Além do aprendizado relacionado a costura, os aspectos relacionados com o companheirismo, solidariedade e honestidade foram citados

Adjane Gonçalves da Silva, cooperada da Cooper Lance nos disse que a convivência na cooperativa foi suficiente para ela aprender a ser mais

responsável, além de ter encontrar no grupo valores relacionados, segundo ela, ao caráter e dignidade. Diz que ainda está aprendendo a ser “costureira. E eu aprendi, assim, e [...] aprendi que pra dar certo tem que haver [...] honestidade, sinceridade, clareza. Todas essas partes juntas” (ADJANE, 2007).

Isabete Okawa Correia nos disse que na Cooper Cris, o que mais aprendeu foi a

valorizar mais as amizades, porque dentro de uma cooperativa se você não tiver solidariedade, amizade, se você não tiver companheirismo você não fica, porque as diferenças de idéias são muitas. [...] No geral, aqui tem que ter paciência, tem que ter bastante colaboração pra poder seguir em frente (ISABETE, 2007).

Um outro exemplo é o de Luiza Soares. Segundo ela, o que mais aprendeu em suas palavras foi: “dividir, a repartir, isso eu aprendi. Eu já sabia um pouco, mas eu acho que a gente, tem que ter solidariedade (LUIZA, 2007).

Por outro lado, as dificuldades do grupo levaram-os a possuir também algumas opiniões negativas sobre o cooperativismo, uma vez que as imposições capitalistas deixaram marcas sobre o grupo.

As opiniões sobre o cooperativismo dentro da experiência da Cooper Cris e também da Cooper Lance são refletidas em relatos pessimistas sobre esse modelo de associação. Adjane Gonçalves da Silva, que foi motivada a participar da Cooper Lance em busca de um trabalho, não encontrou no seu cotidiano a saída que esperava, uma vez que ela acredita

não é aquilo que as pessoas falam. Principalmente [...] as autoridades que falam que é isso, que é aquilo, que é aquilo, eu não acredito mais que é aquilo que eles falam, mas é totalmente diferente, não é aquilo que a gente [acreditava] pela aparência, (ADJANE, 2007).

A reclamação de grande parte das cooperadas era de que precisavam de um salário fixo, uma vez que possuem seus compromissos e não podem dar continuidade a um trabalho que não lhes dêem resultados financeiros.

Pela ótica do Polo Tec Tex, a maior responsabilizada pelo fracasso da Cooper Cris é a prefeitura, pois segundo Osni, houve

a preocupação de se formar um grupo, mas não houve uma preocupação de dar condições pra que esse grupo sobrevivesse, mais ainda, se desenvolvesse do ponto de vista de empreendimento auto-gestionado, não foi dado o mínimo de qualificação para as cooperadas (OSNI, 2007).

Observamos que as causas do fracasso da cooperativa estão relacionadas com a dinâmica do capitalismo no que diz respeito às formas de exploração para a acumulação. Ao atender a flexibilização da produção, exercendo a adequação às necessidades do desenvolvimento econômico que se baseia nas necessidades de ganhos financeiros, a Cooper Cris ficou abaixo de seus níveis mínimos de faturamento, levando a mesma a ser extinta no dia 26 de outubro de 2007. Ou seja, mesmo que tivessem tido cursos de qualificação profissional e para o desempenho da atividade econômica (como apontou Osni), o empreendimento continuaria tendendo ao fracasso. Não foi a educação ou falta dela o elemento determinante nesse processo de desenvolvimento da cooperativa, mas a dinâmica capitalista.

Em seu último mês de funcionamento, foi convocada uma assembléia onde foi decidida a extinção da cooperativa. Participaram do processo os cooperados e alguns ex-cooperados, como Maria de Lourdes da Costa e Anatólio José da Costa, que com suas reservas financeiras adquiriram as máquinas da cooperativa. Marlene se encarregou de distribuir o que restou da cota-parte de cada cooperado, com o dinheiro da venda das máquinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da história do cooperativismo e considerando as experiências práticas dos socialistas utópicos, entendemos que esse modelo nasce do desejo da luta contra o capital, a partir da necessidade de transformação social da população, uma vez que a marca imposta pelo capitalismo e a divisão de classes traz uma situação historicamente determinada de exploração à classe subalterna.

A cooperação está marcada, após o período pré-cooperativista, pela solidariedade de grupos cujos integrantes possuem mesmos objetivos para exercer atividades que não conseguiriam se estivessem sozinhos. Um exemplo para a questão é o dos Pioneiros de Rochdale, que foi uma cooperativa a princípio bem articulada pelas classes dominadas economicamente e dirigidas sob o ponto de vista ético e político, como uma força importante ligada às possibilidades de transformação da realidade social.

No Brasil, afóra algumas experiências isoladas, o cooperativismo surge com propósitos avessos àqueles ligados à luta e a necessidade de transformação social. Sendo imposto pela classe dominante, não brota dos interesses da população e não é um movimento social de conquistas. Em alguns momentos está relacionado à divulgação de intelectuais da época, que o difundiram motivados pela admiração do pensamento utópico. Por outro lado possui o destaque de ser visto, desde seu surgimento, como uma alternativa ao fim da abolição dos escravos, dentro dessa economia de predominância agro-exportadora, bem diferente do cooperativismo europeu de concentração urbana.

Não nos aproximamos nesse trabalho da história ligada à evolução do modelo fordista ao toyotista dentro da dinâmica relativa à crise do capital nem consideramos a temática relativa à administração flexível e suas novas técnicas de gestão, que vão do *Just in Time*⁶⁶ à Qualidade Total⁶⁷, mas sabemos que esses itens podem e devem ser amplamente trabalhadas em outras pesquisas.

Em meio ao cenário capitalista, marcado pela concorrência, flexibilização, e globalização, é proposto constantemente aos trabalhadores que aceitem os empregos precários gerados pela nova ordem econômica internacional ou, do contrário, aceitem como alternativa o desemprego. (POCHMANN, 2007; ANTUNES, 1995), Esse cenário específico gerou um modelo também específico de cooperativas. Exemplos citados são os das cooperativas do Nordeste, amplamente estudadas por BERGAMIN (2004). Sobre o assunto a autora vem explicar:

Quando escrevemos que essas cooperativas desenvolvidas no Nordeste constituem um tipo específico de cooperativas é porque temos claro, a partir dos estudos levantados na construção deste trabalho, as características que perpassam esse tipo de relação capital-trabalho, que por sua vez se diferencia de um outro tipo de cooperativismo (não analisado aqui, tendo em vista os objetivos desta pesquisa e, portanto, aberto para novos trabalhos), qual seja: as cooperativas que se caracterizam como uma associação de trabalhadores com a finalidade de aumentar seus ganhos individuais, bem como garantir a todos os membros do grupo uma melhoria no acesso a bens e serviços. Nesse sentido, constituem associações com capital distribuído entre os que nelas trabalham, proporcionando assim a fusão entre trabalho e capital (BERGAMIM, 2004, pp. 84-85).

Conforme vimos, as associações do Nordeste citadas em nosso texto, além da UNIOP, que prestava serviços para a Leví's e a Cooperbrim, que

⁶⁶ Just in time é um sistema administrativo no qual nada deve ser produzido, transportado ou entregue antes de seu momento de utilização. Busca reduzir estoques e custos.

⁶⁷ Sistema de programas, ferramentas e metodologia, aplicados no controle do processo de produção das empresas, buscando menor custo e melhor qualidade, com ótica voltada ao cliente.

prestava serviços para a C&A, formam um modelo de cooperativa fraudulenta, constituídas para a precarização do trabalhador que nelas encontra uma possibilidade de trabalho altamente explorador.

No caso específico da Cooper Cris e da Cooper Lance, as mesmas nasceram em uma região que possui cultura historicamente desenvolvida nos assuntos relacionados ao facionismo e à terceirização, a partir da indústria têxtil local. A Cooper Cris possui um caráter de constituição ligado a certa “inocência” e espontaneidade de sua presidenta e de seu esposo Gervásio, que possui pensamento semelhante ao utopismo relacionado com a história das pré-cooperativas. O cooperativismo foi usado como fator de divulgação de sua campanha política, mas não deixa de ser praticado após sua eleição, com o desenvolvimento e ajuda constante à cooperativa. Mesmo com todo esforço de Gervásio e de sua esposa, devido ao modelo da Cooper Cris, essa serviu mais para a precarização do trabalhador do que para sua emancipação, assim como a Cooper Lance ainda o faz. Tais associações assumiam seus trabalhos por preços abaixo do nível de sustentabilidade econômico-financeira, gerando uma irreversível crise na associação. Tais associações não podem ser comparadas aos casos das cooperativas fraudulentas, pois nelas, especialmente na Cooper Cris, não foram encontrados indícios de apropriação indevida de capital por nenhum membro. O que faz a proximidade dos casos é justamente o fato de todas elas proporem uma opção de melhoria de ganhos, constituição da autonomia, libertação, mas oferecendo somente remunerações abaixo do esperado e do necessário à vida digna.

Os idealizadores da Cooper Cris buscaram soluções baseando-se nas promessas dos dizeres da economia solidária, que para alguns especialistas, como Paul Singer, têm como base a

negação da separação entre trabalho e propriedade dos meios de produção.[...] Esta constitui-se, por sua vez, em uma alternativa ao modo de produção capitalista, visto que para além de geração de emprego e renda, vislumbra uma sociedade mais justa e igualitária, contrariando os princípios capitalistas de acúmulo de lucro nas mãos de um reduzido número de proprietários do capital (BERGAMIM, 2004, p. 85).

Optando pelo caminho solidário, não consideraram os objetivos das empresas capitalistas em obter um melhor preço. Essas encontraram na iniciativa um modo de produção a baixo custo, uma vez que em um setor industrial não automatizado como o da indústria da moda, o maior custo é justamente o da mão de obra aplicada. A formação dessas cooperativas acontece em meio ao baixo nível de educação, uma vez que nesses casos relativos ao trabalho técnico na indústria da moda não são necessárias elevadas condições de ensino. O que se necessita aprender, se aprende trabalhando. A tendência à precarização é evidente uma vez que quando aproximadas à questão do desemprego, elas se apresentam como uma solução bondosa para a população.

Quanto ao relacionamento, as cooperadas descobriram no dia a dia que poderiam estabelecer relações horizontais no ambiente de trabalho, no qual não há hierarquia e nele tudo poderia ser acordado. Esses fatores, principalmente para a cooperada que sofreu com a pressão do trabalho anterior, foi importante para conhecer algo diferente da posição servil que já conheciam bem. No entanto, como estão abarcados por um contexto de

opressão e exploração capitalista, a continuidade autônoma dessa relação não foi possível.

Nos últimos contatos com a cooperativa, o que mais se ouvia era sobre a necessidade de encontrar um emprego remunerado, pois diziam que não tinham mais condições de trabalhar de graça. Dentro dessa realidade não cabe ver o cooperativismo como a doutrina que vai contra ao capitalismo e tem o propósito "corrigir totalmente essa realidade [...] de modo pacífico e paulatino" (PINHO, 1966, p. 29), pois as cooperativas estão constituídas dentro da sociedade capitalista e trabalham para a continuidade desse sistema e reproduzem-no em sua prática cotidiana. A contribuição das cooperativas, ao invés de ser uma solução para o problema, veio a ser um modo para solidificar o capitalismo, uma vez que as cooperadas deixaram a associação com a impressão de fracasso pela "ausência de ajuda externa" ou mesmo pela incapacidade em costurar melhor e mais velozmente. Ou seja, mesmo com a evidência de que o que é injusto é o sistema, a culpabilidade pelo fracasso recaiu sobre outrem: a prefeitura, os poderes públicos ou mesmo sobre as próprias cooperadas.

Os cooperados da Cooper Cris, após a experiência, buscam um emprego fixo, pois segundo elas, ao menos assim terão condições de receber um salário que pagará suas despesas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alice de Paiva. *O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção*. São Paulo: Hucitec, 1986.

ABTT. *Boletins ABTT*. Disponível em <http://www.abtt.org.br/boletim/boletim_14a/china.htm> Acessado em 5 de Fev. de 2008.

AMORIM, Elaine Regina Aguiar. *No limite da precarização? Terceirização e Trabalho Feminino na Indústria de Confecção*. Campinas: UNICAMP, 2003. (Dissertação de Mestrado)

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1995.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. *As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital*. Educ. Soc. , Campinas, v. 25, n. 87, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielophp?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 11 Ago. de 2007.

BERGAMIN, Paula Dias Vasconcelos. *Cooperativismo e precarização do trabalho na região nordeste*. Campinas: UNICAMP, 2004. (Dissertação de Mestrado).

BETIM, Lisangela. *Um estudo do posicionamento estratégico das empresas têxteis do pólo de Americana no período de 1980 a 2000*. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2006 (Dissertação de Mestrado).

BEZERRA NETO, Luiz. *Sem-terra aprende e ensina: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais*. Campinas: Autores Associados, 1999.

BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. *A nova geração de cooperativas e a coordenação de sistemas agroindustriais*. Ribeirão Preto, 1999 (mimeo).

BIANCO, Jessyr. *Americana: Edição Histórica*. Americana: Editora Focus, 1975.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRAGA, M. J., DORNELAS, H. L., SILVA, A. J. H. *Cooperativas de Trabalho: A práxis dos princípios cooperativistas e sua análise jurídica*. Viçosa: UFV, 2001 Disponível em <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/OGT/ogt1605.htm>> Acessado em 23 de nov. de 2007.

BRASIL COOPERATIVO. Disponível em <<http://www.brasilcooperativo.com.br/Cooperativismo/Princ%C3%ADpiosCooperativistas/tabid/335/Default.aspx>> Acesso em 6 de Out. de 2007.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: A degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.

CARDOSO, Ana Maria Vieira. *Familia de cidades: a atividade textil em Americana e entorno*. Campinas: UNICAMP/INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS. 2004 (Dissertação de Mestrado).

CARDOSO JÚNIOR, J.C. *Crise e desregulação do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

CASARA, Marques. *Que moda é essa?* São Paulo: Revista Observatório Social. número 10. Maio de 2006.

CASTEL, Robert. *As Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CASTRO, N. & DEDECCA, C. S. *A ocupação na América Latina: tempos mais duros*. SP,RJ: ALAST, 1998.

DEBORD, Guy; *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DURAND, José Carlos. *Façonismo: produção familiar em tecelagem*. Rio de Janeiro: Ver. Adm. Empr. Número 25. jan/mar, 1985.

ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. São Paulo: Global editora, 1985.

FOLLMANN, José Ivo. *“Participação Cooperativa e Mudança Social”*. Separata de Perspectiva Econômica, Série Cooperativismo 6. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Ano XV, Vol.10 , No. 27. 1980

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 39.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Nacional, 2003.

GAIA BRASIL. Disponível em <<http://www.gaiabrasil.net/modules/news/article.php?storyid=77>>. Acesso em 20 de maio de 2008.

GADOTTI, Moacir (org.). *Educação comunitária e economia popular*. São Paulo: Cortez, 1999.

GIDE, Charles. *Consumers cooperative societies*. New York: Alfred A. Knopf, 1922.

GROPPO, Luís Antonio; MARTINS, Marcos Francisco. *Introdução à pesquisa em educação*. 2.ed. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2007.

HADDAD, Sérgio. *Escola para o trabalhador* (uma experiência de Ensino Supletivo noturno para trabalhadores). In: GONZALES ARROYO, Miguel (Org.). *Da escola carente à escola possível*. São Paulo: Loyola. 1986, p. 155-183.

HILGEMBERG, Cleise Maria de Almeida Tupich. *Efeitos da abertura comercial e das mudanças estruturais sobre o emprego na economia brasileira: uma análise para a década de 1990*. Piracicaba: USP/ESALQ, 2003 (Tese de Doutorado).

HOBSBAWM, Eric J. *Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *A Era das revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HOLYOAKE, George Jacob. *History of Co-operation*. London: T.Fishier Unwin, 1908.

HUBERMANN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1986.

ICA-International Co-operative Alliance. Disponível em <<http://www.ica.coop/al-ica/>> Acesso em 1 de Dez. de 2007.

KLEIN, Naomi. *Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KUENZER, Acacia Zeneida. REFORMA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL OU AJUSTE AO REGIME DE ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL? *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 5 n. 3, p. 491-508, nov.2007/fev.2008.

LACERDA, A.C.; BOCCHI, J.I.; REGO, J.M. et al. *Economia brasileira*. São Paulo: Saraiva, 2000.

LEITE, Marcia de Paula. *Novas tendências no mundo do trabalho e cooperativismo*. Mimeo. SP: [s.n.], 2002.

_____. *Tecendo a precarização: Trabalho a domicílio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo*. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 239-265, 2004.

LIMA, Isabelle Moreira. *Ceará cobra Us\$ 12 por calça que grife vende por US\$ 600*. São Paulo: Folha de São Paulo. 13 de Dez. de 2005.

LIMA, Jacob C. “*Negócios da China: a nova industrialização no Nordeste*”. In: *Novos Estudos Cebrap*. SP: CEBRAP, n. 49, p. 141-158, 1997.

_____. *Cooperativas de produção industrial: autonomia e subordinação do trabalho*. In: Castro, N. A. & Dedecca, C. S. (Orgs.). *A ocupação na América Latina: tempos mais duros*. SP/RJ: ALAST, 1998.

_____. *Interiorização industrial e fábricas cooperativas: a experiência nordestina dos anos 90*. In: Guimarães, N. A. e Martin, S. (Orgs.). *Competitividade e Desenvolvimento: atores e instituições locais*. S.P.: Ed. SENAC São Paulo, 2001.

_____. *As artimanhas da flexibilização: o trabalho terceirizado em cooperativas de produção*. SP: Terceira Margem, 2002.

_____. *O trabalho autogestionário em cooperativas de produção: O paradigma revisitado*. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, Oct., vol. 19, número 56, p. 45-62, 2004.

_____. *Desconcentração industrial e precarização do trabalho: cooperativas de produção do vestuário no Brasil*. Comunicação apresentada na seção LAB02 para a Associação de estudos latino americanos, XXI International Congress, Chicago, Set, 1998.

LULA DA SILVA, Luís Inácio. *Compromisso com a mudança*. Disponível em <<http://www.pt.org.br/portalpt/images/stories/arquivos/compromissocomamudanca.pdf>> Acessado em 1 de Jan. de 2008.

MAIA, Isa. *Cooperativa e Prática Democrática*. São Paulo: Cortez, 1985.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Marx e a pedagogia moderna*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MARTINS, Marcos Francisco. *Educação sócio-comunitária em construção*. Americana, 2007 (mimeo).

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista de 1848 & Cartas Filosóficas*. São Paulo: Centauro, 2005.

_____. *Crítica dos programas socialistas de Gotha e de Erfurt*. Porto: Tipografia Nunes, 1974.

_____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MATTOSO, J.; BALTAR, P.A. *Transformações estruturais e emprego nos anos 90*. Cadernos do CESIT, n.21, p. 1-21, Out. 1996.

MAURER JUNIOR, T. H. *O Cooperativismo: uma economia humana*. São Paulo: Metodista, 1966.

MIRRIONE, Henriete. *Indústria têxtil investe em exportação e tecnologia*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1706200417.htm>> Acessado em 25 de Dez. de 2007.

NEGATION, número 3, 1973. Lip and the self-managed counter-revolution, 1973. Disponível em <<http://www.geocities.com/~johngray/lip.htm>> Acesso em 27 de Jan. de 2008.

NEVES, Magda de Almeida; PEDROSA, Maria Pedrosa. *Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções*. Brasília: Sociedade e Estado v. 22, n. 1, p. 11-34, jan/abr, 2007.

NICÁCIO, José Angelo. *Alianças estratégicas entre agroindústrias integradas em cooperativas*. Florianópolis-SC: UFSC, 1997 (Dissertação de Mestrado).

NOGUEIRA, Maria Alice. *Educação, saber, produção em Marx e Engels*. São Paulo: Cortez, 1990.

NORONHA, Maria Olinda. *Cooperativismo Sócio-Comunitário e Educação: Reflexões Históricas e Possibilidades Atuais*. Americana, 2006 (mimeo).

NOSELLA, Paolo. *Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica*. Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro, v.12, n.34, 2007.

NUNES, Jordão Horta; MARQUES, Rogério dos Santos Bueno. O associativismo no setor de confecções em Goiânia. RECIFE: UFPE. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. 29 de maio a 1 de junho de 2007. Disponível em <http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/papers/GT29%20Trabalho,%20Precariza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas/GT_29_Jordao_Rogero.pdf> Acesso em 6 de JAN de 2008.

PAGOTTO, Claudete. *Ajustes e Rupturas: Cooperativismo e lutas sociais no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: PUC-SP, 2003. (Dissertação de Mestrado)

PINHO, Diva Benevides. *Cooperativismo nos meios Capitalista e Socialista: Suas modificações e sua utilidade*. São Paulo: Secção Gráfica USP, 1961.

_____. *Cooperativas e Desenvolvimento Econômico: O cooperativismo na promoção do desenvolvimento econômico do Brasil*. São Paulo: Secção Gráfica USP, 1962.

_____. *Entrevista à radio CBN.* Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/cbn/busca/busca.asp?busca=diva+benevides+pinho&ok.x=0&ok.y=0>> Acessado em 8 de set. de 2007.

_____. *Que é cooperativismo.* São Paulo: Buri, 1966.

_____. *O Pensamento Cooperativo e o Cooperativismo Brasileiro*, in: Manual de Cooperativismo, vol. 1, CNPq, São Paulo, 1982.

PINHO, Diva Benevides (Org.). *A Empresa Cooperativa: Análise Social, Financeira e Contábil.* São Paulo: Coopercultura, 1986.

PIRES, Maria Luiza Lins e Silva. *Cooperativismo: limites e perspectivas na era da globalização*, in: Revista Universidade e Sociedade, ano VII, número. 14, Sindicato Andes Nacional, out. 1997.

_____. *Dáviva, Economia Social e Cooperativismo: a promulgação de uma nova ética societária?* UFRPE: Recife, 2003 (mimeo).

POCHMANN, Márcio. Entrevista ao Jornal da Unicamp. Disponível em <<http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=3232>> Acessado em 1 de Jan. de 2008.

PÓLO TEC TEX. Disponível em <<http://www.polotectex.com.br>> Acessado em 15 de nov. de 2007.

PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes.* 20.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PORTAL DO COOPERATIVISMO. Disponível em <<http://www.portaldocooperativismo.org.br/sescoop/faq/faq1.asp#R1>> Acessado em 30 de Dez. de 2007.

QUIJANO, Aníbal. *Sistemas alternativos de produção?* in: SANTOS, B. S. (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

RECH, Sandra Regina. *Cadeia produtiva da moda: um modelo conceitual de análise da competitividade no elo confecção.* Florianópolis: UFSC, 2006 (Tese de Doutorado).

REXROTH, Kenneth. *Comunalismo.* Das Origens ao Século XX. Nova Iorque. Seabury Press, 1974. Disponível em <<http://www.geocities.com/projetoperiferia/comunalismo6.htm>> Acesso em 19 de Jan. de 2008.

RIOS, Gilvando Sá Leitão. *O que é Cooperativismo.* São Paulo: Brasiliense, 1987.

ROLLI, Cláudia. *Procuradoria aciona C&A por trabalho irregular.* ministério público vê uso indevido de cooperativa. Disponível em

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1812200720.htm>>. Acessado em 5 de Fev. de 2008.

ROSELINO, José Eduardo. *A desmaterialização da produção: Uma leitura a luz do desenvolvimento das forças produtivas*. In: *Idéias e Argumentos – Revista de divulgação científica do Centro Unisal*. Ano 3, números 7 e 8. Americana: Unisal, 2003.

SAUCEDO, Daniele; NICOLAZZI JUNIOR, Norton Frehse; In: GEDIEL, José Antônio (org.). *Os Caminhos do cooperativismo*. Curitiba: UFPR, 2001.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara e onze teses sobre educação e política*. 32.ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

_____. *O institucional, a organização e acultura da escola*. Cad. Pesqui. São Paulo, v. 35, n. 125, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 Nov 2007.

SEEAACAMERIANA. Disponível em <http://www.seaacamericana.org.br/Editoriais/edit_ago_dez_04.htm> Acessado em 5 de nov. de 2007.

SENAI – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. Disponível em <<http://www.sp.senai.br/home/Telas/institucional/default.asp>> Acessado em 6 de JAN de 2008.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação, Ideologia e Contra – Ideologia: Temas Básicos de Educação e Ensino*. São Paulo: EPU, 1986.

SINGER, Paul. *Cooperativas de Trabalho*. Disponível em <http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/prog_cooperativatrabalho2.pdf> Acessado em 6 de JAN de 2008.

SMITH, Adam. *Uma Investigação sobre a natureza e causas da riqueza das nações*. Curitiba: Hemus, 2001.

SOUZA, André Ricardo de; CUNHA, Gabriela Cavalcanti; DAKUZAKU, Regina Yoneko (Orgs.). *Uma outra economia é possível: Paul Singer e a economia solidária*. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Leda Cíntia Assis de. *Vínculos entre economia de comunhão, educação e gestão do trabalho: Contradições e desafios*. Uberlândia: UFU, 2005 (Dissertação de Mestrado).

SOUZA, Newton Stadler de. *O anarquismo da Colônia Cecília*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

TIRIBA, Lia Vargas. *Economia popular e produção de uma nova cultura do trabalho*: Contradições e desafios frente à crise do trabalho assalariado. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). *Educação e crise do trabalho*: perspectivas de final de século. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ULHÔA, Wander Marcondes Moreira. *Abertura comercial e exportações das macro-regiões Brasileiras nos anos 90*. Campinas: UNICAMP/Instituto de Economia. 2003 (Dissertação de Mestrado).

VALENTE, Silza Maria Pazello. *A presença rebelde na cidade sorriso*: Contribuição ao Estudo do Anarquismo em Curitiba, 1890 - 1920. Campinas: UNICAMP, 1992 (Dissertação de Mestrado).

WILSON, Edmund. *Rumo à estação Finlândia*: escritores e atores da história. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ANEXOS

ANEXO A – Entrevistas dos cooperados

Entrevista com a cooperada Isabete Okawa Correia, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Qual o seu nome completo?

I= Isabete Okawa Correia.

D= Isabete, qual foi a motivação, né, o que levou você a participar e a participar da Cooper Cris?

I= Bom, primeiro porque eu sempre costurei né. Eu gosto de costurar. Segundo, a perspectiva de ter um salário, né, por mês, coisa assim.

D= Certo. Havia alguma outra alternativa no ambiente de trabalho? Por que há, em nossos meios, empresas que se podem trabalhar, prestação de serviços para outras pessoas, como é que a senhora trabalhava? Havia outra alternativa de trabalho?

I= Dentro da cooperativa?

D= Não, no ambiente, fora?

I= Ah, só costura mesmo né. Em outras fábricas, por exemplo.

D= A senhora chegou a trabalhar em outras fábricas?

I= Não, eu cheguei, me fizeram a proposta da cooperativa, né, e eu já aceitei de cara, que eu achei que seria uma coisa interessante.

D= E porque a senhora achava interessante a proposta da cooperativa?

I= Primeiro porque a gente ia ser dona do próprio negócio, né? E segundo era pela renda mesmo. Mensal, pra ajudar a família, e é perto de casa. Então tudo isso motivou, né. E as outras pessoas que trabalham contigo aqui, em sua opinião, qual foi a motivação delas, o que levou elas a participar?

I= Eu acho que é a perspectiva de salário também mensal.

D= Crescimento?

I= Crescimento é, pra ajudar a família, né. A maioria.

D= Desde a fundação, desde a sua participação na cooperativa, quais os problemas, é, enfrentados na fundação, no início dela?

I= Ah, problemas foi de estrutura, de estruturação, é, às vezes tinha meses que a gente não conseguia tirar o salário, pagar as conta, né? Essas foram umas das dificuldades. E outras é problemas assim... Tem muitas pessoas que trabalham na cooperativa, tem criança, às vezes não podem vir. Ai acumula serviço, outras vezes a gente não pode pegar serviço porque falta pessoal. Esses são alguns dos problemas né.

D= Quais as pessoas que participaram do processo de fundação?

I= Todo mundo assim, no geral? Eu não sei quais foram todas porque eu entrei depois né? Eu não sei assim. Eu só sei das meninas que estão aqui agora.

D= Ok. A senhora veio em que época?

I= Foi assim uns três meses depois da fundação. Foi no mês de novembro, de 2005. Vai fazer dois anos.

D= É. Quem foram as pessoas que incentivaram a cooperativa? É... Prefeitura? Houve sindicato, igreja, não sei, o vereador?

I= Quem incentivou a cooperativa foi a Marlene, o Gervásio, né, eu acho que o mais importante foram estes dois. O Gervásio não tem nada a ver com a cooperativa mais ele colaborou bastante. A Marlene também né?

D= E o apoio público? Houve algum apoio da prefeitura, do estado?

I= Da prefeitura, houve assim entre aspas, né. Algumas coisas eles fizeram

D Como o que?

A sei lá, eu não sei. Eu não consigo falar como foi.

D= E desde que a senhora está aqui, quais foram os primeiros passos da Cooper Cris na busca desta constituição de um salário, na busca da independência? O que vocês, em conjunto se articularam para fazer?

I= Ah, todo mundo? Então, eu acho assim, quem mais foi em busca do trabalho foi a Marlene, né? Porque a gente aqui a gente não tem carro, não tem muitos conhecimentos e tem muitas pessoas também que passa e procura, pergunta o que faz, com o que trabalha, com o que faz. Então a gente começou assim.

D= E vocês tinham necessidade de apoio externo? E se tivesse esse apoio não teria sido melhor?

I= Olha sinceramente eu não sei te dizer.

D= E hoje? O que você espera da Cooper Cris?

I= Hoje é difícil falar hein? O que a gente quer, queria é que melhorasse né? Porque a gente consegue assim pagar as contas, pagar as dívidas, a Cooper Cris não deve nada. Só que a retirada é pouca. Entendeu? É pouquíssima. Então a gente espera mais, né? Pelo menos um salário que dê pras pessoas né? Poder sobreviver lá fora. Pagar uma conta, de água, de luz. O que geralmente tá um pouquinho difícil agora, né, no momento.

D= E esses problemas vêm do que, a senhora acha?

I= Ah, É falta de trabalho. Quando tem, às vezes é falta de pessoal, né? Tem muitas pessoas que eu já falei que tem criança, que fica doente, aí falta, não vem trabalhar, então quer dizer, a gente não pode pegar um serviço grande com três costureiras também que né? Que não tem como. Então a gente vai fazendo assim, serviço que vai dando né, pra fazer.

D= O que a senhora mais aprendeu dentro da Cooper Cris? Até hoje?

I= O que eu mais aprendi? No geral, assim? A valorizar mais as amizades, porque dentro de uma cooperativa se você não tiver solidariedade, amizade, se você não tiver companheirismo você não fica porque as diferenças de idéias são muitas. E tem sabe, tem assim no geral aqui tem que ter paciência, tem que ter bastante colaboração pra poder seguir em frente.

D= A senhora tinha já algum conhecimento de costura?

I= Tinha, mas não era minha área este tipo de costura, né? Eu fazia cortina. Eu sabia mexer nas máquinas.

D= E isso foi aprendido como?

I= Eu comecei a trabalhar em casa. Desde que minhas crianças eram pequenininhas, meu irmão trabalhava numa loja e ele trazia pra mim né? E ele que me ensinou. Tanto que eu costurei, eu criei meus filho tudo embaixo de uma máquina de costura. Trabalhei mais de dois anos, doze anos, né, costurando.

D= Cortina?

I= Cortina. Porque depois eu vim para a cooperativa.

D= E como que a senhora aprendeu a costurar as cortinas no começo?

I= Foi o meu irmão que me ensinou. Ele sabia e ele me ensinou. Ele trabalhava né, com venda de cortina.

D= Na sua, na família da senhora tinha alguém, tem alguém mais que costurava além do seu irmão?

I= Não. Só nós dois.

D= As ações da Cooper Cris, é. O que que foram feitas na cooperativa ao longo deste período pra melhorar a situação dos cooperados? Foi feita alguma coisa? Foi feita alguma ação? Como que a senhora vê isso?

I= Cê tá falando na parte financeira ou na parte material?

D= No total?

I= Tudo? Olha a parte financeira foi feito o que se podia fazer. Agora, material assim a gente tem, conseguiu, graças a Deus comprar bastante coisa, né. A gente comprou bastante máquinas. Tudo que a gente precisa pra continuar costurando né? Então a gente tem.

D= E o que é que a senhora quer pro futuro da senhora?

I= A eu queria era uma aposentadoria. (risos) Não. Brincadeira. Eu gosto de trabalhar. Eu queria continuar trabalhando, Entendeu? Enquanto eu tiver saúde, assim, eu queria continuar trabalhando. Porque eu não consigo ficar em casa porque eu estou acostumada a trabalhar mesmo né? Porque antes de vim pra cooperativa eu trabalhei no Japão. Em linha de montagem. Lá não é fácil. Então, este ritmo assim de trabalho pra mim eu gosto, entendeu? Eu queria continuar trabalhando.

D= E sobre a Cooper Cris? O que a senhora espera da Cooper Cris?

I= Olha, falar a verdade procê, hoje, eu não sei. Eu não sei assim, não o que eu espero o que eu posso esperar assim. Entendeu? A gente tá aqui porque tá trabalhando tudo, mas assim, como desde o começo até hoje, dois anos, praticamente a gente não saiu do lugar, tá engatinhando, entendeu? Eu queria que melhorasse, né? Lógico. Melhorasse, que tivesse um salário não um mon(...), um salário grande entendeu? Mas razoável, que desse pra se manter. É isso que eu queria.

D= E a senhora tem alguma opinião sobre o que precisa ser feito pra que essa melhoria realmente aconteça?

I= Eu? Eu acho assim que tem, as pessoas tem que respeitar, por exemplo, o horário de trabalho, é, ai, sei lá, no geral, assim, eu acho que falta pessoal, entendeu? Por que às vezes vem serviço grande e a gente não pode pegar porque tem poucas pessoas. Tem que seguir assim o estatuto, por exemplo, que aqui a gente não tá conseguindo seguir o estatuto.

D= Se eu entendo na opinião da senhora depende mais dos fatores internos do que externos. Isso. Porque se o interno tá bem, o externo vêm. É uma consequência, entendeu, porque eu já falei pra você. Já, a gente já teve serviço grande pra pegar. Só que a gente não pegou porque não tem pessoal suficiente na cooperativa.

D= Certo. E, é, a senhora acha que é isso, na problemática de cada pessoa, a que se deve isso no universo de cada pessoa?

I= Eu acho que, que é a frustração. Ao longo destes dois anos a gente tentou, tentou, tentou muitas coisas e não conseguiu, então a maioria foi embora por causa disso. Por que não teve uma realização, ela não teve aquela expectativa

daquilo que elas queriam elas não conseguiram, entendeu? E aqui ficou essas pessoa que tá aqui que a gente tá lutando até hoje pra ver se consegue alguma coisa, né? A gente não desistiu porque as outras meninas de um ano já foi tudo embora. Porque? Porque tinha que trabalhar, tem que ganhar dinheiro, ganhar um salário razoável pra ajudar a família, porque não que ele quisesse sair assim porque eles queriam, porque eles tinham mesmo que trabalhar e ganhar dinheiro, né? Muitas é até pra tentar ajudar a sustentar a família.

Então mais as que estão mais aqui é porque tem marido, que ajuda em casa.

Então não tem muitos problemas né?

D= Ta, quer dizer, quem realmente tinha uma maior necessidade..

I= Isso.

D= Acabou se desligando?

I= Isso, eu acho que foi mais por isso.

D= Na busca de um outro trabalho?

I= Isso.

D= No universo aí fora.

I= Aí fora, é. Trabalhar como empregado, né.

D= Ta OK. Obrigado!

Entrevista com a cooperada Maria Aparecida Ferreira Silva, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Qual o seu nome completo?

M= Maria Aparecida Ferreira Silva

D= Maria Aparecida Ferreira Silva?

M= Isso.

D= Maria, é, o que te levou a participar da Cooper Cris?

M= Ah, levou que eu aprendi várias coisa, né? Que a gente não sabia. E a gente pegou amizade com as menina que eu não conhecia. E foi muito bom a gente conviver junto. Foi uma amizade legal. Às vezes tem hora a gente passa umas coisas assim, mais acho que é normal. O trabalho, às vezes dá um nervoso alí que a gente faz uma coisa e não dá certo, ou a gente tem horas que não sabe, mas tem que ensina né, tem quem dá explicação, então tá muito bom.

D= E antes da senhora entrar na Cooper Cris, o que a senhora buscava?

M= Ah eu fui, eu não sou daqui. Eu sou de Minas, né. Eu trabalhava na roça.

D= Trabalhava na roça?

M= É. Daí eu vim pra cá, daí fiquei é, quatro anos parada. Só cuidando mesmo da casa e das duas filhas que eu tenho. Depois veio o moleque. Aí fiquei em casa cuidando dele e depois eu vim trabalhar aqui.

D= Mas a senhora ficava em casa por opção ou porque não tinha trabalho?

M= Eu viúva de criança em casa.

D= Ah, a senhora cuidava de criança em casa?

M= Cuidava de criança. Eu ficava com eles.

D= Mas o que é que levou a senhora, por que é que a senhora quis vir para a Cooper Cris?

M= Ah, é porque sempre eu gostei né, de costurar. Sempre eu fazia assim o básico em casa. Costurava pras menina, arrumava roupa, assim. Eu sempre

gostei de mexer com máquina. Então quando ela, a Marlene me convidou, se eu queria participar, aí eu achei que era sabe, uma oportunidade pra mim aprender mais. Aí eu vim, trabalhar.

D= Buscando o aprendizado?

M= Às vezes eu pensava assim, que às vezes eu deixava de cuidar de criança era melhor pra mim, às vezes era mais, o salário era mais, tal e, mais foi muito bom, foi muito bom, ter amizade tudo, conhecer.

D= E, as outras pessoas, o porquê que a senhora acha que elas queriam vir para a Cooper Cris?

M= Como assim? Quais pessoas?

D= Não, as outras cooperadas. O porquê que a senhora imagina, acha que elas gostariam de participar de uma cooperativa?

M= Ah, muitas que queriam apreender também né. Aprender e elas achavam assim que não era o que passou. O sufoco que passou dentro da cooperativa, né, porque muitas eram mais, assim mais nervosas, tal, tinha hora que não, parece que não tinha paciência. E acho que levou naquilo de não ter paciência e num, num agüentou ficar igual nós agüentamos mais um ano pela frente.

D= Será que não foi pelo fato também de que elas não tiveram condições, às vezes?

M= Às vezes

D= Financeira?

M= Pode ser também, né? Porque sempre assim elas falava que não saia o dinheiro, tal. E eu falava, a gente tem que ter paciência, né? Não é de uma

hora para outra que vem as coisa, né? A gente tem que lutar. Foi como a gente fez, lutou mais um ano pela frente

D= E nesse, desde a fundação da Cooper Cris, quais foram os problemas enfrentados?

M= O problema mais foi com a, foi com das bermuda, né? Que foi bem...

D= Das bermudas?

M= Bem puxado. Bem, tinha vezes que a gente ficava até às nove da noite, dez horas. Entrava às sete, às vezes nem ia em casa almoçar.

D= Com muito trabalho?

M= Muito trabalho. Foi muito puxado.

D= É... Na fundação, a senhora participa desde o início da Cooper Cris, né? E na fundação da Cooper Cris, é, quais as pessoas que participaram do processo da fundação. Eu sei que a Marlene. Quem mais?

M= Então, na fundação, quando eu entrei, a Marlene, né? Foi a que mais participou. E a Cleide. Eu fiquei de fora quatro meses depois. Eu saí, que tava fraco de serviço, meu marido tava desempregado e não tinha de onde tirar né? Aí eu falei, olha, vô saí, vô ficar, vô trabalhar um tempo. Trabalhei lá em Campinas, com uma moça lá, eu ia fazer, mexia com máquina também. Costurava. Fiquei quatro meses fora, aí quando entrou as bermudas foi quando eu voltei de novo. Mas eu fiquei quatro meses fora, foi quando elas buscou aí que eu lutava junto com elas

D= Porque a senhora saiu então em busca de uma alternativa...

M= Melhor né, porque meu marido parado, com três filhos, no caso, aí não tinha como ficar todo mundo parado. Aí eu saí por 4 meses.

D= Tá... Mas já que teve uma oportunidade de ganho, de, como eu vou dizer, de melhorar o ganho, a senhora retornou?

M= Então, eu voltei depois, na época do shorts, que as menina falou, a Maria falou tanto dos shorts pra nós fazer. Falei, não, com isso aí vocês não tem que se preocupar não, eu saio de lá e volto.

D= Ah, quem que participou e incentivou...

MARLENE= Bom dia. Tudo bom? (Fomos brevemente interrompidos no momento em que dona Marlene chegou e nos cumprimentou).

D= Incentivou a cooperativa? A prefeitura, sindicato, igreja? Quem que incentivou?

M= Acho que foi a prefeitura

D= A prefeitura incentivou? Como que eles incentivaram?

M= Isso aí eu não sei nem te explicar

D= Mas foi através da dona Marlene?

M= É... Através da Marlene. É ela que... Sobre isso aí foi ela que incentivou.

D= É... É... (Pausa ocasionada pela existência de ruídos). Quais foram os primeiros passos da Cooper Cris? O que foi feito primeiramente? Como é que...

M= Ixi, a gente começou com, com roupinha de criança, e foi fazendo isso, e pegava roupa da Celian, e de outro cara, Alfredo parece, a gente ia pegando e ia fazendo.

D= E nesse início? Como é que surgia este trabalho?

M= A Marlene que corria atrás.

D= A dona Marlene que corria atrás? É... Houve então a necessidade desse apoio, a Marlene, da Marlene, as pessoas não vinham até aqui?

M= Não. Ela que mais né, corria atrás. Ela, a Cleide, sempre mais, que tinha mais prática assim de fazer as coisas e corria atrás.

D= É... E hoje?

M= É... Hoje... Sobre assim, a gente já conhece, né? Muita gente conhece a gente, vê nos jornais e tal, tem telefone, aí eles ligam, perguntam...

D= Na Cooper Cris, O que a senhora mais aprendeu?

M= Mais aprendi? Ah, Mais que eu aprendi foi sobre roupa, que você fala assim que eu mais aprendi

D= De tudo.

M= Ah, tudo a gente aprendeu um pouquinho. Tudo um pouquinho

D= E sobre roupa?

M= Roupa? Pra mim o que teve mais prática foi a camiseta. Camiseta foi mais, mais rápida, mas deixando cortado, não falo assim pra eu não cortar assim, eu tenho mais dificuldade, né, é que eu tenho medo, é o medo, mas se for pra mim cortar, eu faço.

D= E, a senhora já tinha experiência com costura?

M= Ah , experiência, experiência eu não tinha não, mas eu colocava outra assim por cima e mandava vê.

D= Costurava?

M= Cortava e mandava vê

D= E Como que a senhora começou a fazer isso, a começar a costurar, a senhora aprendeu com alguém da família, como é que?

M= Ah, no meu, eu aprendi sozinha. Pegava assim e olhava assim e cortava e aí ponhava (sic) a perder, e ia fazendo.

D= Descobrimo?

M= Roupa de boneca.

D= É, a Cooper Cris, o que ela fez no passado? E o que ela está fazendo, né?

Quais ações pro desenvolvimento da Cooper Cris?

M= Ai, desenvolvimento, como assim? Desenvolver as coisa aqui dentro?

D= É... Pra melhorar a Cooper Cris?

M= Ah, para melhorar a gente tinha que, que unir mais assim, fazer, tê mais um, vamo supor, se a gente pegasse uma coisa, tudo mundo tá junto, né, como porque se tem bastante serviço, às vezes duas, três não podem vir, então isso é que é o problema. Se você pega, vamos supor, cem peças, se você tem uma pessoa, três pessoas, intão não tem como aquele serviço sair rápido. Isso que é o negócio. A gente tinha que pegar o serviço e tá todo mundo, pra, pra se você faz uma coisa, a outra faz outra e a outra faz outra, aí o serviços adianta. Aí, só duas, três pessoas, então não tem como você adiantar o serviço, tinha que unir mais

D= O que que a senhora espera? O que que a senhora quer pro futuro da senhora?

M= Olha, o meu futuro eu queria assim trabalhar em um serviço que a gente visse que dava rendimento, não a gente trabalhar, trabalhar e não ver futuro.

D= E isso é possível na Cooper Cris?

M= Pra mim, eu acho que mais não. Muitas coisas, que eu vou fica fora. Eu estou esperando só... Porque eu não quero deixar as meninas sozinhas, porque se eu agüentei com elas até agora e elas comigo, então, eu quero vê, não quero deixar elas, não quero abandonar elas assim. Quero que... Ver o

final com elas. Não deixar elas aqui sozinhas, agüentar a barra aqui sozinha aqui

D= A senhora conhece outras cooperativas na região?

M= Não. Tem aquelas outra lá, mais também que eu nunca fui lá na outra, na cooperativa delas. Então pode dizer que eu não conheço.

D= Tá bom dona Maria. Gostei muito.

M= Obrigado

Entrevista com a cooperada Luiza Soares, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Qual o seu nome completo?

L= Luiza Soares.

D= Luiza, o que te levou a vir participar da Cooper Cris?

L= Bom, primeiramente eu sempre tive um sonho, de participar em grupo assim, em cooperativa mesmo, sempre quando tinha um programa de televisão, ou de algum tipo assim de cooperativa, de cooperativismo eu sempre tive vontade de participar. Desde de quando eu vim e cheguei aqui em Hortolândia, né, eu sempre tive assim essa vontade, ou uma cooperativa de creche, assim, tipo, a gente montar um grupo de mulheres, ter um lugar pra reunir com as criança, né, uma cooperativa, uma escola, qualquer coisa desse tipo, daí quando surgiu a quase três anos a Marlene fazer o convite, né, aí me empolguei, porque eu sempre quis participar do cooperativismo, e da costura então era uma coisa que eu tinha muita vontade mesmo, porque eu sempre, eu

não sou costureira igual a Cleide, igual a Bete, igual a outras aí, mas eu já dou as minhas "bofetadinhas", né? E, eu sempre gostei da costura, sempre foi uma coisa que desde pequenininha mesmo desmanchando uma roupa mais velha, assim pra montar uma roupa pra minhas irmãs, ou mesmo pra mim, eu sempre tive vontade de mexer com a costura. Era uma coisa minha mesmo. Aí fui. Foi isso aí. E o sonho né? O ideal de participar de um grupo, de uma cooperativa

D= E como negócio? Financeiramente?

L= Ah, e tem o lado financeiro também né, porque na época, quando foi fundado a cooperativa, o grupo, tinha assim um sonho de conseguir um dinheirinho a mais, a gente, lógico que não tem visão de ganhar mundos e fundos, mas um salário melhor, mais digno, com uma coisa que, além de tudo, com uma coisa que a gente goste. Não é verdade? Com prazer. Então, surgiu a cooperativa, o sonho de a gente participar de uma licitação e essa licitação ser a nossa luz no final do túnel, né? Houve as decepções, mas houve também, houve também muito ganhos e no entanto eu acho assim, não na parte material, na parte financeira, mas no ganho humano mesmo, na experiência. É o que eu acho

D= E na opinião da senhora, o que é que a senhora acha que as outras pessoas, por que que elas vieram participar da Cooper Cris? Por que que elas queriam participar?

L= Bom, algumas eu creio que acho nem todo mundo tá com a mesma visão que eu, né, porque como você sabe, elas aí todas querem sair e eu sou daqui, hoje aqui dentro eu sou a única que não quer sair, né? E, eu acho assim que, elas viram assim, uma maneira de estar tendo um salário melhor, um ganho

melhor, a parte financeira, pra ajudar em casa, da família, você vê, eu sou viúva, eu não tenho pensão, eu, meu dinheiro mesmo é muito pouquinho, a gente vive com pouco dinheiro, na minha casa a gente vive com pouquinho. A minha sorte é que a minha casinha lá que está velhinha caindo aos pedaços, ela é minha. Porque senão eu estava perdida né, porque dependendo do dinheiro daqui, no momento a gente num tá dependendo, faz três meses que a gente, que eu tirei 160 reais em 3 meses, quer dizer que se o meu filho caçula num tivesse ganhando um pouquinho lá pra ajudar ia ser difícil né. E é isso eu acho que isso é a de todas. Isso, essa visão aí é a de todas na parte financeira. Agora, quanto a sonho, eu não deixo de ter. Algumas até tinham sonho, e daqui seguir pra frente, conseguir alavancar mesmo, mesmo o nome da cooperativa, com tudo isso ele tem um certo respeito na praça, e outra coisa, uma coisa que falta além do financeiro, da parte do dinheiro mesmo dentro da cooperativa, falta um pouco de, falta material humano mesmo. Você vê, é... Pra se trabalhar, aqui em turno, a cooperativa trabalhava das, vamos supor, das 6 às 2 da tarde um grupo, das 2 da tarde até as 9 ou 10 horas da noite com outro grupo. Pra não cansar muito. Tipo assim, tem um serviço, tem que entregar amanhã. E ele (inaudível), e tem detalhes do viés que é muito dificultoso na hora da confecção e se existe esse grupo, um vai mais adiantado e outro entra pra dar continuidade, pra não cansar muito aquele primeiro grupo. É isso que acaba, a desistência de muitos está acontecendo aí

D= E quais foram os problemas enfrentados no processo da fundação da Cooper Cris?

L= Então, dinheiro para a legalização do processo, é... formação, as pessoas não tinham uma certa informação sobre o cooperativismo e a formação técnica mesmo de costureiras... A é... e o suporte técnico na área jurídica. Mas, eu acho que ficou muito a desejar.

D= Por que a senhora acha? Não conseguiu...

L= Porque no nosso estatuto hmm, está tudo certinho assim, mas no nosso estatuto tem muita coisa que ele deveria estar explicando e não está. Tipo, as cooperadas que entraram e não pagaram cota-parte, porque não tinham dinheiro para pagar a cota parte. Teriam que pagar esta cota-parte no trabalho, e no nosso estatuto não informa isso né, entendeu, as meninas que estão saindo, se por exemplo a Cooper Cris não quiser pagar esta cota parte pra elas, porque elas pagaram de qualquer maneira, elas pagaram a cota parte com o trabalho delas. Tudo isso aqui foi montado com o esforço de cada uma, então, se a cooperativa, ou vamos supor, a diretoria que faz parte, é, e numa assembléia decidir em uma que num vai pagar a cota parte pra elas, como é que vai provar no estatuto que elas tem direito? Porque não tem nem uma cláusula que fala isso. A sorte, eu acho né? Que a gente não vai fazer isso, que a gente sabe o empenho de cada uma.

D= E Quais as pessoas que participaram da funda(...), do processo da fundação da Cooper Cris?

L= Quais ou quantas?

D= Quais?

L= Quais? Deixa eu ver se eu lembro. Olha, a Eunice, que a gente chama ela de Nicinha, que ela mora lá perto do meu bairro, é, a dona Lair, a dona Nair, a

Socorro, a Maria do Carmo, é... A Cleide, a Maria Elisa, a Betinha, ela entrou um pouco depois, mas ela ainda pegou a assembléia né. A Lourdes, olha eu num, a Silvana, a Edimara, quer dizer, a Jussara, foi assim, seu José Anatólio, eu né, a Marlene, tem muitas pessoas, que a gente num consegue lembrar o nome, porque alguns a gente tinha um certo contato, outros eram pessoas estranhas, enfim, que entrou e que a gente não tinha muita intimidade, então, não ficou gravado o nome, né? Sei que nas reuniões do começo, antes de, da formação da, antes da assembléia, a gente tava em torno de 45, entre 40 e 45 pessoas. Dava pra montar 2 cooperativas nesse caso, né?

D= E, quem participou do processo, assim, ã, em termos de é, instituições?

Houve alguma? Ou então, a prefeitura? Alguma igreja?

L= É, isso veio através da, do departamento da secretaria da cidadania e do trabalho e promoção social, né? E hoje é desmembrada, hoje tem 2 departamentos, e, através do vereador Gervásio e da mulher, né, porque eles que fizeram as reuniões com o pessoal, pra, nos bairros, pra poder (inaudível).

D= Mas foi a Marlene que buscou a secretaria ou a secretaria que buscou a Marlene?

L= Olha, eu acho, eu acho, que foi a Marlene que buscou, eu acho que foi, eu não estou bem a par não porque sinceramente eu não procurei me interar nisso daí, mas eu creio que foi ela, assim, porque na época aqui em Hortolândia tava fazendo, falando muito de cooperativa, né? No Brasil inteiro, né? Tava falando muito de cooperativismo, né? E foi através do secretário Dimas, do Hilário, da Isabel, do Dr. Geraldo, sabe? Pessoas que faziam parte dessa secretaria na época, da economia solidária.

D= Quais foram os primeiros passos dados pela Cooper Cris?

L= Os primeiros passos foram, é, confecção de roupas para um evento aqui em Hortolândia, um desfile de moda, né? Esse foi um dos primeiros passos. É, particular da cooperativa, mas antes ela já tinha fechado roupa pra Celian, pra algumas outras confecções que tinha aí

D= Como que se conseguiam esses trabalhos?

L= A da Celian foi através de uma outra pessoa, foi através da mãe da Jussara, que ela é costureira, né? A dona Euvira, ela já costura a muitos anos pra Celian e ela estava com muito trabalho da Celian e ela passou pra nós. Aí a Celian ainda gostou do trabalho, porque eles são bem enjoados, você sabe, né? E gostaram do trabalho e fizeram algumas das meninas foram até lá e, pra conhecer a fábrica e, pegou alguma coisa ainda. Mas depois eles não quiseram mais fazer com a gente, porque a gente se envolveu muito nas bermudas da prefeitura então não dava mais pra fazer outro tipo de trabalho, era só, foram quase 70 mil peças, né? Então foi meio complicado. Cê vê a audácia das mulheres, entrar num projeto de quase 70 mil peças, a gente tinha poucas costureiras, tinha muito ajudante, mas costureiras eram bem poucas, né? E por isso teve que terceirizar pra outras pessoas...

D= Quais os problemas verificados é, nos primeiros passos, né. No início, o que que aconteceu como problemas?

L= Da cooperativa, você quer dizer?

D= Isso.

L= Bom, financeiro, né? Financeiro foi, é um dos maiores problemas, porque cê sabe, as pessoas trabalham, elas querem receber. Não é verdade? Uma, ela

trabalha, não é? Pra receber aquilo que foi fruto do tra, ela, ela uqer ganhar aquilo que foi fruto do trabalho dela. E ela trabalho, ela não conseguiu o dinheiro, ela fica desmotivada. Não há motivação pra pessoa levar aquele sonho adiante, né, ou aquele projeto.

D= E o porque que a senhora acha que gerou-se estes problemas financeiros?

L= Como eu te disse, o material humano, em frente disso, né, porque o material humano, ele num tá preparado pra, pra fazer, desenvolver um certo trabalho, o negócio tem é que ficar estagnado mesmo, né?

D= E Hoje?

L= Continua sendo o material humano (risos) e financeiro, né? Bom, é que um gera o outro, né? Sem ele, sem o primeiro, o outro num pode ser, num pode ser a consequencia, né? Porque se falta um pra dar a continuidade, como que o outro vai chegar, como que o financeiro vai chegar até as mãos da gente, né? E agora, agora tá assim, é, gerou-se uma, uma, uma, uma negatividade, um negativismo, entre a nós e, num to nem falando entre elas, entre nós mesmo, que até eu mesmo, mesmo eu querendo ficar, tem horas que a gente dá uma balançada, sabe, porque a gente, ce vê, que tá lá, olha na porta da geladeira, uma conta de luz pra pagar, aí cê olha no outro lugar cê tem uma outra conta pra pagar. Comida não falta, graças a Deus, qua a gente tem suporte de uma cesta básica, mas não é só isso, tem o legume, a verdura, uma fruta, né? A gente tem que comprar sabonete, pasta de dente, *shampoo*, papel higiênico, (risos) essas coisas. Desculpe tá falando isso aí, mas, aquilo alí é só o básico, o alimentar, né.

D= O que a senhora mais aprendeu na Cooper Cris?

L= Olha, o que eu mais aprendi foi de querer, convivendo, assim, sabe, aprender a dividir, a repartir, isso eu aprendi. Eu já sabia um pouco, mas eu acho que a gente, tem que haver solidariedade, né, entre as pessoas, mesmo a gente encontrando pela frente umas pessoas mais egoístas, sabe, e num vou dizer assim pra você que eu também não seja egoísta, porque às vezes, você acaba sendo, por um motivo ou outro, cê acaba sendo egoísta com uma outra pessoa do seu lado, né?

D= A senhora tem algum conhecimento em costura?

L= Não, eu mexo nas máquinas, assim, costuro um pouquinho na reta, eu vou na overloque, na reta.

D= Já costurava antes?

L= Só em casa. Só em caseirinha mesmo

D= Como que a senhora aprendeu?

L= Eu aprendi com uma tia minha. Quando eu era pequenininha, assim, tipo, 8 anos, ela, minha avó tinha uma maquininha daquelas Singer pretinha, sabe? Cabecinha preta? Antiguinha mesmo? E eu ví ela mexendo na máquina e eu tinha vontade, então ela me ensinou. Ela tirou a agulha da máquina. Tirou a correia. Tirou a correia da roda, né? Fazia eu pedalar. É lógico que não ia funcionar nada lá porque não tinha correia, né? E fazia eu pedalar. Aprendi a pedalar assim. Aí, quando eu aprendi a pedalar ela tirou a agulha, a, a agulha e colocou a correia. Aí eu batia lá, o pezinho lá levantado descia sem agulha, quando eu, quando eu aprendi assim, depois de um certo tempo aí ela já colocou a agulha, sem a linha, e assim foi. E pra mexer com a roupa, com o

tecido eu aprendi com essas revistas, é, tipo esses moldes, é Moda Moldes, na minha época era Gil Brandão(risos). Conheceu? Gil Brandão.

D= Sim!

L= Que tinha, tem aquelas folhas detalhadas, assim pra gente montar o modelo, né?

D= Quais as ações que a Cooper Cris realizou até hoje? Para a melhoria do, do processo, né?

L= Bom, a, eu a, a primeira coisa que a Cooper Cris, não vou dizer que a gente não teve suporte financeiro de outro lugar, tivemos sim. Não vou citar o nome aqui porque pode ser que dê problemas. Um foi a “Simoldi”, que ela deu ajuda financeira pra nós, logo no começo da Cooper Cris, ai depois teve acho que um outro empresário aí que eu não fiquei sabendo bem quem é, às vezes é uma entidade, no processo da fabricação das bermudas, e, e o avanço, a ação que a Cooper Cris teve, a melhoria dela em termos de, de, de, de, de, de, em termos de, de uma confecção, foi ela sair de lá do salão do Gervásio, né? e a gente, com nossos próprios méritos, mesmo a gente não tendo o nosso salário mensal, que elas falam salário, a nossa retirada mensal, é aqui, a gente poder pagar a nossa água, a nossa luz, nosso telefone, nosso aluguel, com, com, com o mérito de cada um, mesmo a gente não tendo é, essa retirada mensal para nós, eu acho que foi um dos méritos da Cooper Cris.

D= E o que que a senhora quer? Espera pro futuro da senhora?

L= Da Cooper Cris? Cê quer dizer da Cooper Cris ou meu?

D= É, seu.

L= Meu, o meu acho que tá ligado com a cooperativa mesmo, que eu, que eu, mesmo com esse processo aí da, chatinho, meio embolado o meio de campo aí e a gente não saber o que vai acontecer amanhã, o meu, o meu sonho é que a cooperativa realmente vá pra frente, que ela dê lucro, pra que aí o meu des, o meu, o meu, o meu desempenho é, não, não é o desempenho, como se diz, ai Daniel, me ajuda, vai. Como foi a pergunta que você fez? Repete a pergunta pelo, pelo menos.

D= Ah, o que você quer para seu futuro, né?

L= Então, e aí, pra que, a cooperativa indo bem eu creio que meu futuro também vai bem, né? Ele também pode seguir bem, né? Melhorar, minhas perspectivas de reformar minha casa, comprar um carrinho, nem que for um poisézinho mesmo (risos), sabe? É isso aí.

D= E a senhora conhece outras cooperativas na região?

L= Sim, é, conheço a Cooper Lance, que elas, elas costuram, fazem de tudo, coitadas, também, né? Elas não são nem legalizadas. As meninas vem aqui, cê sabe, a Efigênia e a Risíres e a Cooper Fem, que é lá do Santa Clara, da Zuleica e tem a Sociarte, que faz parte é no ramo do artesanato, né. Tinha outras, que é a cooperativa da mandioca, é.

D= Essa aí não é têxtil, né?

L= Não, não, é, é, é, alimentar. E tem a, da Sociarte tem, tem 2 segmentos. Tem é, projeto Caminhos, né, que elas tanto trabalham com alimentos como com confecção e artesanato, que elas tão fazendo, se preparando pra entrar no ramo de confecção também.

D= Tá bom Luiza, gostei muito

L= Obrigada

Entrevista com a cooperada Ivone Rodrigues Freitas de Lázari, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Qual o seu nome completo?

I= É Ivone Rodrigues Freitas de Lázari.

D= Ivone Rodrigues Freitas.

I= de Lázari.

D= de Lázari?

I= de Lá. Z, ére, I. É com.

D= Tá, OK. O que que levou você, Ivone, a participar da Cooper Cris? O que que te motivou?

I= Porque no momento eu tava parada, né? Que eu tava, eu tinha tido meu bebê aí eu saí do serviço. Quando eu, vinha vindo ele eu trabalhei até o último mês depois eu saí. Aí quando eu tinha ele pequeno, eu gostei de entrar na Cooper Cris porque aí era perto de casa pra mim trabalhar e eu ia trabalhar só os dias que eu podia trabalhar, porque podia por pra creche, o horário que eu tava na creche, pra mim era um ganho a mais, né? Pra mim ajudar dentro de casa, que era eu e meu marido, então, o que me motivou a entrar era isso, né, que no momento foi assim, propostas boas, que teve que ia ter creche, depois já não teve, pra cuidar, e, pretendia né, ter um ganhinho, né? Um salarinho.

D= E a opinião da senhora, o porque a senhora acha que as outras pessoas, qual foi a motivação, das outras pessoas?

I= Porque que elas entraram? Eu acho que é a mesma, né? Uma renda, né?

Pra família. Uma renda a mais.

D= Quais os problemas enfrentados no processo da fundação da Cooper Cris?

I= Foi vários, né? Porque a documentação, a gente não tinha nada no começo, não tinha nenhuma agulha, nenhuma máquina, nada, então foi, até organizar, juntar tudo, pra começar, foi essa primeiro, né?

D= Quais as pessoas que participaram desse processo da fundação? Que ajudaram, que contribuíram, né?

I= Como assim? Tem que por todos os nomes das pessoas ou não?

D= Não, que a senhora se lembra.

I= Que eu lembrar?

D= Que ajudou, que a senhora queria falar alguma coisa, às vezes né...

I= Eu acho que as que estão aqui ainda, e as que saíram que nem o Zé, a Lourdes, a Carmem, Socorro, a Dirce, tinha a Nicinha, os outros que já saíram, né? Foi os que mais ajudaram a gente aqui, no começo, até...

D= Quanto a trabalho mesmo, né?

I= É. Teve umas que só deu o nome mas nem participou, então essas você nem conta

D= Por que, hein?

I= Num sei, arrumo serviço. No momento tava ser serviço, ai apareceu serviço, ai achou melhor, né, já ir lá porque lá ia começar a ganhar já né, e aqui, inclusive algumas eram separadas, ã, viúvas, então tinha as crianças e precisa ganho já imediato, né? Que nem, ali na Cooper Cris demorou pra, pra ter retorno. Então aí eles foram lá pra já tá começando a ganhar, né? Aquelas que

não ajudaram como as outras foram levando até que deu né? Daí saiu né. (A dificuldade de emprender nas classes oprimidas)

D= E, quais, na sociedade né, a Cooper Cris teve apoio de quem? Prefeitura, igreja, instituições? Teve algum apoio?

I= O apoio que a gente teve ali foi que nem, a Marlene e o Gervásio que eles começaram, mesmo na casa deles, né, tipo assim, eles é que tava dando apoio pra empurrar, né? Pra começar. Só que de outras coisas, a prefeitura não teve nada não. As outras. Que eu lembre, acho que não. Da gente mesmo, né? A gente é que trabalhou e conseguiu o que a gente tem.

D= Quais foram os...

I= (inaudível).

D= Oi?

I= Muito pouco apoio a gente teve.

D= Muito pouco apoio. Quais foram os primeiros passos dados pela Cooper Cris? O que que ela fez no início?

I= Ah, agente foi arrumando a papelada, tinha reuniões pra entrosamento entre os cooperados, aí foi, foi arrumando as papeladas, o serviço, aí já foi divulgando mais, foi aparecendo, e a gente foi fazendo, né? Aos poucos, aí, até aquela licitação, né?

D= A licitação?

I= É, até a licitação, aí na licitação a gente teve aqueles trabalhão todo, mas o lucro foi pouco, né? Mas...

D= Por que que foi pouco?

I= Isso é que ainda, eu pelo menos não sei o porque que deu tão pouco, eu acho que um pouco foi porque, assim, o preço do, dado pro, pro produto, né, que nem a do shorts foi muito baixo, então só...

D= Talvez não soubéssemos fazer o custo?

I= O custo! Porque na hora da licitação, lá, jogou o preço muito baixo pra poder pegar, né, a licitação, então, depois num, deu só pra despesa e sobrou muito pouquinho. O que pra gente sobrou mesmo foi as máquinas, né, que a gente comprou na época, que a gente conseguiu pagar.

D= E hoje?

I= Como assim, hoje?

D= Hoje?

I= Hoje também não tá sobrando muito não. Pelo menos eu tô saindo né? Porque, num tô mais confiando, né, então, vou sair fora, né?

D= Vai sair da Cooper Cris?

I= Vou.

D= Por que?

I= Por que não dá mais. Porque cansei. De esperar, esperar, esperar pra melhorar e tá difícil. E eu preciso de um ganho imediato e aqui num tá dando viu, então, apareceu em casa, um serviço pra mim, então, eu vou ficar lá.

D= A senhora vai trabalhar com o que?

I= Em casa. Costura também, mas em casa.

D= Costura?

I= É, assim é um, um, cara que faz capas, mochilas, aí ele traz em casa pra mim. Vou pegar lá.

D= E, o que a senhora acha que melhoraria o trabalho na Cooper Cris? E essa situação da Cooper Cris de ganho?

I= É, agora com essa proposta nova que tá tendo do Pólo Têxtil aí que eles vão, essa indústria grande que vão passar serviço, eu acho que tem tudo pra melhorar. Só que pra mim não dá mais, porque já, minha saúde esgotou, esses dois anos que eu fiquei aqui vindo, vindo, vindo, vindo né, a gente fica nervosa, porque não tem dinheiro aí é muito serviço, às vezes tem bastante às vezes num tem. Então isso vai desgastando, né? Aí eu já fiquei com problemas de saúde, nas pernas, que eu vou ter que procurar um ortopedista, eu já tenho tendinite então isso começou a prejudicar muito, eu tenho problema de rim, ficar muito sentada, então eu primeiro vou ter que me tratar pra depois eu trabalhar em casa eu vou trabalhar devagarzinho conforme eu posso né? Então minha saúde não dá mais pra ficar aqui. Porque aí aqui, agora pelo o que a gente sabe vai ter horas, cumprir horário né, e já pra mim num dá. Entendeu? Eu tenho bebê pequeno, com 3 aninhos, horário que ele tá na creche eu posso trabalhar, horário que ele num tá eu já num posso. Porque eu já entendi que vai ficar mais longe, já vai sair daqui, vai lá mais pro centro, então eu acho assim que tem tudo pra dar certo, agora né? Agora que firmou os passos, porque até agora a gente sofreu muito. Nossa!

D= Sofria com o que? A, a que...

I= Falta de dinheiro, de verba, de trabalho...

D= Mas, a senhora acha que a que se deve essa falta de dinheiro? E porque que não conseguimos?

I= Porque não tinha trabalho.

D= Não tem trabalho?

I= É... Não tinha assim uma indústria fixa que passasse serviço pra você manter o mês inteiro o serviço. Então um dia, às vezes tinha 2 dias, já passava a semana inteira sem. Então o pouquinho que a gente fazia só dá pras despesas. Aluguel, água, luz. Aí era muito pouquinho que sobrava pra gente. E não tinha retirada, né? Teve meses que a gente não retirou nada. Então, pra gente que tem família, tem filhos pequenos, tem despesas da casa, aí, não dá, eu tenho filho adolescente que não trabalha.

D= É, com o que a senhora mais aprendeu na Cooper Cris?

I= Ah, tudo. Eu já sabia um pouquinho costurar, mas aqui eu aprendi mais né, com a convivência, ã, com cooperar, a cooperação com as outras colegas, né? Porque a gente trabalhava em firma, mas assim, não é assim que nem aqui. Aqui é mais. Aqui é mais, como é que é, partilha mais as coisas, a gente aprendeu muito. No trabalho também. Aprendi muito.

D= É, Você tinha algum conhecimento em costura? Já costurava antes?

I= Já, mas em reta. Assim, overloque e galoneira eu aprendi aqui, mais.

D= Certo. E com a reta, como que a senhora aprendeu?

I= Eu aprendi na prática mesmo, né. Eu fiz 3 cursos. Mas faz tempo, só que aí eu não praticava muito, né? Fazia algum consertinho em casa. Aí depois eu entrei numa confecção, que eu trabalhei 3 anos, né? Aí, que era só serviço de reta também, 3 anos, foi aonde que eu engravidei, tive meu bebê, que eu tive que parar daí, né, que com ele mamando e era longe, era lá em Campinas, então não tinha como continuar, quer dizer, se não fosse por ele eu taria lá até hoje, porque era muito apertado.

D= E a Cooper Cris? Por que que a senhora preferiu a Cooper Cris e não voltar pro mercado de trabalho em empresas? Ser empregada?

I= Pelo meu bebê.

D= Por causa do bebê?

I= É. Porque aqui eu vinha quando eu posso, né. Tipo assim, não é um horário fixo. E lá eu tenho que cumprir horário, né? Porque era por hora, então...

D= E quais as ações que a Cooper Cris desenvolveu nesse período, nesses anos, né? Que melhorou ou que poderia ter melhorado o trabalho?

Desenvolveram algumas ações? O Grupo?

I= Ações assim, como trabalho?

D= É... O que se buscou para melhorar?

I= Muito pouco. Nesse tempo aí a gente quase não tinha assim acesso a muita coisa. Nós ficava mais aqui dentro. Cursos mesmo não teve. Agora que ia começar que nem o que tava tendo com você, as menina tava indo pra Americana, aprendê modelagem. Por enquanto não teve. A gente sofreu mais, né? Porque agora que vai começar a render frutos, né?

D= O que que a senhora quer pro futuro da senhora?

I= É um trabalho, né? Conseguir um trabalho, que nem, se eu conseguir em casa agora vender, trabalhar e ter um salário no final do mês pra poder manter né? A família, ajudar né? Ter um futuro melhor pros filhos da gente, né?

D= A senhora conhece outras cooperativas que trabalhem têxteis na região?

I= Que a gente sabe é só essas aqui, né? Coper Fem e Cooper Lance. Mas é que é assim, eu mesmo lá eu nunca fui né?

D= Certo.

I= (inaudível)... em umas reunião, as vezes a gente participava junto.

D= Bom.

I= Era isso?

D= Obrigado

Entrevista com a cooperada Maria de Lourdes Okawa, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Qual o seu nome inteiro?

M= Maria de Lourdes Okawa.

D= Maria de Lourdes, qual foi a motivação da senhora? O que levou você a participar da Cooper Cris.

M= Ah, um emprego, né? Trabalhar, né? Porque pra gente sair pra fora já é mais difícil, né? Como a Cooper Cris é perto de casa, então essas coisas...

D= E as outras pessoas? O porque a senhora acha que as outras pessoas também gostariam de participar da Cooper Cris e vieram participar?

M= Ah, eu acho assim né, por causa que, pra sair pra fora, é, tem filhos, né? já se tornava mais difícil, tem que pegar ônibus, essas coisas todas, né. Aqui não, porque tem a creche aqui pertinho, as mães né, estão aqui perto, então...

(inaudível) porque já pra sair pra fora pra trabalhar já é mais difícil, né?

D= Quais os problemas enfrentados no início da Cooper Cris?

M= Nossa, foi tantos, hein? (risos) Foi muitos. Mas nós insistiu né? Nós batalhamos. Foi difícil mas a gente conseguiu né.

D= Como quais problemas por exemplo? A senhora poderia citar alguns?

M= Ah, de parte financeira, né? Que nós começamos né? Ninguém, né? Ninguém tinha nada né? Ninguém tinha máquina, não tinha nada. Foi difícil, né? Porque a gente trabalhou, sem um salário, pra poder pagar o que nós tem aqui dentro né? Então foi, foi difícil. Às vezes a gente até desanimava, né? Porque você trabalhar o mês inteiro, né? E não ter um, não ter uma retirada, mas foi difícil, mas a gente né, conseguiu comprar as máquina e num tivemos salário, mas conseguiu as máquina, comprar tudo que tem aqui dentro.

D= E quem participou do processo de fundação?

M= Ah várias pessoas, né?

D= Que ajudaram?

M= Ah, que ajudaram? Não vou dizer nem que sim nem que não né? Mas teve assim uma ajuda ai no começo, né? Mas assim, não foi ainda suficiente, né? Mas a gente teve uma ajuda.

D= De quem, por exemplo?

M= Ah, do pessoal da prefeitura, né?

D= Da prefeitura?

M= É.

D= Além da prefeitura? Teve alguma outra entidade, instituição que ajudou?

M= Ah, que eu saiba, que eu saiba não.

D= É, quais foram os primeiros passos da Cooper Cris? Os primeiros trabalhos? O que que foi feito?

M= Ah, a gente tá começando né? Fazer assim algumas coisas, é, tentar vender. Né? A gente promoveu até uma quermesse. Entendeu? Pra gente conseguir arrecada, uma arrecadaçãozinha, né? Pra poder comprar tecido, pra

poder comprar alguma coisa pra gente poder ir trabalhando, depois a gente começou a fazer umas pijamas pra Celian. Entendeu? Então foi ai né, que a gente conseguiu, entendeu? Fazer alguma coisa. E depois veio a licitação.

D= E nesse início, já tiveram problemas?

M= Como assim?

D= Ah, e quanto a esses primeiros trabalhos, a licitação, tiveram alguns problemas?

M= Tivemos.

D= Como quais, por exemplo?

M= Falta de trabalho.

D= Falta de trabalho?

M= Tinha gente que não vinha. E a licitação, né.

D= E a senhora acha que o porque aconteceu isso?

M= Ah, sei lá, eu acho assim que no começo tinham bastantes pessoas, né, depois foi, foi saindo, foi diminuindo, então, é difícil, né, porque se vem um convite grande pra nós pegar a gente não pode fazer porque não tem pessoas suficiente pra pegar aquele trabalho, entendeu? Então nessas partes ai também foi muito difícil pra nós. Sei que a gente ficamos com poucas pessoas né, então foi difícil, né?

D= Apoio mútuo?

M= É

D= E hoje?

M= Ah, num sei. (risos) Num sei, num sei nem o que dizer pra você viu. A gente tá num. Parece que estamos no, tá no começo de novo, o que estamos passando aí tá parecendo que estamos no começo de novo.

D= Por que?

M= Ah, ah por causa do que a gente ficou sem trabalhar, né? Então é difícil né. A gente conseguir um serviço aí. Pode até aparecer, mas não tem pessoas suficientes pra trabalhar, então a gente fica, meio difi, né, meio problema, né? Num tá sendo fácil não. Tá meio difícil as coisas aqui. Tá meio complicado.

D= O que que a senhora mais aprendeu na Cooper Cris?

M= Ah eu, bom, costurar eu não costuro, né. Mas eu aprendi fazer bastante coisa. Aprendi é, riscar né, o molde. É, ah, bastante coisinha aí que eu não sabia eu aprendi, só costurar que eu não sei, mas eu aprendi bastante coisinha.

D= É, e a senhora não tinha nenhum conhecimento em costura então?

M= Não.

D= Nunca tinha trabalhado com nada de costura?

M= Não. Trabalhei numa confecção. A única coisa que eu fazia era tirar linha. Né? Alguma coisinha assim, né, numa mesa, riscar um molde, riscar um tecido. Qualquer coisa assim eu faço.

D= A senhora aprendeu então, uma coisa a mais?

M= É. Num tá assim bem, né, mas pouca coisa eu faço.

D= E a senhora, é, quer dizer, o trabalho da senhora é voltado mais ao acabamento?

M= É, é.

D= É. Quais as ações que a Cooper Cris fez ao longo dos anos, né, o que ela está fazendo, que levou a uma melhoria? Tiveram algumas ações?

M= De melhoria, não teve muito não. É, que nem eu falei pra você. Nós tá num barco aqui que não tá lá muito bom não. Pra nós num...

D= E o que que a senhora quer pro futuro da senhora?

M= Ah, o que que eu quero? Eu quero assim, né? É trabalhar, ter um emprego, um salário, né? Mesmo porque a gente gosta de trabalhar, né? A gente, que nem, você vê, pra nós, é bom isso aqui, uma cooperativa é bom pra nós trabalhar, porque, hoje você vê, nem os jovens, num conseguem emprego. Você imagina uma pessoa que nem nós, que vai... Então, nessas partes, a cooperativa estava sendo bom pra nós, né? Mas ao mesmo tempo, é, fica difícil. Porque a gente sai da casa da gente, a gente deixa a casa da gente, a gente vem pra cá, por que nós tem que vir, porque é um compromisso, senão, tem que assumir. A gente fica aqui. Aí, chega um final de semana, você fica estressada, porque cê vai pra casa, aquele monte de coisa pra fazer. E a gente fica aqui e num vê assim, sabe, um resultado bom, que deixasse a gente feliz. Entendeu? Que a gente ficasse contente, né? Porque a gente trabalhar, a gente trabalha, nós vamos trabalhar aqui até quando você tiver uma hora a mais, duas horas a mais, a gente vai ter tanto de salário. Quem que não quer. Entendeu? É o que todo mundo quer. Trabalhar. Se você trabalhar e ter o resultado. Mas que que adianta, a gente trabalha e num tem resultado. Então, a gente fica nesse... Entendeu? Aí é nesse ponto aí que to falando pra você que nós estamos em situação difícil. E não tá fácil.

D= É...

M= Tá muito difícil, porque você vê, a gente tem que trabalhar, nós tem que pagar o aluguel, tem que pagar água, tem que pagar luz, tem que pagar telefone, aí a gente tem uma retirada aí, aí fala, não vamos tirar tudo o que tem que pagar, aí o que sobra eles quer dividir pra 8. Ah, não. Fica difícil. Complicadíssimo.

D= E a senhora acha que a Cooper Cris dá continuidade? Consegue vencer isso?

M= Ah, eu acho que sim viu. Até conseguiria, viu, mas a partir do momento que tivesse mais pessoas aqui dentro, pessoas profissionais, pessoas capacitadas mesmo pra, entendeu? Eu acho que dá sim. Dá!

D= E a senhora pretende continuar?

M= Olha, sabe que eu não, eu não vou poder te responder essa pergunta, eu tô, cê entendeu? A gente, a gente tá esperando. Você quer ver alguma coisa, cê quer ver o resultado de alguma coisa. Cê entendeu? Então a gente tá assim. Tá, nossa, cê entendeu?

D= E a senhora conhece outras cooperativas têxteis aqui na região?

M= Não.

D= Não?

M= Ah, tem uma que costura aí, um pessoalzinho aí, mas eu não tenho conhecimento não.

D= Bom.

M= Tá bom?

D= Obrigado, viu? (risos)

M= (risos)

Entrevista com a cooperada Francisca Cleide Alves de Macedo, realizada no segundo semestre de 2007

D= Qual seu nome completo, Cleide?

C= Francisca Cleide Alves de Macedo.

D= Cleide, o que levou você a participar da Cooper Cris? Quais foram suas motivações no início?

C= No início foi uma curiosidade. Queria saber como, como que era, né, o que realmente a cooperativa tinha a oferecer, e tive essa curiosidade, porque antes, eu ainda tava trabalhando. Aí, a Marlene chegou, fez o convite se eu num gostaria de participar da Cooper Cris. Cooperativa, quer dizer, antes não tinha nome ainda, num gostaria de participar? Eu falei, ah, vou pensar, porque eu estou num processo de saída de uma firma, da firma, né? Quem sabe? Aí ela ficava sempre atrás de mim, sempre atrás de mim. Isso, isso levou a ter essa curiosidade de conhecer, pra ver como é que é, o processo todo. E foi assim. Uma...

D= E o porque você acha que as outras pessoas vieram participar das, da Cooper Cris? O que que motivava elas, na sua opinião?

C= Olha, ao meu parecer, eu acredito, que foi mais a necessidade. Porque é assim, quando você busca uma coisa por necessidade, você num vai pra ter um certo conhecimento daquilo que você está buscando, você vai porque você precisa trabalhar, precisa de dinheiro, é por isso que a maioria, é, ao saber o que realmente é a cooperativa, num, num moti, num ficou. Até antes das

reuniões, até falaram, ó, não tem como eu continuar, eu preciso trabalhar, ganhar dinheiro, e tal. Mesmo porque um processo de uma empresa ou mesmo de uma cooperativa leva muito tempo pra ter uma, uma, uma base sólida, né? E, as outras pessoas, e, ao meu parecer, foi mais assim, por necessidade, né. De certa forma eu acredito que uma certa curiosidade levou as pessoas a ter essa, essa, esse incentivo de ir, e dizer, ah, eu vou porque, mas mais por necessidade, né.

D= Quais os problemas, é, enfrentados no processo da fundação da Cooper Cris?

C= Problemas? Mais, de início, é, mais burocráticos, mais os problemas burocráticos, né. Tem toda essa dificuldade, nem todo mundo conhece, é, realmente o cooperativismo, né, principalmente advogado. Né? Num, não são todos advogados que tem certo conhecimento que realmente é cooperativa, que eles lidam geralmente com firmas, com empresas, essas coisas. Apesar de ser, né, ter todo um registro, tudo, só que a cooperativa tem uma, uma, uma certa legalização diferente de como lidar. Então a maioria se vê, se viu nessa, nessa, difi, até eles mesmos se viram nessa dificuldade. Mesmo porque quem entre numa cooperativa e vai atrás de uma formalidade, documentação, já se depara com esse tipo de dificuldade, né. A primeira dificuldade de início é isso, mesmo porque tem toda, é, gastos, né? Financeiros e essas coisas todas. A cooperativa não tem um fundo, num tem nada, ela tem que recorrer a certas, certas, assim, pessoas que possam que taí, que, vão supor, pessoas que geralmente tem parcerias com cooperativa, ai, eu ajudo, vou no, eu ajudo nesse processo, tem sempre pessoas que fazem isso, né? Até ameniza, mas a

maior dificuldade no início é isso. Porque outra dificuldade até sempre vem, né, até mesmo assim de, no trabalho, essas coisas. Sempre vem, mas até que, geralmente o ramo de cooperativa, principalmente é têxtil, que mexe com área de confecção, é sempre né, instável, né?

D= Quais as pessoas que participaram do processo da fundação da Cooper Cris? Dona Marlene?

C= Ela foi a, a, a, a, chave, chave principal, né. Que, teve, essa vontade, de querer montar uma cooperativa, pra saber como é que é. Foi ela que realmente começou, que abriu um certo caminho aí, né? E, levou, ai , um certo grupo de pessoas a ter essa mesma, como eu disse, essa mesma curiosidade, essa mesma, né, de conhecer, como que é, eu quero saber, eu quero, vamo, vamos montar uma cooperativa com esse grupo de pessoas, mas o que mais, o que mais as pessoas não levam a frente é não querer saber o que leva pessoas a entrar na cooperativa, o que é uma cooperativa. Por que se a pessoa realmente busca saber o que é uma cooperativa, ela, ela vai atrás, ela até, vai até um certo ponto, tem uma certa experiência, né, e, e, infelizmente a falta de conhecimento, assim, de muitas pessoas pessoas, principalmente conhecimento de estudo, né? Realmente, às vezes as pessoas vêm, vê na cooperativa um certo, é, como é que se diz, uma certa válvula de escape, aí, eu não consigo trabalho em outro lugar, e eu tô aqui parada e eu vou lá pra cooperativa. Na verdade não é isso. Porque a cooperativa por mais que seja um lugar onde acolhe pessoas, aonde dá aquele incentivo aonde você se une pra ajudar a outra, realmente ela é um lugar que você tem que ter um pouco de conhecimento por que senão, não vai pra frente.

D= Teve algum apoio de instituições, prefeitura, igreja, no início?

C= No início teve muito apoio. O povo que vê é, é que tem aquela, que vê na cooperativa um, um, incentivo pra, principalmente pra cidade, né, de trabalho, tem, você vê aquele apoio. Mas não, a gente quer ver mais na prática, né, na teoria todo mundo tem um certo apoio, né? Vai, busca apoio, mas a gente quer ver mais na prática, né? Esse apoio. Na verdade as cooperativas, são, são uma certa base da, assim na cidade, né. Acho que gera emprego, gera, principalmente nessa parte de recursos, né, pessoas vai, se especializa em alguma coisa, é, se ela tem vontade, se ela tem dom também, porque não adianta se tentar num lugar se você não tem dom, né? Então ainda tem isso também. A pessoa ir, só porque ah, é legal, eu vou lá. Se tem que ter dom pra coisa. Ela gosta, tem dou, eu vou pra lá. Eu gosto de mexer com, com cooperativa de autônomo, né, de coisas, tipo, essas perueiro, eu vou pra lá. Então, tem tudo isso. Tem que ter tato pra coisa, não entrar porque tem um grupo de pessoas lá, e eu vou lá por que vou fazer uma, porque sou mais um, né?

D= Mas o apoio, ele foi dado no início, por esses agentes, de que forma?

C= Um pouco foi político, um pouco foi é, o que eu posso dizer, mais assim, pra gente ter conhecimento da lei, o que é formal, o que é que você vai fazer ali. Né? Mais assim.

D= Quais foram os primeiros passos da Cooper Cris? Como é que, no início, como é que começou?

C= Primeiro começou, tá, eu vou dar o ponto inicial. Eu vou por lá uma cooperativa. Aí a Marlene foi buscar né. Ó, como que forma uma cooperativa.

Aí, teve já pessoas, que já tinham cooperativas formadas e tal e que não conseguiam se formalizar, mas estavam caminhando. Então, vamos fazer reuniões. Vão chamar pessoas. Aí apareceu pessoas até, nossa, muita gente apareceu. Então foi fazendo essas reuniões, foi falando o que realmente é a cooperativa, né, no início nem tudo foi assim, por que acho que nem ela num tinha aquele certo conhecimento, né, o que realmente você precisa pra ter uma base de que é uma cooperativa, mas, assim, a pessoa vai conhecendo com o caminhar da, das coisas. Então foi mais ou menos isso, reuniões, é foi falando pras pessoas, né? Tudo o que realmente precisava pra entrar na cooperativa.

D= Isso partindo de quem?

C= Partindo da, dona Marlene.

D= Dona Marlene. E quais os problemas no início da Cooper Cris, quais os problemas que surgia?

C= Problemas? Problemas assim de início foi mais é, financeiro, a gente não tinha um lugar pra instalar. A gente foi emprestado o local enquanto a gente não tinha. É, se inserir no mercado, mostrar o que realmente o que a gente faz, porque geralmente a cooperativa é vista como uma coisa assim, ah é a última coisa que pode ter. Quase ninguém gosta muito assim de cooperativa, porque geralmente cooperativa fala assim: _ A é? É! Porque são pessoas que estão lá aprendendo, eu não vou mandar meu serviço lá. Na, na verdade a coopercris, ela não teve essa, nem todo mundo sabia mas ela não tinha isso. Todo mundo tava aprendendo mas não tinha pessoas que sabem como lidar com o trabalho, que tem aquela, que tinham aquela vontade de aprender, que realmente aprenderam. Então, isso, isso ajudou muito, muito, né? Essas dificuldades, que

não nos impediu de se inserir no mercado de trabalho. Principalmente pra mostrar como é que era o nosso trabalho. Como que é, né. Realmente, o que uma cooperativa pode fazer, que pode fazer uma certa diferença. (sobre educação)

D= E hoje?

C= Hoje?

D= Hoje.

C= Como as dificuldades foram abatendo a cooperativa. (interrupção e pausa ocasionada por ruídos externos)

D= E hoje?

C= Hoje, o que mais nos deixa assim, é, com uma certa dificuldade de continuar, é, não, não é aquela indisponibilidade, é mais pelo, pelo, num dá nem pra explicar, assim, de certa forma. Nós passamos por uma fase aonde a gente foi muito alto e agora a gente tem que puxar o carro assim com força porque senão o negócio não vai. Então é essa dificuldade hoje. A gente ter um incentivo maior, um incentivo de estar na cooperativa, porque a cooperativa não é um lugar onde ficam pessoas fixas direto, isso eu sei, quer dizer, ela é rotativa, porque sempre tem pessoas que sai, tem pessoas que entram, então, nossa dificuldade hoje é ter esse incentivo maior, né, um apoio, pra gente não ter muito gastos com aluguel, é esse apoio, é, na realidade, que nós devíamos ter hoje. Pra gente ter esse incentivo pra depois falar assim, não, nós não estamos precisando mais, a gente tem de onde tirar. Tá tendo uma certa base, agora.

D= O que que você mais aprendeu na Cooper Cris?

C= Mais? É, eu já vim de um trabalho que eu gosto de fazer. Não tinha todo aquele aparato de curso, tudo, mas aprendi com vontade. Aprendi a costurar por curiosidade também, ia lá na máquina da minha mãe, costurava, costurava o dedo, mas assim, aprendi na raça só, não foi querer aprender porque eu acho bonito. Aí é que virou a necessidade mesmo do meu trabalho, né. Aí tive a oportunidade de começar um curso, né mesmo pela prefeitura e tamos aí, a gente tá pra terminar...

D= Antes da Cooper Cris então, você já tinha experiência com costura?

C= Já tinha experiência com costura. Então, eu aprendi, o que eu aprendi mais aqui é apesar de toda as dificuldades humanas, é lidar com as pessoas, assim ter amizades, né, e isso foi o bom, assim, porque o resto eu já sabia. Assim, claro que, cada dia a gente aprende mais, nunca sabe tudo. Às vezes o que a gente mais tenta aprender aqui é lidar com o outro, ter amizade, respeitar o outro, muitas vezes, o ser humano, ele é, de certa forma, difícil de lidar, mas esse aqui foi o que mais eu aprendi.

D= E você conhecia a costura já, então. Como você aprendeu a costurar?

C= Como eu aprendi? A minha mãe.

D= No início

C= Até então eu já costurava. Né, ela ficava numa maquininha, de pedal, lá, aí, ela arrumou um trabalho e foi trabalhar, aí, eu sou curiosa, ia lá na máquina dela, mexia na máquina, ela chegava, quem mexeu na minha máquina? Eu né. E direto eu fazia isso. Aí fui aprendendo. Aprendi dessa forma, tendo curiosidade por isso que eu acho, quando você tem tato pra coisa, você parece que desenvolve rápido, né, aquilo que você quer fazer. Então, ou geralmente

passa de mãe pra filho, ou de pai pra filho, aquilo que o pai faz o filho faz também. Então eu aprendi dessa forma.

D= E quais as ações que a Cooper Cris desenvolveu nesses anos, é, e que está desenvolvendo hoje? Para a melhoria do trabalho, para a melhoria, o que vocês fizeram?

C= Ó, graças a Deus a gente teve uma, assim, uma, acho que uma força interior muito grande pra ter vontade de derrepente mudar pra outro lugar, assim, ó, vamos ter coragem, vamos dar um salto mais, a gente tava lá, tava meio, né? Focado, ai, nós estamos aqui. Vamos ficar aqui mesmo? Não, sabe, vamos mudar, vamos sair daqui, mesmo porque é um lugar emprestado, né? Foi um apoio, né, da dona Marlene e do Doutor Gervásio. Acho assim, vamos mudar. Aí a gente resolveu mudar e conversamos, fizemos uma reunião, ó, a gente pretende mudar, a gente tá procurando espaço, que aqui, o que vocês acham? Ah, falou, é bom, aí foi quando a gente veio. Claro que precisa muita coisa pra melhorar. Eu acho que o que precisa pra melhorar é a gente procurar entender mais realmente o que que é, é, pra aprender e não só deixar na mão de outras pessoas pra administrar, mas você aprender a administrar não só o seu trabalho mas administrar uma coisa que é tua. Então isso, isso que falta também. Mas é, o fato de a gente ter mudado, né, ter se instalado em um lugar maior, ter aumentado um número mais de máquina, isso tudo deu um incentivo também.

D= E, que é que você quer pro seu futuro?

C= Que que eu quero pro meu futuro? Nossa, eu já estou, to numa idade tão... Eu não vou falar o que realmente quero pro meu futuro, mas eu vou falar o

hoje. Hoje, a gente tem que viver o hoje. Hoje, se eu pudesse me especializar mais na área que eu trabalho, eu, eu faria, mesmo porque se eu, fundos daqui, infelizmente não tem como, né? Porque se eu falar assim, eu quero fazer um curso lá, eu quero me especializar em roupa. Daqui, não adianta. Então, eu teria que ter um trabalho, ganhar um, de certa forma, até mais ou menos pra mim fazer realmente o que eu quero fazer na área que eu faço. Porque é o que realmente eu gostaria de fazer e eu não faço, não faço hoje, poderia até ser, algo que não poderia, não, na, eu nem estaria na área de costura. Mas eu acho que assim, o que foi oferecido pra mim hoje é isso. Então, o que eu gostaria pro meu futuro é que eu me especializasse. No que eu faço. Na área que eu trabalho.

D= Você nem estaria na área de costura?

C= Nem estaria, porque eu, eu gosto, eu gosto é de cantar.

D= Cantar?

C= É.

D= Ah.

C= Então, minha oportunidade, minha oportunidade, tive, uma certa oportunidade, não consegui porque era muito caro, pra entrar numa aula de canto, tudo, pra me especializar, fazer aula vocal, mas não consegui, então, ora entrei aqui mesmo, porque o que eu queria pra mim mesmo era tocar. Tá bom?

D= Você conhece outras cooperativas têxteis na região?

C= Conheço, conheço duas, que é a Cooper Fem e a Cooper Lance. Que ainda estão aí continuando firme, assim, não desistem, de forma alguma,

apesar de elas não estarem registradas, né, tudo, mas elas estão indo, batem de frente, vão nas reuniões, ficam alí, né. A gente já tá meio assim, meio preso a certas normas porque a gente fica, né, já se registrou, foi tudo muito rápido, não é uma coisa assim que você, nossa. Acorda, cê tava de um jeito, acordou no outro dia já tá de outro. Entendeu? O sonho da Cinderela, mais ou menos assim.

D= Tá bom, Cleide. Obrigado.

C= (emocionada, chora)

ANEXO B – Entrevistas dos ex-cooperados

Entrevista com a então ex-cooperada Maria de Lourdes da Costa, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Qual o seu nome completo?

M= Maria de Lourdes da Costa.

D= Maria de Lourdes, porque você saiu da Cooper Cris?

M= É, saí meramente por causa da necessidade financeira. (risos) Não vou falar mais a "nice" não. Porque no momento lá pra mim num tava compensando que era no início ainda, né, num, agora, agora eu num sei como é que tá, mas infelizmente foi meramente por financeiro.

D= Mas não tinha trabalho?

M= Tinha.

D= E o que é que acontecia?

M= Não sei te informar.

D= Você gostaria, no dia de hoje, de voltar pra uma cooperativa?

M= Ah, eu voltaria sim. Desde que você trabalhe e tenha recompensa esperada. Infelizmente, pra trabalhar, antes, a algum tempo atrás o importante era só estar trabalhando, não importa o resto. Mas hoje eu já num posso dizer isso.

D= Que que você acha sobre o mercado de trabalho hoje?

M= Hoje? Trabalho tem, que essa turma fala que não tem emprego, tem. É que o que tá pegando mesmo é que tem muita exigência também. O pessoal não

está preparado. Cê tem um curso eles pedem outro, cê tem uma idade eles pedem outra. Eu já levei currículo em, em, em, no mercado aí que por um ano eles não me pegaram e eu tinha 10 anos de registro. Ah, normas da empresa. Cê tem um ano a mais. Falei, tudo bem.

D= E como que cê fez? Saindo da Cooper Cris, é, como é que cê se viu no mercado pra se recolocar, pra poder trabalhar?

M= Aí eu voltei a trabalhar com a pessoa que me deu a maior força, antes, que inclusive foi ela que me ensinou a fazer esse serviço que eu estou fazendo hoje das bolsas, aí eu retornei com ela. Aí depois dela, ai apareceu esse outro que tinha ido lá na Cooper Cris e eu volte, saí dela denovo.

D= Você voltou a fazer o que fazia anterior...

M= Eu voltei, exatamente.

D= E na época do início da Cooper Cris, qual foi a sua motivação para participar da Cooper Cris?

M= Sendo bastante gente eu acho assim que a produção seria bem maior. Quanto mais você produz, mais você lucra, nem que seja pouquinho, ai você vai lucrar na quantidade, não na unidade.

D= Quer dizer, nessa época você já trabalhava com costura?

M= Eu já trabalhava com costura, eu trabalhava com bar. Eu sobrevivo, eu sou autônoma desde 98. Sou eu e minha filha. Então é a lei da sobrevivência mesmo. Aonde dá pra tirar algum sustento, a gente tenta.

D= E qual foi a motivação que você imagina que as outras pessoas tinham para entrar na Cooper Cris?

M= Olha, dizendo, diretamente, da Cooper Cris, sinceridade? Eu acho que a maioria alí queria alguma coisa pra poder sair de casa porque não aguentava ficar em casa. Ou seja, um complemento de orçamento doméstico, não, eu vou fazer pra eu ter o meu, não depender do meu marido. Uma ajuda. Num foi por tanta necessidade assim. Não digo todas, mas acho que uma boa parte foi isso. Pra ter o que fazer, que nós temos, não vou citar nomes, mas nós temos algumas lá que, tanto é que saíram porque não depende disso, eu não preciso disso, então, e, e continuou com aquele mesmo compromisso deles em casa, né, sendo que teria. A partir do momento que você opita por fazer uma, alguma coisa, ou você se intera, né, alí, ou então num vai. Tudo bem que cê tem que ter vida particular também, com certeza. Mas se você se empenhou alí e tem trabalho, vamo trabalhar. Amanhã tá de folga, ó gente, então vou fazer isso.

D= E no período da fundação, quais os problemas enfrentados no processo da fundação.

M= Todos. (risos) Que eram todos leigos no assunto. Então foi com muita coragem e garra mesmo que o pessoal foi. Complicado. Ninguém sabia de nada, que foi tanta ilusão.

D= Cê se lembra de algum evento que aconteceu?

M= Ah, eu lembro de uma reunião que a gente teve que eles tavam, porque ah, nós precisávamos de, no início, assim, o que a gente poderia fazer? Ah, então vamos fazer uma vaquinha. Aí um deu 5 reais, outro deu 5 reais, outro deu num sei quanto lá, pra comprar algum material pra poder começar a trabalhar. Ó a ilusão! Mas foi válido.

D= Quais as pessoas que participaram do processo da fundação?

M= Todas? Todas eu não lembro não.

D= As importante pra você.

M= As que trabalharam comigo foram a Carmem, a, ah eu não lembro o nome dela, a "help", Socorro, a Betinha, a Lourdes, a Cris, que (inaudível), a mãozinha de fada, que é a Cleide, a Luiza, a Maria, a Elisa, quem mais, o Zé, eu esqueci mais algum aí, tinha o Alexandre também, né, que foi bem no início, tem mais ninguém, a Dirce. (pausa)

D= Tinha bastante gente no início?

M= É, nós éramos em 20.

D= E quais os atores sociais envolvidos? Teve alguma participação da prefeitura, sindicato, igreja, uma instituição?

M= Olha, eu acho que em termos de apoio, assim mesmo, propriamente dita, foi mais mesmo foi o seu Gervásio, e a dona Marlene. Que a prefeitura, dava aquele apoio, mas sinceramente eu não via. Por mais apoio que eles dessem, eu num, eu acho que eles poderiam ter feito muito mais, porque já que tá, do jeito que tá as cooperativas, do jeito que a Cooper Cris saiu, eu acho que se ela tivesse tido um pouquinho mais de apoio teria sido bem melhor pra todo mundo. Não sei se eu to errada, mas é o que eu acho.

D= Construída a Cooper Cris, quais foram os primeiros passos dados pela cooperativa?

M= Em que sentido?

D= Como vocês começaram...

M= Da montagem?

D= ...a trabalhar? É

M= Como nós começamos a trabalhar? Nós começamos a trabalhar com máquinas emprestadas, com a overloque, com as retas, eu acho que eram 2 retas emprestadas, tinha a overloque que era a chineisinha, essa aqui, uma dessa aqui, (aponta para a máquina ao lado) e na luta alí.(risos) Aí depois teve uma licitação, né, da prefeitura, e daí, com oconhecimento, quase nenhum que a gente tinha, achávamos que tava, pegamos naquela doidera porque a gente não tinha a menor estrutura pra isso, que era um volume enorme pra uma cooperativa que tava no início, num tinha nada! Foi doidera de todos, um sonho, né, vamos fazer e, mas graças a Desus superamos, passamos, a trancos e barrancos, mas passamos. Depois disso aí, não era pra tá todos fortes? Mas infelizmente não é o que aconteceu.

D= E deu problema nesse processo aí?

M= Ah, vários, muitos. (risos) Quantos problemas.

D= Que que cê se lembra?

M= Ai, ai, que eu me lembro? A convivência do pessoal, que é muito difícil, né? Que é muito difícil você reunir 20 pessoas de ah, é, ser humano é um complicado. Pra você conseguir fazer com que eles fiquem alí naquela que todo mundo manda, todo mundo é dono, e ninguém quer aceitar nada de ninguém. Então, quando você é de uma empresa e você é o patrão, fala ah, eu quero que você faça isso. E ele vai pegar e vai fazer aquilo porque você é o patrão e você manda. Agora infelizmente alí, na época tinha muitos, eu não tenho experiência de nada, mas o pouquinho que eu sabia eu tentei passar, fui muito contestada na época, porque, não, ninguém manda em nada aqui, já ficaram de nariz virado, aí acabaram aceitando, porque daí, foi onde deu uma,

uma saída a mais, aí começaram eles a dar uma, entenderem como é que funcionava mais ou menos a coisa. Os que não aceitaram muito saíram, né. Deixaram o bonde andando.

D= E vocês tinham necessidade de apoio externo?

M= Ah, eu acho que um apoio nunca é demais. Doido é quem falar que não precisa.

D= Que que vocês precisavam na época? O que teria ajudado a você não se desligar?

M= A eu não me desligar? Um retorno. Financeiro. Que na época não teve. Porque apareceu muitos impostos que a gente não sabia, então por isso que eu digo que a prefeitura não teve aquela participação, não tinha aquela coisa, não sei se é deles, também, mas o que eu entendi, o que eu acho que tenha sido, porque apareceu muitos impostos, como que se a gente fosse uma empresa já em andamento a, sei lá quantos séculos. Sendo que ali a gente precisava pra sobreviver. Tanto é que tinha gente lá que entrava 7 horas da manhã e ia até as 10 da noite.

D= Talvez um apoio pelo menos educacional, nesse sentido?

M= Também, ajudaria né, já seria uma grande coisa. Porque pelo menos você iria entrar naquele setor consciente do que, de tudo o que se passa, não depois, você tá contando, vão supor, você conta com uma dúzia de ovos, e aí, quando chega lá na frente você só tem 3 ou meia dúzia. Aí fica meio complicado pra você dividir pro pessoal, que são, que eram em 20. E mais a despesa das máquinas que daí foi feito o investimento do maquinário porque precisava devido ao montante de trabalho que a gente pegou da licitação,

então tinha que montar uma estrutura, que era, como eu já disse, a gente não tinha, consciente que, num, o que foi captado disso aí, dessa licitação, foi pra montagem da cooperativa, só que no meu caso, eu não tinha como montar uma empresa, era pra sobrevivência. Por isso que não deu.

D= E hoje

M= Hoje?

D= O que você está fazendo? Como você está se...

M= Ah, hoje, hoje, hoje está mais ou menos do jeito que era antes, eu vou, trabalho por conta e, vou, vou sobrevivendo, de acordo com o que eu fazendo eu vou passando, e num ganho, num tenho aquele lucro mais, vivo bem, saio, vou dançar, arrumei até namorado (risos). Num tem nada a ver com a entrevista. Mas assim...

D= Tá feliz?

M= Ah, estou! Porque se você trabalha, você tem retorno, você num, num precisa ficar dependendo, chega fulano, você me arruma 30 reais pra comprar um gás, cê não, cê trabalhou você tem com ele, tem ele, então cê paga. O que que você vai fazer? Se não tem fica pedindo, inclusive na época lá eu fiquei desesperada por isso aí. Trabalhava e não tinha. O que eu precisava eu tinha que pedir. Nossa, isso pra mim, pode ser orgulho, pode ser erro, mas pra mim é assim.

D= O que, com o que você mais aprendeu na Cooper Cris?

M= Com o que? Olha, o que eu vou falar não vai prestar.

D= Esteja a vontade.

M= O que eu mais aprendi em termos de, profissional, você diz?

D= Tudo.

M= Bom, profissional eu não sabia montar uma camiseta mais nem sabia de onde vinha quanto mais pra onde ia. Aprendi bastante. Porque a, era com costura, mais eu trabalhava num setor diferente. Então num sabia trabalhar com malha, tanto é que eu apanhei pra trabalhar com as malhas. E, quanto ao pessoal, eu achei muito egoísmo da parte do pessoal.

D= Por que?

M= De, de, deixe assim. Porque, porque, ah, eu tenho medo de falar alguma coisa e acabar prejudicando alguém.

D= Não, de forma alguma.

M= Porque se eu sei, eu tenho o maior prazer em passar pra você. Agora se eu não sei e você sabe eu adoraria que você passasse pra mim. E infelizmente ali num era isso que acontecia muitas das vezes. Eu sei, eu faço, e eu quem vou fazer, então, foi se sobrecarregando, pegando funções assim, dentro do trabalho, não isso aqui eu faço, pegava aquilo, num se preocupava em passar pra uma outra pessoa pra aquela outra pessoa pegar e desenvolver também. Se, lógico que eu aprendendo hoje, eu não vou desenvolver como você, que já sabia, já tem a prática, então, com certeza eu não vou, mas eu aprendendo, eu posso te ajudar, eu sempre digo, aquilo que eu não faço, precisa tar me ajudando. Que nem a minha sobrinha que tá aqui comigo, se ela fizer uma alça pra mim, aquela outra eu já não vou precisar por a mão. Ela tá aprendendo.

D= E cê tinha algum conhecimento de costura já.

M= Tinha, eu tinha conhecimento assim que iria, mas mesmo na máquina, eu tenho corte e costura mas eu num sou muito chegada à roupa não, eu sou

mais as bolsas. Ser humano é muito complicado pra lidar, aí se faz uma, tem uma, se eles vão lá na loja e compra, tá juntando um paninho aqui, eles deixam, agora se vai numa costureira eles querem que tira. Então...

D= O que você quer pro seu futuro?

M= Ah! (risos) Que que eu quero pro meu futuro? Nossa! Sonho? Eu num quero muito não. Eu não sou muito ambiciosa. Quero muito é trabalhar, e ter, sabe, uma folga, uma sobrevivência sem ter que viver daquele aperto, sem ter que ficar se matando também sem a doidera que eu já faço no trabalho, mas eu já faço isso pra ver se eu consigo sobressair. Pra ver se entra aquele pouquinho a mais. Eu já digo pouquinho porque já que eu estou sozinha, eu não estou mais na cooperativa num vai ter mais aquele volume, né. Ah, eu não exijo muito não. Atualmente estou tentando montar uma confecção de bolsas. Eu e minha sobrinha. Ou volto pra Cooper. Aí a gente faz esse trabalho lá dentro, ou então eu vou fazer sozinha. Deus abençoar que eu consiga garra porque já tá meia cansada né, mas a menina tá nova, então quando vem sangue novo, assim, vai, vai de vento em popa. Tá muito animada então ela vai. O que eu sei eu vou passar pra ela e ela, a garra que ela tem ela passa um pouquinho pra mim.

D= E você conhece outras cooperativas têxteis na região?

M= Eu cheguei a fazer visita só na Cooper Fem. Foi só na Cooper Fem. Foi só na Cooper Fem, nas outras eu não cheguei a ir. Eu não conheço nenhuma. Dizem que aqui próximo tem uma, artesanal de reciclagem. Mas eu não cheguei a fazer visita não lá.

D= E que que você achou da Cooper Fem?

M= Olha, no sentido de? Geral?

D= É, em comparação com a Cooper Cris?

M= Gente, a Cooper Cris tinha tudo, tem tudo. Elas, por menos que a Cooper Cris tivesse, Elas teriam, elas tinham muito mais do que a Cooper Fem, porque a Cooper Fem tava as menina lá embaixo de um telhado baixíssimo, umas maquininhas lá, não lembro mais quantas máquinas, se eram 3, 4 máquinas. E as meninas todas, o povo só tem mais que ter garra, porque, em termos de material, assim, a estrutura mesmo era, em geral.

(Neste momento, sua sobrinha a interrompe no fundo, em som quase inaudível, informando que a cooperativa em questão era a Cooper Lance. Somente diz, "era a Lance")

M= Era a Lance? Era a Cooper Lance. Mas a Cooper Fem também eu não sei como é que ficou não. A Cooper, eu acho que é a Cooper Lance hoje tá trabalhando, a Zuleica tá trabalhando com a , com esse mesmo trabalho, mesmo, das bolsas. E eu queria levar esse aqui de volta para a cooperativa. Mas elas não querem. (A entrevistada confunde o nome das cooperativas. A Zuleica pertence à Cooper Fem)

D= E nisso teria bastante trabalho?

M= Tem. Tem porque desde que eu peguei eu num parei, eu tô quase ficando do, agora já disse que, agora que eles me deram uma folga, que eu dei uma relaxada, porque a, entrega hoje pra pegar amanhã. Aí então, e eu num, não gosto de pegar, assumir um compromisso e você chegar, e eu preciso falar ah, num tá pronto. Tá, eu me sinto super mal. Peguei, eu viro a noite, num almoço, num janto, eu num vô ao banheiro, fica alí, vou fazê. Eu quero que quando

chegue aqui esteja pronto. Agora também, se fala, num vai dá. Num adianta apertar que num dá. Eu gosto de trabalhar sob pressão. Mas desde que eu sinta que eu tenho como cumprir aquele, aquele prazo.

D= Ok Maria de Lurdes. Muito obrigado.

M= Não há de que. Espero que esteja a contento

Entrevista com o então ex-cooperado Anatólio José da Costa, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Qual o seu nome completo?

A= Anatólio José da Costa.

D= Anatólio, porque você saiu da Cooper Cris?

A= Eu saí da Cooper Cris por, é, foi um desentendimento entre as, as partes lá, né, porque eu queria impor um ritmo de serviço e ninguém concorda com o ritmo de serviço, porque aquele tipo de trabalho que elas fala, as menina tava fazendo num, num leva, eu, pra mim num leva a nada. É um tipo de, de, de, elas fecharo um círculo, fecharam um, ficaram em meia dúzia alí e não tem como trabalhar em, em escala maior, né, porque são muio pouca gente, não abriro um leque, né, pra, pra pode te uma, mais profissionais pra dá um suporte, isso ninguém aceitou, que eu queria fazer também ninguém aceitou, e foi por desentendimento memo de, de, de contabilidade é...

D= Diferença de idéias?

A= É, de idéias.

D= Você acha que, porque que se dá, por que que se deu essa questão delas agirem dessa forma?

A= É, é o que eu falei, por ter fechado um grupo. Elas num permitia que entrasse ninguém.

D= Mas porque elas não permitiam, na opinião do senhor?

A= Porque elas esta, porque elas estavam, já se conheciam e ia po gente estranha no grupo, num ia dá certo e assim por diante.

D= Cê gostaria de voltar pra cooperativa?

A= Ó, eu até tinha combinado com a minha irmã pra gente voltar, fazê, montar a linha de produção de bolsas lá, só que naquele proce, naquele continuidade que elas tão ali não dá, não funciona,num dianta eu voltar e ficar marcando um espaço alí enum vai saí do nada nunca, alí num vai saí nunca da daquilo.

D= Por que a estrutura não é adequada ao mercado de trabalho?

A= Não, a estrutura é adequada, não é adequada, adequada as pessoas, a meia dúzia de pessoas que tá alí que não tem um.

D= Um modo de trabalhar?

A= Um modo de trabalhar de, de, de produção. A gente divide, pega uma peça pra fazer, vai fazer aquela peça, num se trabalha assim. Em equipe cê tem que trabalhar em conjunto. Se não trabalhar em conjunto não dá, não faz. Eu sei porque eu trabalhei por conta, eu tive uma confecção, uma confecção de ternos, fazia paletós, então eu tinha uma equipe de 6 costureiras. Eu cortava, colava e dava pra elas, e, e no, no final lá a hora que saísse todo mundo pegasse no paletó, saia pronto. Mas todo mundo tinha que pegá no paletó. E alí não, alí você pega uma peça, é só aquela peça. Então num vai, num, num, num, num

se funcio, num funciona, confecção não se fun, num, num, num dá produção pra, pra, pra ter um, uma área de trabalho com aquela mentalidade.

D= Porque consequentemente num traz rendimento? Né?

A= Hmm, de, num tem, num tem produção, num dá rendimento, porque a, apesar que cê vai perguntar depois, a área de, de, de, de ca, de funcionamento da cooperativa, ela tem que ter uma abrangência, por que no caso, você ter as cooperadas alí, cê teria que ter uma, uma, umas áreas de, de, escape, fora da cooperativa. Que a hora que ocê precisar de pegar lá, vão supor, 300 camisetas, se teria que ter uma área de escape procê distribuir aquelas camiseta e fazer num tempo recorde, quanto mais rápido você fizer, melhor, mas não, por que a pessoa pega 50 camisetinhas alí e fala, a não, num vou dar pra ninguém, que eu, que eu vou fazer. Então ela fica lá assim uma semana, hmm, pra fazer 50 camiseta, aí num vai a nada. Uma equipe de 6 pessoas, 50 camisetas se faz em 3 hora. E num, com o maquinário que tem alí dá pra fazê se fizé uma linha de produção. Que é o que eu to, eu sempre baseio nisso.

D= O que o senhor acha do mercado de trabalho hoje?

A= Ele é muito competitivo, cê só tem condições de se manter nesse mercado se você tiver uma linha de produção produtiva. Tem que ser uma quantidade. Porque hoje em dia é qualidade mais quantidade. Se você não tiver quantidade você não consegue ficar no mercado de trabalho.

D= E pro trabalhador no mercado de trabalho? Procurando emprego, como é na opinião do senhor?

A= É, qualificação, né? Se ele não tiver uma qualificação num é, cada vez mais complicado, né? Se não tiver um, um, um meio de se qualificar ele vai ficar

sempre, estando sempre pra tras né, num tem, apesar que, que nem eu, eu sempre, nunca fiz curso de cortador, de, de cortador de roupa, de nada. Aprendi sozinho lá no, nos benditos ternos lá, foi o lucro que eu tive foi esses ternos. Foi a, o serviço de cortador. Hoje não, eu fui lá cortar bolsa, eu tiro minha diária sossegado, agora, né, porque, porque é uma qualificação que ocê tem. Num, se não tive uma qualificação hoje, cê num progride, num faz nada.

D= Qual foi a motivação do senhor para participar da Cooperer, Cooper Cris?

A= Exatamente a Cooper, é, por ser um grupo, por que um, por cê um grupo te, ele teria muito mais condições de ser competitivo no mercado de trabalho do que vo, eu sozinho, então você poderia, é o que eu falei, a quanti, é, a quantidade, né, de produção, se teria que ter uma, uma, uma quantidade suficiente que eu sozinho jamais iria conseguir. Inicialmente né, então é a base aí é a produção. Sozinho você é um só e se você junta em bastante gente, você vai ter condições de trabalhar mais e o próprio capital. Você junta 10 real de cada um aí dá, né, e você sozinho vai ter só aquele deizinho alí, num vai dá pra nada.

D= Qual a motivação que o senhor imagina que as outras pessoas tinham para participar da Cooper Cris?

A= Ah, eu imagino, pelo que, que ocorreu, ele, elas nunca tinham trabalhado por conta própria então elas achava que era dinheiro fácil. Que era lucro, muito lucro rápido. Fácil. E não o trabalho em sí. Esse era o problema, né?

D= Quais os problemas enfrentados no processo de fundação da Cooper Cris?

A= É, os pro, os problemas que ocorreram foram de novo a qualificação de mão de obra, né, que ninguém tinha, ninguém entendia, ninguém sabia de

nada, e os advogados, o advogado que veio da prefeitura que falou uma coisa e num era nada daquilo, né, foi quase que tipo uma propaganda enganosa, mais, num é assim dizer não, é, é isso mesmo, é qualificação e nada mais, que ninguém tinha então foi começado assim uma coisa bem lenta, aí entrou aquela licitação lá que ninguém entendia de nada, nós, nós patinemo (sic) no início bastante tempo, e num ganhemo (sic) nada e foi aonde mais desanimou todo mundo, né, porque trabalhou quase 3 mês e ninguém ganhou um centavo. E o que ganhou foi o dinheiro das máquina que a gente pagou as máquina e, mas cê vive só de máquina? Cê come máquina? (risos) Não, né?

D= Quais as pessoas que participaram do processo de fundação?

A= Quais? Ah, acho que foi todo mundo, né? Todas que tão aí, ninguém num, depois da fundação num, num, o grupo num deixou entrar mais ninguém. Entã, eu acho que a maior falha foi essa. Que a, foram saindo e num foi colocando outras no lugar. Elas num, ninguém aceitou isso.

D= Havia necessidade de ajuda externa?

A= Eu, pra mim, ajuda externa assim seria um, uma firma que fornecesse serviço, né? Mais não pra, pra vim dá, dá, dá ordem da, da, da coisa, o grupo, ele, ele teria condições de fazer a, ele teria condições de fazer uma, um trabalho tranquilo, mais...

D= Mas a ajuda externa que eu falo, para qualificação?

A= É, não, qualificação, exatamente. Precisou, teve, né? Teve muitas costureiras que foram fazer aulas de corte e costura, que lá na realidade não era corte e costura, lá era só mais pra pegar ná máquina, só da, que eu já também já cheguei até a ir lá pra, que a professora lá falou, o que é que você

está fazendo aqui? Cê num precisa disso. Que eu já, já costurava, né? Então ela. Mais é, o essa ajuda lá, foi, agora que tá saindo uma ajuda melhor, porque tão fazendo, fazendo modelagem, essas coisa prá podê desenvolver um trabalho pra cooperativa né, não só mão de obra.

D= Houve envolvimento de algum órgão social como a prefeitura, ou então sindicato, igreja, com a Cooper Cris?

A= Não, ho, houve vão pô assim, uma ajuda da da prefeitura, né, um, um envolvimento assim mais ou menos, mais envolvimento em termos né, porque nós pegamos a, nós pegamos a, a, a o negócio dos shorts, a licitação dos shorts da prefeitura de Hortolândia, e por sorte foi que a gente num, num, num, por ser a prefeitura eles, né, deram uma, uma elasticidade maior pra gente poder entregar os shorts, senão a gente ia ter que pagar multa e tudo.

D= Constitu, construída a Cooper Cris, quais foram os primeiros passos dados?

A= Primeiros passos? Ah, é, pegava serviço de, serviço de poucas, de, de várias pessoas a gente pegava, né. Pra Celian a gente chegou a fazer serviço pra elas.

D= E quais os problemas então verificados nesses primeiros passos aí, por exemplo, por que não continuou com a Celian?

A= Falta de mão de obra qualificada. Que era um serviço mais, muito especializado e nosso pessoal num tinha essa.

D= A exigência de acabamento?

A= De acabamento, que a gente só tinha uma costureira que ela tinha trabalhado na zé, na Zero Bala, né, que ela fazia isso, então, caia tudo encima

dela e as outras, é complicado né, num, num é falta de mão de obra qualificada que deu esse problema.

D= E, quer dizer, nesse caso haveria então a necessidade de um apoio ou, de cursos de?

A= É, não, no caso aí teria que ter condições de, de pegar uns profissionais que fossem qualificados. Por que naquele serviço, a pessoa que, memo que ele tivesse um curso, ele não vai ter uma qualificação, assim imediata. Um curso num dá isso, ele te ensina, mas você vai pegar o negócio devagar, a costura é assim, você começa meia meia, aí cê vai, conforme você vai fazendo você vai aperfeiçoando, vai melhorando né, até chegar no, no aperfeiçoamento que a Celian quer. Então, não tem como você chegar vim, de cara assim fazer um negócio que você num, é pisar no último degrau, se, se você num pisou nos dois anteriores.

D= E hoje?

A= Mesma coisa, continua só uma que, que, que sabe as coisas e as outras fica alí nos papo delas.

D= Mas por que que o senhor acha que se dá esse processo então?

A= Fechamento de grupo. Elas num aceita que entra ninguém de fora pra, eu tentei, eu até, té tentei voltar aí pra cooperativa, mas o, o, sabe, né, eu já, como eu tinha saído, num fui bem, bem, num chegaram a falar pra mim que eu não podia voltar, mas sabe, se sente né que num tá legal o negócio, então num adianta né, num quis forçá e num, o cer alí, pra aquilo alí o certo memo é, é encerrar e, e eu mesmo num, eu tô começando com a minha irmã lá, a gente comprou já alguma máquina, tamo esperando a definição disso aí pra vê se a

gente consegue pegá mais umas duas máquina tamém, aí a gente pegá costureira e montá uma confecção por conta. Ou de roupa ou de bolsas, a minha irmã tem bastante prática em bolsa e tra, trabalha já a 3 anos com bolsas, né. Então é um ramo muito produtivo, tá tendo mais do que roupa, o lucro da bolsa tá, tá muito melhor do que de roupa, um caminho novo né, que, que, que apareceu aí que tá, tá dando a desejar.

D= E dentro da Cooper Cris, o que o senhor mais aprendeu?

A= O que eu mais aprendi? Ah, eu, paciência. A ter paciência é o que eu mais aprendi, ter paciência, por que cortar eu já sabia, eu, costurar eu costurava pouco mais também tem né, que fazer alguma coisa e, e foi um, paciência, é, participação de, do grupo, né, mais aprender mesmo assim alguma coisa é, foi mais um conhecimento do que um aprendizado né, da, de, do cooperativismo, porque a gente não sabia nada e pelo o que parece, na Cooper Cris, continua ninguém sabendo de nada.

D= O senhor tinha algum conhecimento de costura?

A= Tem um pouco.

D= Como que o senhor aprendeu? Como que o senhor teve esse conhecimento?

A= Eu aprendi com, com um cunhado que eu tenho, que ele é alfaiate, né e que a gente trabalhou 2 anos né, esse aqui foi eu que fiz. (aponta para a calça) Então eu cortava, ele, e ele chegou, cheguei a fazer calça, fazer camisa, camisa dessa aqui fa, eu cheguei a fazer, então eu fazia várias coisas. Camiseta, camiseta eu, eu fazia sozinho quando eu, aqui na cooperativa mesmo eu cheguei a fazer. Um dia lá eu precisei de 20 camisetas lá que o

rapaz tava precisando pra urgente, cortei as camisetas, num apareceu ninguém, eu fiz as camisetas sozinho, 20, as 20 camiseta num dia sozinho e entreguei. Cortei e fiz, e...

D= E dentro da Cooper Cris, do grupo, teve alguma ação para mudar essa situação?

A= Não. Só reclama, o problema delas é só reclamar e não cumprir, além de não cumprir horário, quando tão lá trabalhando, o horário é, é específico. Horário pra entrar num tem, mas pra sair é 5 horas. num tem um, passou daquele ali ninguém trabalha mais. É uma coisa que prá você que é dono num existe.

D= E o que o senhor quer pro futuro do senhor?

A= Rapaiz, eu quero descansar, aposentar, em dezembro agora eu me aposento e eu num tô a fim de quebrar a cabeça mais com nada, viu. Mais eu vou ajudar minha irmã lá, eu vô, ela vai montar a confecçãozinha dela mais minha sobrinha lá, vou arrumar umas costureira e eu vou dá uma mão pra ela.

D= E o senhor conhece outras cooperativas têxteis na região?

A= Só a Cooper Fem e a Cooper Lance.

D= Tá jóia seu Anatólio, obrigado. (risos)

A= (risos)

ANEXO C – Entrevistas com membros de outras cooperativas

Entrevista com a cooperada da Cooper Lance Adjane Gonçalves da Silva, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Qual o seu nome completo?

A= Adjane Gonçalves da Silva.

D= Adjane?

A= Gonçalves da Silva.

D= Como você conheceu o cooperativismo?

A= Ah, eu conheci através da, assim, quando eu entrei na cooperativa já existia, né, ali no Conceição, lá no Conceição através da Efigênia, da Rosa, já era, né, participava já da cooperativa e elas assim, me convidaram e, e eu comecei a participar através disso aí.

D= E porque cê quis participar de uma cooperativa?

A= Olha, porque foi que, uma que a gente é dona de casa, a gente fica só em casa, a gente precisa fazer alguma coisa, né, pra ajudar na renda, e foi justamente na época que entrou as bermudas, os shorts para fazer e a gente continuou.

D= Quer dizer, você entrou nas coopera, na cooperativa também um pouco pela necessidade, pra confecção dos, das bermudas da Cooper Cris, que terceirizou pra Lance?

A= Isso, hum, hum, isso.

D= Como foi criada a cooperativa que você participa?

A= Olha, então, isso que eu falo pra você. Quando eu entrei já existia, né. Mas assim, teve um grupo que iniciou, aí esse grupo desistiu, aí depois disso ficou só, é, a Efigênia e a Rosa deu continuidade na cooperativa, só mudou o nome, mas continuou, né, a cooperativa, mas aí eu já tava, que eu num tava desde o início né, porque antes ela já existia de eu entrar.

D= Cê sabe por quê que elas desistiram?

A= Olha, num sei, naquela época num tinha curso, num tinha, num tinha muita ajuda da, da prefeitura, né. Eles num investiam muito assim no início né. Depois que foi, dando foi dando uma ajuda, uma força assim pra que desse continuidade. Aí acho que não deu certo por isso. Eu acredito.

D= Houve, ou há dificuldades na cooperativa de vocês?

A= Houve, bastante dificuldade, tanto na, quanto na, pra fazer né, uma, tipo assim, uma, pra fazer as coisas né, é, tirar molde, que a gente num tinha ainda, começou a começou a aprender com tecidos, né. Vamo fazê? Vamo. E a gente aprendeu assim na marra, porque a gente não tinha uma ajuda, um curso né, então financeiramente num tinha também assim aquele dinheiro pra investir em tecido assim e aí houve bastante necessidade de, teve época assim, que todo mundo assim, pensava mesmo em desistir mesmo, né, poderia continuar né. Porque a, até hoje mesmo tá um pouco difícil ainda né. Tá difícil, né. Ainda tá ainda aberta.

D= E as dificuldades hoje são do que?

A= Então, hoje criou o curso, tudo, né, tá com, é, tá, tão fazendo o curso tudo, mas daí, financeiramente, não tem verba pra, assim pra você subsistir, né, na cooperativa. E outra, porque muita gente que estava com a gente também que saiu por, por não ter retorno, fazer, fazer, trabalhar e não ter retorno, então muita gente desistiu, né, só ficou mesmo lá, na, lá onde eu tou, só ficou 4 pessoas e né e uma assim quase num vai indo, só mesmo eu, a Efigênia e a Rosa que estamos mais com condição de ir lá. Aíndá mais, muita gente desistiu porque não teve retorno, né. Achou que era uma coisa e foi outra completamente diferente.

D= Na sua opinião, o que temos de bom no cooperativismo?

A= Olha, o que temos de bom?

D= Na sua experiência?

A= Olha, na minha tá assim, que eu achei assim que foi de bom, porque eu adquiri mais assim, como é que eu vou dizer pra você, assim, me apeguei mais na costura, os bord, assim, comecei a gostar mais de costurar, de, de tá é inventando moda, essas coisas assim né, eu assim, sei lá, antes eu num ligava muito. Eu tinha máquina em casa tudo, mas eu num inventava, num, e hoje não, hoje posso dizer que eu posso assim, muito, mesmo antes de fazer o curso, eu já pegava uma peça de roupa eu olhava e dizia, vou fazer igual e efrentava e fazia, entendeu, então porque isso foi de bom pra mim, né, mas na cooperativa mesmo assim quando a, quando às vezes num tem, num tá entrando verba, que num tá dando certo, é, o curso, tem muitas vezes que fazer o curso é aquela dificuldade, realmente assim você sente um desanimado, num sei, porque é muito fácil não.

D= Na sua opinião, o que se tem de ruim no cooperativismo?

A= Olha, eu acharia assim, que poderia muito dar certo, que poderia dar certo se todo mundo trabalhasse em união, se não houvesse assim, tipo assim, eu, ah porque muitas vezes cê sobe, sabe, assim, num sei se o ego, ou num sei o que que é, por que muitas vezes cê quer, você quer ser melhor, você quer mandar mais, e o cooperativismo não é isso. Cê tem que trabalhar sabendo que você tá alí também aprendendo, você é igual a todo mundo. Então muitas vezes assim, eu acho que o que num, po, não, não está assim, que não deu mais certo, seria essa parte aí de, de haver assim, entendeu, muitas vezes você vê que como que eu vo falá pra você, que a pessoa tá querendo cê melhor, que a pessoa tá querendo mandá mais, tem que ter união. Tem que ter união, sinceridade, honestidade, sabe, tem que ter tudo isso no cooperativismo, e muitas vezes assim não tem. As pessoas não é clara, porque assim tipo, a, a cooperativa é pra você ter sempre alí uma reunião, sempre tem reunião pra esclarecer, colocar tudo em pratos limpos, ó, a gente fez isso, entrou isso, saiu isso, sabe, a gente deu, vai dar, vai dar pra pagar isso, vai dar pra, pra tirar pra isso, então tinha que ter, sabe, vô cê sincera, onde eu estava não tinha isso. Onde eu tô não tem, não tinha isso antes, né. Quando a gente tava assim mais, agora a gente tá fazendo um, um curso, não tá tão dando esse tempo, mas eu tô sendo sincera. Precisava ter isso pra que as coisas se encaixassem melhor.

D= O que você mais aprendeu com o cooperativismo?

A= Ah, eu acho que eu aprendi assim a, eu aprendi a ser mais responsável, a, a, uma profissão, eu tô tentando aprender, né, uma profissão como costureira, né. E eu aprendi, assim, e isso que eu tô falando pra você, porque eu aprendi

que pra dar certo tem que haver essas partes aí. Honestidade, sinceridade, clareza todas essas partes juntas.

D= E em Hortolândia? Como funciona o cooperativismo aqui?

A= Olha, eu assim mesmo sem, um ficar sabendo assim, da cooperativa da Marlene que houve uma separação. Porque eu admirava muito assim elas, né, alí já tava registrada, eu ta, tinha assim pra mim que tava assim a coisa certa, caminhando tudo certo, que tava dando certo. Mas depois assim que houve isso aí eu acredito que num é aquilo que falam, sabe, não é aquilo que as pessoas falam, que sabe, que principalmente uns, aqueles que são né, as autoridades que falam que é isso, que é aquilo, que é aquilo, eu não acredito mais que é aquilo, isso que eles falam, mas é totalmente diferente, num é aquilo que a gente, pela vem dizer, pela aparência, mas num é aquilo.

D= As cooperati, as cooperativas recebem alguma ajuda nesta cidade?

A= Olha, lá nós nem, nós, lá nós, antes de receber as bermudas a gente recebeu uma ajuda né, pra compra em máquinas, essas coisas assim, né. Pra comprar um pouco de máquina, investir um pouco na máquina e também em tecido. Mas aí, eu acredito que, que é só quem é registrado né, cooperativa que é registrada que pode receber as verbas que o governo dá, porque lá como nós num, como a gente não é registrado aínda lá, acredito que num, pra nós num tem muito, muita ajuda.

D= E quando vocês tiveram ajuda foi de quem?

A= Foi assim, foi passado da Marlene, né, pra lá. Mas sempre ela tá no meio, a cooperativa dela tava no meio.

D= Através da Marlene?

A= Através da ajuda dela, da cooperativa dela a gente era também beneficiada.

D= Como uma cooperativa sobrevive no mercado?

A= Como sobrevive? OLha, vo, eu num sei, tá bem mal viu agora, agora num tá muito bem não. (risos) Eu acredito que nenhuma daqui de Hortolândia tá indo bem.

D= E como você conheceu a Cooper Cris?

A= Cooper Cris eu conheci através da, da, através da nossa né, cooperativa, a gente conheceu a Marlene daí a gente começou a conhecer a Cooper Cris.

D= Que que você acha da Cooper Cris?

A= É, é como eu já falei né, eu admirava a Cooper, a Cooper Cris, admirava as menina que trabalhava, eu achei, eu achava que já tava montado o grupo certo as pessoa certa, que ela tava indo bem, que ela tava trabalhando, que elas tava recebendo, mas depois eu vi que num é nada disso. Né, que elas falavam.

D= Por que cê acha, que está dando errado?

A= Olha, às vezes, falta de união, às vezes é falta de concordância no meio, é no meio do grupo, às vezes é uma querendo ser mais do que a outra e isso é que atrapalha. Porque eu falo pra você, tem tudo pra dar certo, tem, se tiver uma ajuda do, do, do prefeito, se tiver uma ajuda é, também né em cursos, se tiver honestidade no meio, tem tudo pra, acredito que tem tudo pra dar certo, mas eu não sei isso, se não houver isso é o principal, é a chave. Sabe? É a chave. É, tem que ter esta concordância, esta honestidade alí, clareza em tudo. Tem que ter, porque senão não dá certo.

D= Você acha que é possível dar certo o cooperativismo?

A= Eu acho, eu acho que sim. Eu acredito que se houvesse uma pessoa assim de, de com firma, de que tivesse alí, não, vamos, vamos, tem que ser assim, vai ser assim, tá, boa pa tá coordenando, assim, tipo, nós, ajuda, é, é tudo assim, prático, hoje vai ter reunião, amanhã, amanhã nós, nós temos que, que fazer isso, entendeu assim, tudo, coordenando alí, tudo, eu acredito que daria certo sim. Mas uma pessoa assim que solta, que num tivesse nada assim, escondido. Sabe, uma pessoa assim aberta. Eu acredito que daria certo sim. (problemas do cooperativismo dentro do K, necessidade de educação para o trabalho e para a competição.)

D= E o que você quer pro seu futuro?

A= O que que eu quero? Ah, eu quero aprender, eu quero é assim, como é que fala, assim, aprender realmente a costurar, ter minha profissão, né,(risos) e, agora no momento mesmo eu tive que arrumar um escape, assim, um trabalho pra mim, porque eu tava, em casa tava meio seco, né, porque eu tava passando, eu tinha 4 filhos, só meu esposo trabalha, e eu tive que procurar um escape, né, é, tô alí trabalhando na "House", eu não sei se você conhece, loja de cortina, é a gente fabrica assim, né confecção, é, um monte de coisas, né, vende tecido, tô trabalhando como auxiliar de costura, pra mim que foi uma benção né, porque, nossa, auxiliar de costura assim cê sabe né, faz só as pré da costureira né, mis, assim tá sendo uma benção pra mim, sabe, mais eu pre, preciso né fazer mais né, muito mais ainda, pra chegar.

D= E essa profissão foi algo que você aprendeu na, na cooperativa que é a Cooper Lance?

A= Isso, é antes eu já mexia, gostava, sempre assim admirei máquinas, né, eu gostava, via minha avó costurando, eu queria inventar as coisas de costura e sempre gostei, mas assim, lá foi, foi onde que eu comecei a costurar na, nas máquinas né que eu nunca tinha pego máquina industrial, as coisa assim e foi onde realmente eu comecei né, a minha carreira. (risos)

D= E você conhece outras cooperativas têxteis na região?

A= Não, só essa daqui da Marlene e na Zuleica lá eu nunca fui na cooperativa dela, num sei como funciona, mas, mas assim mesmo.

D= Só, você conhece então a Cooper Lance e a Cooper Cris?

A= Só.

D= Tá bem, muito obrigado.

A= Tá bom então. (risos)

Entrevista com a cooperada da Cooper Lance Efigênia Maria Assiz de Oliveira, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Qual o seu nome completo?

E= Efigênia Maria Assiz de Oliveira.

D= Efigênia Maria Assiz de Oliveira?

E= Isso

D= Como você conheceu o cooperativismo?

E= Ah, conheci lá no meu bairro, através da Marli né, que era uma das pessoas que trabalhavam na cooperativa, que era, antes de ser Cooper Lance, era Brilhante. E a gente conheceu, a gente começou a trabalhar juntos, só que no

começo todo mundo pensa que é, é mar de rosas, né, que você vai começar hoje amanhã você já tá, cê já ganha bastante, e não foi assim, então a gente, ai as pessoas foi saindo e foi ficando nós 4, que é eu, a Rosires, a Jane e a dona Telma, né. E até hoje ainda tá, e hoje que a gente tá formando outro grupo que nós temos agora 15 pessoas, nós precisamos primeiro, optamos pelo curso, pra gente começar direitinho, pra ver se, ce sabe.

D= E porque você quis participar de uma cooperativa?

E= Porque eu é, é, na minha casa, eu ficava muito em casa e num tem muito o que fazer, num tava trabalhando e, e pra mim pessoalmente, né, foi muito bom pra minha vida pessoal, saí um pouco, pra minha auto estima, que achava que eu num tinha capacidade pra fazer nada e eu num tenho estudo então eu num conseguia fazê nada. E pra mim foi muito bom. Acho que é por isso que até agora (risos) que eu tô lutando, to correndo atrás, sabe, eu ví que eu sou capaz, de fazer uma coisa, de aprender alguma coisa.

D= E você sabe como foi criada a cooperativa que você participa?

E= Hmmm, por que ela era mui, era, a moça ela já costurava sozinha, que a intenção dela mesma ela falou que seria uma cooperativa mas a intensão dela era montar uma oficina, fora, a parte né. Aí foi que conheceu a, a cidadania aí, que a gente começou só que eles começaram ensinando a gente errado. Ja co, veio errado pra gente. E a gente não teve capacitação nenhuma, era só promessas, promessas, promessas, e a gen, o que eu mesmo aprendi até hoje assim, a costurar foi sozinha, foi curiosidade, né, agora que eu tou vendo que a coisa é completamente diferente daquilo que eu tinha aprendido, que lá é, lá no Senai é completamente diferente né, e eu vi que olha, que eu não sei nada, e

por isso que a gente sofreu bastante. Mais num faltava serviço pra gente. Mesmo assim a gente sempre trabalhava, sempre batalhava e a gente sempre correu atrás, a gente nunca desanimou. Né, quando uma dá uma desanimada, a outra ajudava, né. E, mas em questão da moça mesmo era abrir uma oficina na casa dela, pra ela, né, e a gente trabalhar e a gente optou pela cooperativa. Só que eles nunca ensinaram pra gente o que que era realmente uma cooperativa. Sempre marcavam que ia lá, dar palestra sobre cooperativismo, sobre, sobre tudo sobre cooperativa. E nunca, o que a gente foi aprendendo foi curiosidade da gente mesmo, a gente chegou a procurar o Sebrae, né, fazer alguns cursinhos no Sebrae, tudo, por conta própria, porque, até hoje só em palavras, que é uma cooperativa, que, que fala um monte de coisa, mas na prática mesmo é que nem o seu Zé falou, que é completamente diferente o que eles passam pra gente com o que a gente faz, o que a gente vê aqui, é completamente diferente.

D= Houve ou há dificuldades na cooperativa de vocês?

E= Houve, muita, muita dificuldade.

D= Quais são essas dificuldades?

E= As dificuldades mais foi por a gente não saber, né. Por a gente não saber e como a gente ia pegar, eu mesmo eu corria atrás do serviço e não conseguia, mas eu mesmo não sabia, não tinha como falar pra elas. Então sempre a gente dependeu muito da Jane, que é essa primeira que veio aqui, né, a gente dependia muito dela, que é ela que dava, ela fazia, o que dava pra gente fazer a gente ia fazendo e ela que pegava mesmo no pesado. E até hoje ainda

temos essa dificuldade, por isso que hoje nós optamos primeiro fazer os cursos pra depois a gente... (educação)

D= O que era a imagem que você tinha do cooperativismo e o que realmente ele é?

E= Nós tínhamos uma imagem do cooperativismo porque é, a gente ia nas reuniões e eles mostravam uns quadros lindos né, e a gente que era assim, que você ia ser dona do seu próprio negócio, e que ia, que a prefeitura ia nos ajudar, então a gente se iludiu muito e esqueceu da realidade, foi muito no sonho, né? E quando a gente chegou mesmo, começou, conseguiu fizemos dívida de 10 mil. (risos) Porque, assim, eu mesmo, eu nunca tinha passado por uma dívida de 500 reais em 10 vezes, coisa assim, né. Nós pegamos uma dívida de 10 mil reais. Em máquinas, com cheques do esposo da Rosires, com cheques do meu esposo e naquela, mais, Deus foi fiel com a gente. Nós conseguimos pagar tudo chorando e se você visse um anel na casa das pessoas era só chorar, né, num tinha o que fazer, mas a gente conseguiu pagar, né, saldar todas as dívidas, né, as máquinas que nós temos é todas nossas, tudo paga, tudo, mas depois disso veio o desânimo, que a gente lutou, lutou e a gente só viu que num, ai desanimou mesmo, a gente só num fechou assim, por uma, a gente assim é muito amiga, muito amiga mesmo, viu, por uma dá força pra outra, senão nós tinha parado, e onde a gente corria as portas estavam fechadas, a gente procurava, não assim dinheiro, nada, uma palavra, ou alguma coisa pra orientar a gente, pra gente, né, e num tinha, se chegava, ó num sei, ah num foi eu, ah, num sei como fazer isso, ai, sabe, deixou nós numa situação muito difícil. Muito difícil. E aí a gente deu uma

desanimada, agora nós estamos retornando um pouco, recomeçando, né, que nem a Jane agora vai ter que sair, vai trabalhar fora, vai ter que sair e trabalhar fora.

D= Mas o que tem de bom no cooperativismo?

E= Olha Daniel, pra mim falar pra você a realidade, o que eu até agora ví de bom mesmo, de bom, foi a amizade que eu fiz, com as menina, o companheirismo, a sinceridade, na mesma hora que uma tá brava, fala, a, fala mesmo tudo aquilo o que tá assim, tudo, todo mundo abaixa, ouve, aí depois saiu daí também morre alí. Aí no outro dia fala as mesmas pessoas e o problema fica alí dentro da cooperativa, fora daí não temos problema, não tem nada, cada um, chega no outro dia a gente voltava a trabalhar, tava todo mundo do mesmo jeito, contente, se uma tava triste, a outra num procurava falar, ah, sei tá, tá. Então, foi uma lição de vida assim pra gente eu acho que o ano valeu a pena pra gente foi a nossa amizade. (risos)

D= (risos)

E= Se pegou, hein? (risos) Até agora, né. Daí agora daqui pra frente a gente tem outra...

D= E o que tem de ruim no cooperativismo?

E= Ruim? Aí, se eu for falar pra você, é, quase tudo. É fogo. (risos)

D= Por que, hein?

E= Por, pelas as pessoas assim que a gente conheceu fora. Então, sabe, interesse daquelas pessoas. E até quando era o Dimas e a Izabel.

D= Da prefeitura?

E= É. Era bem melhor. Sabe? Eles num ajudava a gente financeiramente, assim nada, mas ele sempre tinha uma palavra, sabe, a gente precisava de companhia a gente ia lá, conversava, eles nos orientavam, nos ensinavam como que a gente ia fazer, tudo, né. E depois que eles saíram, agente ficou assim sem poder contar com ninguém, porque tem coisas, que nem, é, o meu esposo, né, ele é meio assim, como se diz, fechado. Quando eu tô com algum problema assim, eu, eu num tem como eu passá pra ele. Sobre isso, né, intão nós entramos num, pegamos um serviço uma vez, e nós ficamos muito preocupada, porque, uma jaqueta, Daniel, e tinha contrato. Ou a gente pagava, entregava no tempo certo ou a gente ia pagar uma multa. Maior do que o preço da jaqueta. E eu tive tempo e eu dizendo e a gente num, num terminava. A gente trabalhava dia e noite e num passava. Aquilo parecia que num rendia. Num sei se o medo que a gente ficou de num entregar tudo atrasado, atrasar e o moço começou a ligar, de 5 em 5 minutos, sabe e a gente é ligou pra, pra conversar, pra ver se eles, né, e deu problema na nossa máquina, pra ver se eles tinham como levar com a perua, só a máquina pra arruma pra gente, a gente ficou num desespero muito grande, aí chamamos um moço lá e, o senhor Anselmo, ele é lá de Ribeirão Preto, e conversamos com ele, tudo, né, e ele falou, a hora que ele olhou a gente acho que ele ficou com dó da gente, ele falou, tudo bem, aí terminamos, entregamos pra ele, mas depois disso, só que a nós num recebemos nada. Só que ele não cobrou a multa

D= Quer dizer, ele não cobrou a multa mas também não pagou nada?

E= Não pagou nada, não recebemos nada. Sabe o que é ficar 20 dias ali direto, direto, direto? Então foi, foi, foi o fundo do poço pra gente.

D= Trabalharam 20 dias direto sem receber nada?

E= Sem receber nada.

D= Como vocês se sentiram nessa situação?

E= A gente, nada, sabe, assim, se sentiu arrasada. Daí a gente num, acho que foi o último assim, o fundo do posso mesmo, foi o que a Jane também foi trabalhar, né, eu tava mesmo assim, a gente sempre ajudou muito um ao outro, e você, mais aí ela achou melhor ir trabalhar, né, nós também optamos pelo, ou fazer os cursos ou num, porque foi difícil, e porque a gente pegou, a gente ligou pras demais cooperativas e a gente ia dividir esse trabalho, e todo mundo aceitou de pegar, e quando foi trazer o trabalho aí ninguém quis pegar. Ninguém pegou mais. (Neste momento resolvem procurar uma preparação para o trabalho)

D= Por que?

E= Num quiseram.

D= O que você mais aprendeu no cooperativismo?

E= Eu aprendi muita coisa. A valorizar mais, sabe? A acreditar mais em mim, nas, é e desacreditar também nas pessoas, (risos) mas acreditar mais em mim, e, olhar assim pra frente e ver que que tem (risos) opção, que nós erramos bastante também. Nós erramos muito, mas aprendemos bastante.

D= E em Hortolândia? Como funciona o cooperativismo aqui?

E= É. Nós estamos a, pra começar, nós estamos a 2 anos, né, no coop, na, na cooperativa. E a gente num tem uma solução de nada, tudo quando você tem, que você vai começar a caminhar que tá tudo certinho, que tá tudo arrumado, tá tudo, aí quando chega no outro mês troca a, a, muda as pessoas, aquilo que

se fez, batalhou o tempo todo já não vale mais nada, entendeu? Aí, o que que acontece, Cê vai conversar com o secretário, ele, mas eu não assinei nada, eu num falei nada, então, cê vai recorrer a quem? Num tem, a quem recorrer. E, cê vê, Sumaré começou bem depois de nós e eles, dia 20 agora eles já, já terminaram os cursos, tudo, já foram pa incubadora. Nós estamos batalhando ó...

D= Cooperativas de Sumaré?

E= De Sumaré. E nós estamos batalhando isso até hoje. Até agora. Então muitas pessoas num podem nem ouvi fala em cooperativa. As pessoas que passaram pelas cooperativas tudo não gostam nem de ouvir falar, não gostam, não acreditam.

D= Por que cê acha?

E= É porque é muita mentira, muita coisa errada, ruim.

D= Isso por parte de?

E= Do, do, dos órgão público.

D= Entendo. As cooperativas recebem alguma ajuda nessa cidade?

E= Não. Quando, no comecinho, quando era a o Dimas, a gente recebeu sim, a gente, um ajuda deles, né. Mais depois disso, tudo que era promessa, que era os aluguel, que era as coisas que é de direito da gente, que ia nos ajuda, nada.

D= Mas então como uma cooperativa sobrevive no mercado?

E= Porque as pessoas tem força de vontade, persistência, né, porque se fosse depende deles, a gente num tem nada.

E= Qual seria a solução pra isso, na sua opinião?

D= A solução, é, porque a gente é, assiste, a gente vê muita coisa, a gente viu é no Nordeste, é ce vê aquelas cidades que eles num dão nada, né, as pessoas batalhando, o governo, ajudando, tudo, a cooperativa que, que tem lá, né? Então a gente queria, que nem, agora, se dependesse da prefeitura, nem os cursos a gente num tava fazendo. É que o Osni tem brigado bastante, tem ido, tem falado, tem cobrado e ele falou pra gente, nem que fosse pra prefeitura não pagá, e ele ia lutá pela gente, né, por esses cursos, que muitas pessoas precisam de uma capacitação, né, porque a gente também num pode fica dependendo deles, dinheiro, disso, daquilo, a gente, a única coisa que a gente queria deles era isso, a capacitação, o, um empurrão pra gente começar, né, que muitas vezes mesmo pra gente conseguir dinheiro pra vir nas reunião, a gente tira dinheiro da gente, compra tecido, faz, vende, pra gente ter um dinheiro pra gente ir numa reunião, né, aí às vezes vem pra cá, outras vezes ia pra, pra Americana, assim, então a gente nunca teve ajuda nenhuma, nem de transporte. Os cursos começavam, paravam porque a prefeitura num podia dá o transporte. Então é isso que a gente queria, nem tanto assim financeiro, né, mas a gente queria uma ajuda sim, porque fica lindo, agora pras pessoas novas, que a gente começou fazer os cursos, tudo, a gente conversando, elas tão animadas, eu espero que eles nos ajudem nessa parte. Pra gente conseguir montar, porque depois de, do, do, do, tudo que a gente investiu em máquina, tudo pra gente parar tudo, deixar, eu acho que é.

D= E sobre a Cooper Cris? Como você conheceu a Cooper Cris?

E= É, através da Marlene. Né, nas reunião. Que a gente ia, e ela também participava das mesma, participa, né, das mesma reunião que a gente e a gente.

D= Do Pólo Têxtil?

E= É, do Pólo Têxtil. Daqui da, da, da cidadania aí, né. E, quando pego as bermuda.

D= Como é que foi esse trabalho das bermudas hein?

E= Daniel, foi a coisa mais frustrante que já aconteceu pra todas as cooperativas.

D= Por que?

E= Foi 70 mil bermudas, foi combinado um valor pra ganha essa licitação, todo mundo aceitou, só que assim, combinaram, depois eles dá afora, a cada cooperativa, uma quantidade pra, pra repor, né, porque a gente ia pegar a 50 centavos cada bermuda, então depois disso, aí a gente arrumou pessoas pra trabalhar, porque eram muitas, muitas peças, a gente arrumou as pessoas pra trabalhar e o dinheiro que a gente ganhou, num dava nem pra pagar as pessoas. Aí entrou aquela luta, aquela briga, e aquilo num acabava e cê tinha que acertar as pessoas, num tinha dinheiro, e a gente, lá no bairro que a gente mora é ruim você ficar mal com o seu vizinho, né, ainda mais no na parte de dinheiro, né. E elas cobrando, tanta coisa, no fim a gente só pagou. Pagou, pagou, pagou, se a gente falar pra você que a gente num, não recebeu nada, pra gente assim, pra nós 4 acho que num é certo, cada uma que foi, que foi quase, num sei, uns 4 meses, aí se num podia, que nem a gente tinha firmado na lingerie, a gente já tava bem, e assim né, já dava, aí a gente teve que parar

tudo, a gente tinha um caixa que a gente ia registrar a cooperativa, tudo, então a gente já tinha caixa, tudo certinho, tinha nossa vida, tudo organizadinho, né, aí, ti, a gente tivemos que gastar o que nós tinha em caixa, inda, pra num fica devendo, assim, pras pessoas, a gente teve que tirar tudo o que tinha. E quase perdemos máquinas, né. É que a gente batalhou bastante e não chegou a acontecer isso. Mas por pouco, aconteceu. Teve uma pessoa de outra cooperativa que foi humilhada lá na cidadania por um senhor que chegou lá e encontrou ela, por ela tá devendo pra, pra esposa dele, nossa, mas ele faltou pouco pra chamar ela de santa. Então foi uma coisa muito, e até hoje a gente num recebeu tudo o que tinha de receber. E cê vai, cê fala com um, é, e agora a gente até esqueceu, né, assim, que cê falava pra um, num era aquela pessoa, cê falava com a outra, não era.

D= Da prefeitura?

E= É.

D= E qual a sua opinião? O que você acha da Cooper Cris?

E= É, o pouco assim que, a gente mais tem contato assim é com a Marlene, né, mas o pouco que a gente conhece as meninas, elas num, num tá muito satisfeita, num tá, assim né, muitas querem que fecha, outras querem que fica, mas é uma cooperativa pra, que tinha tudo pra caminhar, porque a Marlene batalha, é, sobre serviço, ela, bastante serviço, ela ajuda, né, mas, eu num.

D= Por que hein? Você acha que tem esses problemas?

E= Tem que falar memo? (risos)

D= Me ajuda bastante! (risos)

E= Eu acho que elas num concorda muito com a administração da Marlene, né. Eu acho que elas queriam que ela ficasse mais lá, fizesse mais parte, né, tá ali, no dia a dia, com elas, que é sofrido, (risos) ali no dia a dia com elas, nem que fosse, num fosse o dia todo, né, pelo menos meio período. E, batalhando com elas, e, muitas vezes elas acham que ela só aparece nas horas assim de, entrevistas, de aparecer, né, então..

D= Entendo.

E= Mas é o que elas acham.

D= E, entendo. E sobre você, o que você quer pro seu futuro?

E= Meu futuro? Eu, agora eu coloquei na minha cabeça que eu quero ser uma costureira, realmente, né, aprender realmente, fazer, nem que a gente num fique, numa cooperativa, né, mas a gente ter uma coisa que a gente, eu a Rosires, a Jane, a dona Telma, temos assim, mais nós 3, temos assim a mesma opinião. Nem se for depois a gente montar uma coisa nossa e trabalhar, batalhar juntos, né, pra gente ver que valeu a pena tudo aquilo que a gente passou, porque o, o, se a gente, o que mantém a gente de pé é isso. A gente lutou, lutou, lutou, né, e agora cê deixar tudo pra trás por causa dos outros, não agora nós vai agarra nessa oportunidade que nós estamos tendo, dos cursos, capacitar, esforçar bastante, por que é nisso a gente é esforçada Daniel, olha, tem uma coisinha aqui a gente batalha porque eu tenho, ela tem, ela paga minha passagem, se a outra num tem, a gente corre, trás e, e tudo que eles fala, olha, tal hora, tal lugar, assim, assim, a gente tá lá. Às vezes a gente é a primeira a chegar, chega antes por causa do horário dos nossos ônibus lá que é difícil e a gente tá sempre ali, sempre buscando, sempre o, a

gente tamos lá assim, até engasgado e a gente fala, não, vamo só ouvi. Que muitas vezes é melhor cê só ouvi do que cê falá né, tem hora, é melhor cê ouvi, aí chega lá na frente, cê vê o que é bom pra você e o que num é, o que num for ocê joga fora. Não é verdade?

D= É isso aí.

E= Mas a gente tem que tá agora, temo colocado isso na cabeça e fala assim e a gente vai batalhá e vai vencer.

D= E você conhece outras cooperativas têxteis na região?

E= Não, não conheço, nós conhecemos só mesmo aqui e agora a turma de Sumaré né? Não conheço não.

D= A Cooper Cris, e a Cooper Lance, que são vocês.

E= E a, a Fem.

D= A Fem.

E= A Cooper Fem, também que é de costura. Elas também tão batalhando, tão lutando né e a gente tá fazendo os curso tudo junto e eu torcendo pra elas.

(risos)

D= Tá bom minha querida, obrigado

Entrevista com a cooperada da Cooper Lance Rosires Pereira Diamantine, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Qual o seu nome completo?

R= Osires Pereira Diamantino.

D= Osires Pere?

R= Ro.

D= Rosires

R= Pereira Diamantini.

D= Diamantino.

R= Ne.

D= Diamantine. Como você conheceu o cooperativismo?

R= Ah, eu conheci lá no bairro, quando as meninas formaram a cooperativa aí eu entrei na outra gestão, que essa menina que formou ela hoje não tá mais na cooperativa.

D= Cê sabe o como foi formada a cooperativa ou porque elas formaram?

R= Ó, eu não lembro muito não. Porque quando eu entrei elas tinha, elas tinha saído de um curso do, naquele tempo do, que o Covas tinha montado um, montado um salão lá e deu vários cursos, aí desse curso que saiu elas montaram, elas trabalharam um tempo fora, com uma pessoa que tinha ministrado o curso e depois montaram a cooperativa através do do Dimas, da Izabel, né, que, o Ilário, na época, o doutor Geraldo. E começou a fazer reunião né, e incentivar o cooperativismo. Aí que começou a cooperativa.

D= E no seu caso, o porque você quis participar de uma cooperativa?

R= Ah, foi mais assim, eu não entendia muito de, eu ouvia falar tudo, mas nunca tinha trabalhado em cooperativa. Foi mais pela opção de, de um emprego, porque pra trabalhar no seu próprio empreendimento, porque sempre assim, eu trabalhei em casa, assim, com artesanato, essas coisas, né. Então aí eu ví a proposta eu achei legal e comecei ir, ai foi que eu comecei gostar, mas aí depois, (risos) aí depois também, tudo o que foi falado assim, aí a gente

começa a ver as realidade, né, se vai com um objetivo, um sonho, uma vontade, uma garra e depois cê começa a ver as realidade que não é bem só aquilo que a gente visava

D= Houve, ou há dificuldades na cooperativa de vocês?

R= Ah, houve muitas e há muitas.

D= Quais são?

R= Uma, a causa da maior dificuldade, porque foi assim, quando começou a cooperativa, as menina que começou a cooperativa, que era a instrutura, tudo assim, elas sabiam costurar, elas já costuravam pra fora, aí quando pegou o, o shorts, ela não chegou nem a costurar, ela abandonou o barco. Aí nós costuramos o shorts, tudo e ficamos. Só que depois do shorts, nós aprendemos costurar praticamente quase o shorts, aí nós fazia nossas coisa, do nosso modo, porque ninguém nunca tinha feito um curso de costura, nem de modelagem, nada disso. Aí nós começamos a fazer isso aí tudo, aí depois disso daí do shorts as pessoas foi desintegrando da, da cooperativa e aquelas pessoas que sabiam costurar qualquer tipo de costura, elas saíram, e aquela proposta do curso que tinha, de 3 anos atrás, que tá acontecendo agora, foi ficando, ficando, ficando, e a, e, e a gente esperando a capacitação até hoje e agora que tá acontecendo. Mas só que daí, esse pessoal tudo, já se perdeu no longo do, do prazo.

D= E o que temos de bom no cooperativismo?

R= O que temos de bom? É a capacidade de você entender que você pode fazer acontecer. Aquilo que tá dentro de você. Se você, mesmo com toda dificuldade, com todo problema, mais você ter com quem contar também, pra

aquilo acontecer, porque às vezes nem só sua iniciativa, o seu sonho basta. Se você não se capacitar na área né, de costura mesmo, num vai acontecer, porque, mas aí mesmo assim você sabe que pode ir fazendo, que nem nós, nós fomos aprendendo aos pouco sozinhas. E o, até hoje nós aprendemos, temos que aprender, entendeu?

D= E o que temos de ruim no cooperativismo?

R= O que temos de ruim? É porque as pessoas já entram visando lucro e, e vantagem, e às vezes num quer cumprir todos os métodos como uma empresa. Por isso que acaba estragando o lado do cooperativismo. Você tem que ter uma equipe boa. Que tenha os mesmos objetivos, a mesma forma. Tipo assim, aquele sonho de investir. Aquele sonho de progredir. Não aquele sonho que você ganha hoje e dispersa amanhã sem investir no negócio pra ir pra frente. Pra você achar essas pessoas, se todas tem o mesmo pensamento, é difícil, só que não impossível, entende, mas você consegue achar, só que quando você encontra essas pessoas a maioria mesmo, que nem no nosso caso, a maioria hoje das pessoas, elas trabalham em casa e tem, compraram suas máquinas, tudo e trabalham em casa com suas próprias, né, com suas próprias confecção que elas costura. Mais existe ainda pessoas que sonha, que acredita ainda no projeto de cooperativismo, embora, nós mesmo quantas vezes a gente tem vontade de largar tudo e deixar pra trás, porque a, a, a gente aqui não tem renda pra você produzir tudo aquilo que você necessita, uma capacitação, um maquinário, outras coisas do investimento, que necessita de órgãos pra fazer isso, é desgastante, isso aí que desgasta e acaba com o cooperado.

D= Cê vê a necessidade de ajuda externa?

R= No caso de mulheres que são convidadas a participar, mulheres de, mulheres assim, que no seu lar, a renda já é baixa, já é comprometida pra aquele foco alí da sua manutenção do lar. Então elas entra visando ter uma renda. Os seus esposos que não tem conhecimento, acha que elas vão já começar a ganhando. O que que acontece? Acontece que às vezes até se tem um conflito com o esposo. É um caso que não aconteceu comigo, com ela e que ela, porque os nossos esposos já tem mais a mente aberta, mas aqueles esposos que não tem uma mente aberta, ele vai questionar com a mulher, ele vai impedir a mulher de trabalhar por falta dessa renda que complementa o dia a dia do lar.

D= E o que você mais aprendeu com o cooperativismo?

R= Olha, a acreditar, esperar, perseverar. Foi as coisas que eu mais aprendi até assim, sabe, quando você pega uma coisa e vê que deu errado, que você fala assim, poxa vida, tinha tudo pra dar certo, como que aquilo foi dar errado? E agora, que é que vai acontecer? E você fica alí preocupado, e você às vezes fica assim sem saber que iniciativa você vai tomar. E às vezes cê fala assim, ah não, vo, vo saí disso daqui, eu tenho uma oportunidade de trabalhar lá fora no que eu achar, mas aí eu sei que eu vou ter uma renda que eu vo saber que vou receber todo mês aquilo. Mas aí você aprende a perseverar, a esperar e acreditar, porque se você não apreder isso, você não consegue ficar na cooperativa.

D= E em Hortolândia? Como funciona o cooperativismo aqui?

R= Olha, funciona, pra mim funciona péssimo. Esse negócio aí de, de empreendedorismo, essa propaganda toda deles, ainda tem-se muito o que

fazer. Porque o que a gente vê é que se fala muito e se faz pouco. Porque quando o prefeito toma iniciativa, muitos num tem. Quando que o prefeito quer que aconteça, outros tem que querer que aconteça também. Senão, não vai acontecer, uma andorinha só não faz verão, principalmente no meio político, né, você sabe. Mas o prefeito, ele até tem, assim, como é que fala assim, ele tem até vontade de fazer com que isso aconteça, mas às vezes falta vontade das pessoas também. Se as pessoas querer que aconteça e num ir buscar pra acontecer, o cooperado num ir buscar pra acontecer também num vai acontecer, então tem que acontecer em ambas as partes, o prefeito, a economia solidária fazer e nós fazer com que aconteça porque existe muito isso no coop, no cooperativismo, na cooperativa, as pessoas entra aí começa, aí muitas querem relaxa, num quer cumprir horário, num quer cumprir a sua tarefa de serviço, às vezes num quer fazer uma hora extra, então isso aí tem tudo a melhorar e o apoio, o apoio do, do município é fundamental quando se não tem.

D= E as coop, as cooperativas recebem alguma ajuda aqui na cidade?

R= Não, a única ajuda que as cooperativas recebem é uma cesta básica.

D= Certo.

R= E básica mesmo. Aquele basiquinho mesmo, porque o que é tem que falar, porque mesmo a gente sendo pobre, a gente não come só o básico, não é verdade? A gente sempre tem muito mais a complementar, mesmo no básico é muitas coisas que são básicas. Não é só arroz, feijão, macarrão que são básicos e óleo, não é verdade? O básico tem muitas coisas. Então, só isso daí.

E, nós veio receber isso no meio

no meio do, ó, não tem muito tempo não, acho que não tem nem um ano, né, que a gente recebe isso aí, essa cesta básica.

D= E como uma so, uma cooperativa sobrevive no mercado, hein?

R= No caso da nossa tá sendo difícil. Porque nós não estamos produzindo pra ter renda. Não, então a sobrevivência é assim inesistente. Existe mas é como se não existisse.

D= Como você conheceu a Cooper Cris?

R= Bom, a Cooper Cris eu conheci através das reunião, que a gente começou a conhecer a Marlene e aí logo que a gente começou a conhecer já pegou aquele trabalho pra, que foi todas as cooperativas juntas pra trabalhar, que foi através da Cooper Cris, que a Cooper Cris pegou o serviço. Então começamo a conhecer a Marlene, a Cooper Cris através do serviço vinculado, né?

D= E o que você acha da Cooper Cris?

R= Olha, eu acho que a Cooper Cris em vista das outras cooperativas tá até num estágio bom, sim. Só que falta garra das pessoas fazê acontecê, né? Não só da presidente, que não adianta a presidente correr atrás que o cooperado não querer que aconteça. Bom, acho que falta garra dos cooperado querer que aconteça, que, quebrar um pouco assim é, com a colaboração, e outra coisa, eu acho que se ele enfrenta mesmo, colocar a cara eu acho que ele faz acontecer mui, muito grande. Basta eu acho que crer, colocar a mão no arado né e trabalhar, não é verdade?

D= Por que que cê acha que acontece isso, hein?

R= Por causa disso aí que eu falei pra você. Por causa da falta de renda que num se gera no esperado das pessoas. Então que que acontece, Quando você

gera uma renda, pra muitos que necessita daquela renda, aí começa o desânimo, começa as pessoas não acredita naquilo, porque eles tão acostumados a ganha, a todo mês. Então, eles vem pro cooperativismo esperando aquilo. Aí, quando vem todas as cooperativas é assim, quando vem aquele, sabe, aquela vontade, quando vai dando problema, porque outros problemas aí, não é o patrão que tem que resolver, os patrão somos nós, só nós que temo que resolver, nós vamo te que lida com problemas, nós vamo te que sê patrão, vamo te que cê funcionário, nós vamo te que se administrador, te que se tudo, intão isso aí é gera conflito, porque cada um tem que saber o seu papel na cooperativa, no momento que se fosse pa orientá sem acusá, se, eu acho que assim, porque tudo no mundo acontece, quando nós tava fazendo curso no Senai o moço falou que a empresa dele já tem bastante tempo no comércio mas às vez eles errou um lote de calça, mil calças e daí e tudo voltou pra traz. E aquele lá ele tinha patrão. E se acontece na cooperativa? Então, é na hora que todo mundo tem que parar, pensar e falar, tudo bem, errou, porque, errou , tudo bem, errou, vamos agora consertar assim mesmo e vê, porque você num só tem mar de rosas no cooperativismo, porque muitos problemas, não respirar, trabalho, trabalha, a metade é parte, negócio é outro negócio, trabalho é trabalho, funcionário é funcionário, patrão, uma vez que o horário tem que ser tudo saber que se põe todos os lugares, senão tá feio.

D= E o que você quer pro seu futuro?

R= O que que eu quero pro meu futuro? Em primeiro lugar, eu espero que a cooperativa seja um estágio bem elevado, nem que até o fim eu não permaneça nela. Mas que ela esteja num estágio bem elevado, que essas pessoas dê

continuidade em tudo aquilo que a gente sofremos, batalhamos pra, pra conseguir. Pra conseguir que acontecesse, por que olha, hoje quem tá vindo, nós esperamos 3 anos por um curso, hoje quem veio ontem pegou isso daí sem saber o tanto que a gente suou pra conseguir isso aí.

D= Você conhece outras cooperativas têxteis na região?

R= Não, eu num conheço. Aqui em Hortolândia? A num ser essa e a Cooper Fem, que é da Marlene a Cooper Fem, eu não conheço não.

D= Ok. Muito obrigado Rosires.

ANEXO D – Entrevistas de uma empresária – cliente

Entrevista com a empresária participante do Pólo Tec Tex, “R”, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Qual o seu nome completo?

R= R.

D= Como funciona o processo produtivo de sua empresa, R.?

R= O meu processo produtivo na parte de costura é todo terceirizado. A parte de produ, de desenvolvimento de produto e de corte é interno

D= Como você conheceu a Cooper Cris?

R= Eu conheci a Cooper Cris através do APL local - Pólo Têxtil.

D= Quais são as das empresas no que diz respeito à produção terceirizada mercado atual?

R= Eu vejo dois benefícios. Primeiro a parte de você está com a produção interna, é, você, é, tem encargos, é, como fala, é, salários, encargos, e em épocas de sazonalidades, que você não tem produção, você é obrigado a arcar com estes tipos de, de pagamentos, então nessa fase quando você não tem essa mão de obra interna você num tem esse gasto.

D= Quais as dificuldades atuais de uma empresa no ramo têxtil?

R= O principal seria os impostos. Encargos são muito altos. E a falta de mão de obra especializada.

D= O que foi bom no contato com a Cooper Cris e o que foi ruim?

R= A Cooper Cris trouxe para nós a possibilidade de uma produção maior, centralizada num único lugar. E, mais, devido a sua falta de estrutura interna, de alguns problemas internos, nós acabamos, é, num tendo esse tipo de retorno, então o que nós vimos de, de ruim na Cooper Cris foi essa falta de organização.

D= Há contribuição dos poderes públicos, é, para a transformação desse setor?

R= Ah, aqui que nós conhecemos através da APL tem o SEBRAE e também o SENAI através do APL oferece alguns treinamentos gratuitos, desde que você esteja ligado a alguma empresa do APL.

D= O que você pensa sobre o cooperativismo em geral?

R= Eu acho que é um forma das pessoas estarem tendo uma oportunidade maior porque elas somam a mão de obra e dividem as, os custos, os gastos, e também é, com o contato com as pessoas que tenham um outro tipo de experiência elas estão, de uma certa forma aprendendo, evoluindo.

D= Você conhece outras cooperativas têxteis da região?

R= Não. Eu só conheci a Cooper Cris.

D= E no caso da Cooper Cris ainda, por que você é, acredita que foi dessa forma e ela teve os problemas que teve?

R= Eu senti muita falta de instrução da parte delas pro volume de, de negócios que o, que a cooperativa oferece. Então se elas tivessem tido instrução, treinamento, alguma consultoria que tivesse um acompanhamento eu acho que ela teria um melhor resultado.

D= E como era o processo delas de trabalho?

R= Elas, é, o primeiro contato foi feito por mim, que eu peguei o telefone delas no APL, eu fiz o contato, elas vieram até aqui, só que não veio uma pessoa pra sabe, essa parte comercial, veio a, praticamente a cooperativa inteira, e o que eu achei desnecessário, porque a, o passo que, que eles estão vendendo algum produto, vendendo a, oferecendo um serviço, o restante já poderia estar produzindo. Então aí eu achei um ponto falho, uma, uma, uma, uma forma errada deles agirem, mas daí vieram todos aqui, nós acertamos o trabalho, eles montaram uma peça, nós aprovamos e eles, e começamos a mandar os cortes pra eles.

D= E porque o contato se findou?

R= Deve ter havido algum problema interno, que nós não ficamos sabendo e eles pediram tempos, que estavam tendo algumas reformulações, estavam passando por alguns momentos difíceis que depois quando se acertavam que eles entrariam em contato novamente.

D= E como funcionam os preços de mercado de costura em relação aos preços da cooperativa?

R= Os preços praticados são os mesmos. É, o mercado que oferece esses valores e você tem, você acaba tendo que acompanhar. E foi oferecido pra cooperativa o mesmo valor que estavam pagando em outras oficinas e foi aceito.

D= Ok "R", muito obrigado pela atenção.

R= Obrigado, Daniel

ANEXO E – Entrevista com o diretor técnico do Pólo, Osni Nobre, realizada no segundo semestre de 2007.

D= Quais as dificuldades das confecções no mercado contemporâneo?

O= Olha, essas dificuldades são variadas. Eu tenho um estudo que você vai poder pegar com a Tati que vai lhe passar todas essas informações, mas se você for avaliar, essas dificuldades envolvem dois ambientes, o ambiente interno da empresa e o ambiente externo. Mesmo no ambiente externo, nós temos dois outros ambientes, o ambiente que envolve o mercado nacional e um segundo ambiente que envolve o mercado internacional. Dentro daquilo que a gente chama de competitividade conjuntural e competitividade estrutural, esse estudo, ele diz exatamente o que as empresas precisam fazer, inclusive com um, com uma matriz propositiva dizendo exatamente o que as empresas devem fazer dentro de suas empresas, o que o governo, através do executivo, do legislativo, e as entidades, sindicatos, associações que representam essas empresas

D= O Pólo tem encontrado algum apoio dos poderes públicos para a resolução dessas questões?

O= Parcialmente. Então você tem, na esfera regional, onde nós temos a atuação do Pólo nas cinco cidades que hoje fazem parte do Pólo, Americana, Santa Bárbara do Oeste, Nova Odessa, Sumaré e Hortolândia, nós temos tido apoio do poder público municipal para desenvolver aquilo que nós necessitamos, mas ainda limitadas, as questões ainda relacionadas não a

políticas públicas de desenvolvimento setorial aqui na região, mas mais voltadas pra ações da, an, é, pontuais na área da competitividade da empresa, restritas a parte de capacitação, ou desenvolvimentos de projetos como incubadora. Se você for ver na esfera estadual, acontece algo semelhante. O estado tá mais voltado pra resolver questões pontuais do tipo de qualificação de mão de obra do que questões é de, conjuntura da ordem fiscal, por exemplo, an, a união também se encontra na mesma situação, ela tem vários programas que atendem questões de competitividade voltadas pra inovação e tecnologia, mas ainda, tem muitas dificuldades de entender que carga tributária elevada, que o dólar tá é, apreciado de um jeito que, que está, é, tá comprometendo você exportar e facilitando a concorrência internacional nos nossos mercados no nosso Brasil, um, um, uma mão de obra onde ela é até barata, mas quando você emprega os encargos trabalhistas ela passa a ficar muito cara. Você tem um outro aspecto que envolve o custo de capital no Brasil que é altíssimo. Então essas são questões que poderiam ser resolvidas ou pelo menos minimizadas com uma atuação mais assertiva do governo federal resolvendo essas questões. Coisa que nós não vemos a médio, a curto e médio prazo nenhuma solução.

D= E como uma cooperativa pode auxiliar no processo de auxílio ao desenvolvimento da região?

O= É, vão pegar especificamente o nosso projeto, onde nós identificamos que na cadeia de transformação da indústria têxtil, nós temos nós temos a confecção que poderia ser a grande locomotiva dessa cadeia de transformação. E aqui na nossa região, ela tem um gargalo imenso chamado

de mão de obra na área de costura e na área de manuseio em geral que a gente pode chamar de artesanato, né. E se esse gargalo, ele não for resolvido, nós vamos ter algumas dificuldades pra reter a indústria de confecção aqui na nossa região, segundo, pra fazer ela crescer na nossa região e terceiro pra trazer empresas, é, de outras regiões para cá, é, sem falar da quarta possibilidade, que é fazer com que derrepente a gente transforme a indústria da confecção numa atividade econômica dentro da cadeia muito mais pujante do que aquela que nós temos hoje. Então nós identificamos que uma das formas de nós pegarmos e resolvermos essa questão e até melhorarmos, é, o sistema de terceirização da produção da confecção que existe hoje, que mais de 98% dele é terceirizado dentro da informalidade da região sem qualidade, sem produtividade, sem comprometimento da, dessa mão de obra com o seu cliente, pra parar por aí em termos de problemas e não falar da, de passivos trabalhistas imensos que esse pessoal anda plantando. Nós definimos que nós devíamos pegar, montar em cada uma das cidades participantes do Pólo Têxtil uma incubadora pra pegar, perenizar o processo de criação de cooperativas costura e manuseio voltadas para indústria têxtil e de confecção aqui na nossa região. Então a função da cooperativa é justamente de dar formalidade, trazer qualidade e produtividade pra esse setor, ou seja, profissionalizar um setor que hoje, pra crescer ele precisa, é, dessa mão de obra com um nível de qualificação que nós estamos disponibilizando pra esse mercado.

D= OK. Você acredita que a solução aos problemas de mercado pode ser encontrada no cooperativismo?

O= Olha, as soluções não, mas você resolve um dos problemas, que envolve hoje a indisponibilidade de mão de obra qualificada com um nível de comprometimento que haja as empresas gostariam que essa mão de obra tivesse, mais que isso, mais que você ter uma quantidade imensa de costureiras aqui na região, o modelo hoje moderno de confecção é, trabalha com a idéia de uma produção terceirizada, pra permitir que os donos, que a empresa, bote foco no desenvolvimento de produto e no desenvolvimento de mercado. Então, mais do que ter costureiras qualificadas, nós temos que ter costureiras organizadas em empreendimentos produtivos na forma de cooperativas, na forma de faccionistas, mas a gente percebe já na avaliação que a gente fez aqui na região e fora dela, que o modelo mais adequado, que permitiria, né, uma estrutura produtiva mais adequada pro perfil de demanda da nossa indústria de confecção seria a de cooperativa, uma das razões pelas quais é, isso se justifica, seria o, a diferença que você tem entre a contratação de uma costureira pra trabalhar pra você como funcionária, uma costureira que vai trabalhar dentro de uma empresa de facção e uma costureira que vai estar como cooperada dentro de uma cooperativa. Você tá falando de pelo menos de 20 a 30% de diferença de custos entre essas três modalidades a favor da cooperativa.

D= No caso da Cooper Cris, o que o senhor acha que ocorreu de errado com o grupo?

O= Alí foi um projeto iniciado pela prefeitura de Hortolândia sem uma base adequada dentro do trabalho. Houve a preocupação de se formar um grupo, mas não houve uma preocupação de dar condições pra que esse grupo

sobrevivesse, mais ainda, se desenvolvesse do ponto de vista de empreendimento auto-gestionado, não foi dado o mínimo de qualificação para as cooperadas da, é necessários pra que elas pegar e desenvolver de forma profissional e competitiva o seu trabalho. Terceiro, não foi feito uma aproximação dessa mão-de-obra com os mercados demandadores de serviço, então faltou, a, além de tudo isso, talvez, uma infra-estrutura mínima que permitisse, não só no caso da Cooper Cris, como outras cooperativas lá da cidade, é, se desenvolverem da forma como hoje nós estamos fazendo esse trabalho lá, que é através de uma incubadora, capacitação na área de gestão, toda capacitação ocupacional necessária pro desenvolvimento da prestação de serviço da cooperativa de costura pros mercados que já estão identificados e esperando a finalização da qualificação desse pessoal nas cooperativas pra poderem começar a contratar serviço, enfim.

D= O que o senhor espera do futuro do setor têxtil de nossa região e qual futuro tem as cooperativas nesse cenário?

O= Bom, ã, o futuro, ele tem que ser construído e a indústria têxtil ela está se reinventando no mundo inteiro. Mais em função da globalização desse mercado e de "players" globalizados como China, Índia, Paquistão, pra gente parar por aqui. Um dado importante é que, na relação da, dos maiores exportadores de produtos textéis pra União Européia, nós somos o 26º. Então, nosso problema não se resume única e exclusivamente à China. Tem 25 países exportando mais pra União Européia e com um potencial de exportar para o Brasil, muito grande. Então, o que nós vemos é que nós temos que pegar, resolver os nossos problemas de competitividade conjuntural pra que,

estrutural, esse é um trabalho que tem que ser feito com a iniciativa privada e o poder público, não dá pra ser resolvido de forma separadas. Seria é, vital, é, que no curtíssimo prazo, o poder público federal, estadual e municipal pudesse entender a importância social e econômica da indústria têxtil de confecção pra geração de emprego, renda e inclusão social e mais ainda, né, o desenvolvimento econômico em várias regiões no país. Se isso for feito rapidamente, nós temos condições de escrever um futuro diferente daquele é, que hoje pode ser o futuro do setor têxtil em função da falta de ação por parte da, do setor público e do setor privado em relação destas questões que eu mencionei. O cooperativismo nesse processo ele pode ser o grande beneficiado e o grande ajudador nessa é, pequena revolução que nós deveríamos estar criando na cadeia de transformação da indústria têxtil, principalmente no que diz respeito à parte, diz respeito à confecção. Porque se a indústria de confecção, hoje ela se desenvolvesse, nos padrões que nos temos hoje numa Índia num Paquistão, numa China por exemplo, nós hoje estaríamos absorvendo completamente a produção de matéria prima têxtil pra indústria de confecção no país. Então hoje, em função de nós estarmos com aquilo que eu chamo de locomotiva da cadeia de transformação, que seria o elo confecção, vamos dizer assim, com uma performance econômica menor do que aquela que poderia ter, essa locomotiva não tá conseguindo ter, não tá tendo força de puxar os demais elos da cadeia produtiva que seria os vagões desse trenzinho da forma como poderia. Então se nós pegarmos e fizermos ã, esse trabalho da forma como inclusive propondo que seja feito aqui no Pólo, nós podemos pegar, dá uma força pra confecção na nossa região e no país tão

grande a ponto de pegar e fazer com que ela puxe toda a cadeia de transformação. Então a gente acredita que na nossa região nós vamos poder pegar e fazer isso. Estamos inclusive com o livre desenvolvimento comprometimento da indústria muito grande nesse nosso trabalho e com envolvimento da, do município, do estado e da união crescente no trabalho que nós estamos fazendo. Basta ver os 44 projetos que nós temos hoje em desenvolvimento e os convênios que nós temos assinados com entidades públicas na esfera municipal, estadual e federal.

D= Ok Osni, muito obrigado.

O= Resolvido?